BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

30 de Abril de 1996
Nº 25
Mensal
100$00

Director: João L. Queirós
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira, nº 1
3000 Coimbra
Telefone: (039) 38934
Fax: (039) 23505
Email: cabra@cygnus.ci.uc.pt

Queima em Força

Neste Número

Cinco Inscrições Grátis para o Rally Paper da Queima das Fitas

Descobre como ganhar na

Página 27

Propinas de Volta

O Ministro da Educação prometeu à Assembleia da República uma proposta de lei do Financiamento do Ensino Superior até Julho. Depois da reunião "secreta" de Caparide ficou no ar o regresso propinas. Associações de Estudantes preparam-se para a luta.

páginas 7 a 9

Letras Revoltas

A Faculdade de Letras esteve particularmente activa nos últimos dias. Por um lado, a RGA dos estagiários, cansados de "mini-concursos". Por outro, o primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Humanidades. Soluções procuram-se.

páginas 10 e 28

II acTUs

Terminado o segundo acto destes encontros, A Cabra foi falar com todas as companhias que por cá passaram durante vários dias.
O II acTUs revisitado.

páginas 13 e 14

Editorial

22 anos de Liberdade

25 de Abril de 1974. Convém ir recordando o que essa data significa para Portugal. Por muito que alguns insistam em subalternizar esta data ao 25 de Novembro, considerando que só então começou a democracia, a Revolução dos Cravos ficará sempre como o dia em que os portugueses conquistaram a liberdade. As tentativas posteriores de controlar essa liberdade não ofuscam o brilho dessa madrugada em que um bando de corajosos soldados decidiram acabar com "o estado a que tínhamos chegado".

Mas costuma–se esquecer que o 25 de Abril não afectou directamente só os portugueses. Também lhe devem a indepêndencia os restantes territórios que faziam o "Portugal de Minho a Timor" de que Salazar falava. E se os portugueses conseguiram transformar a liberdade conquistada em democracia, paz, afirmação internacional e bem–estar, o mesmo não se pode dizer dos restantes povos.

A Revolução dos Cravos deve ser, por isso, recordada com uma certa ambiguidade por angolanos, moçambicanos, timorenses, etc. O que ganharam em "liberdade", perderam em autoritarismo, guerra, subalternização ao bloco soviético e fome.

Pedimos a um angolano e a um timorense que escrevessem a sua opinião sobre o 25 de Abril. E confirmou–se o que se esperava serem os seus pontos de vista.

Cabe aqui tecer alguns comentários aos textos que abaixo se apresentam. Culpar o 25 de Abril da má descolonização, das guerras civis nos países africanos ou da invasão indonésia de Timor é o mesmo que culpar em Portugal o 25 de Abril do que se passou no PREC. É fechar os olhos à realidade. O principal culpado das desgraças que assolaram as ex–colónias portuguesas é, antes de mais, o Estado Novo. Porque nunca criou infraestruturas mínimas nas colónias e, sobretudo, porque não fez a descolonização quando a podia e devia ter feito. De resto, após o 25 de Abril, traficantes de armas, personagens a soldo de um ou outro bloco, homens ávidos de poder, todos colaboraram para que as coisas acabassem em guerra. No caso de Timor, mais triste, há que juntar a crueldade de uma ditadura ignóbil e o fechar–de–olhos da Comunidade Internacional. Muito há a lamentar sobre a Descolonização. Mas o 25 de Abril foi, em si mesmo, um bem.

JLQ

Timor–Leste

O 25 de Abril foi mal realizado, pois não chegou a cumprir os seus objectivos, ou seja, a Descolonização não foi feita mas o Governo Regional abandonou o Território. Consequência: Timor foi invadido pela Indonésia.

No entanto, a população timorense sentiu–se feliz com o sucedido, achando que a Revolução traria mais liberdade. Os timorenses estavam então livres para escolher o seu futuro, a todos os níveis, sobretudo político. Muitos partidos foram formados na altura, mas nem todos tinham a preparação política nem as boas intenções desejadas para ser poder em Timor. Consequência: Timor entra em Guerra Civil.

Em 28 de Novembro de 1975, a Fretilin proclamou unilateralmente a independência de Timor, conhecida por RDTL (República Democrática de Timor–Leste). Portugal não reconheceu essa independência.

Por todas estas razões e mais algumas, o 25 de Abril não foi positivo para Timor–Leste. Não foi positivo porque na invasão indonésia morreram cerca de duzentos mil timorenses, a Indonésia governa ilegalmente o Território há 21 anos e o sangue dos timorenses continua a correr.

António Ramos (Membro da Renitil)

Angola

Quando aconteceu o 25 de Abril, eu já ia à escola preparatória. Disseram–me um dia que a liberdade tinha chegado. Depois alguns colegas brancos deixaram de ir à escola. Os presos políticos começaram a ser libertados. Depois vieram as bandeiras, muitas e de muitas cores. E depois, a política, os políticos e a independência.

E as versões foram mudando com o tempo. A ordem de importância também. Afinal a liberdade era a independência que aconteceria de qualquer modo, quer fosse devido ao 25 de Abril, à revolta das Caldas ou devido à luta de libertação. E aí, quando fosse a independência, saíriam os mesmos presos políticos, seriam içadas as bandeiras e se calhar não haveria Alvor.

Mais tarde, quando uns não se entendiam com os outros, quando os complexos falaram mais alto que as ligações históricas, o 25 de Abril era apenas uma associação de angolanos e portugueses que num dia de Abril falavam de melhores relações e matavam saudades de outros tempos.

Agora, vinte e dois anos depois, pergunto–me o que tenho a ver com o 25 de Abril ?

Nada -respondo eu- mas, todos os anos, não deixo de pensar nos capitães de Abril como aqueles anónimos combatentes que também colocaram a sua pedra para que eu fosse angolano mais cedo.

Ismael Mateus (Angolano)

Balidos

Querem quê?

Boa pergunta leitor. Querem–nos mesmo emborrachar. O nosso super–herói preferido, o Bock, o tal do epíteto do sabor autêntico entrou em luta titânica, que até Queima, contra a Selecção Nacional (entenda–se Rui Veloso, Lunáticos, Carla Caldeira -ObaH!- Fernando Couto e restantes jogadores). Aliás o Infante D. Henrique já tinha previsto isto quando, ao ler Fernão Lopes, na antiga CAPRA - Especialis Descobrimentius- se lembrou da luta de Urraca contra as afrontas do seu ébrio sobrinho. Tudo isto no segundo piso da AAC.

Como prémio de uma t–shirt estampada, a Cabra lança o repto aos restantes super–heróis: Carlsberg, 7.2, Cheers, compal de pêssego e feijoada da cantina das Amarelas para a realização das Imperiais de Ouro (Parte II) com transmissão em directo para o Hospital dos Covões - pedimos desculpa à Escola Agrária por recusarmos o seu pedido.

Guarde a Cabra e fique rico

Por erro, a última edição da Cabra saíu com o nº 23. Perfeitamente normal, constata o leitor. Há, no entanto, o pequeno problema de o anterior também ter o nº 23. É o género de erro que se torna valioso ao fim de algum tempo. Por exemplo, há selos da Rainha Vitória que têm a cabeça ao contrário e que hoje, cem anos depois, valem fortunas. Por isso, caro leitor, guarde o seu jornal nº 23 de Março de 1996 e, daqui a uns mil anos, fique milionário. Como vê, ler a Cabra é gratificante.

Zitolândia

Era uma vez uma associação. Tinha uma presidentezita e muitos, muitos estudantes interessados em defender as causas nobres da Humanidade. Um dia veio um sr. engenheiro e disse que queria fazer uma regionalização. Então os estudantes uniram esforços à presidentezita e exigiram uma região só sua. Passaram a chamar a associação de Zitolândia, e criaram duas correntes filosóficas a que deram o nome de Zitismo e Parazitismo. Dividiram–se pelos dois conceitos e resolveram brincar às democracias. Inventaram estatutos, para terem muito tempo para fazer reuniões e assembleias de revisão. Depois inventaram uma série de lugares para sentar o pessoal mais amigo. E, levados pela emoção, fizeram eleições com listas e letras para todos os gostos. Umas mais cor–de–rosa que outras, mas sempre muito independentes. Mas entretanto começou a haver falta de espaço, a Zitolândia tinha poucas salas para tanta gente. Então os estudantes começaram a ficar nervosos, e deram–se as primeiras zangas nesta região que parecia tão pacífica. Primeiro foi um senhor chamado Magalhães que quis expulsar os estudantes ecológicos. O que ele queria era a sala deles... Depois foram os estudantes jornalistas que invadiram a sala dos estudantes filatélicos, porque afinal eles nunca lá estavam. Então a presidentezita zangou–se e foi–se embora, porque o sr. engenheiro lhe arranjou outra região mais calma para ela tomar conta. E a Zitolândia passou a chamar–se Queirozolândia, porque o chefe dos estudantes jornalistas conquistou o poder e passou a obrigar toda a gente a fazer reportagens chatas. Era uma vez um país.

AD

As máquinas que falam

O director da Cabralândia (Região Autónoma Administrativa da Secção de Jornalismo) decidiu incumbir–nos de entrevistar alguém inteligente. Começamos por ligar para marcar a entrevista, atendeu–nos a máquina (vulgo atendedor de chamadas) que nos disse - "Ligou para a M.M.V.B. -Máquina do Macaco que Vende Bolinhas- após o sinal deixe a sua mensagem e contacto", conseguimos entrevista logo a seguir a um menino que comprou duas bolinhas-

M.V.B. (Macaco que Vende Bolinhas)- Habla comigo...

A Cabra - O que pensa dos homens que falam como as máquinas?

M.V.B. - Me das una moneda te doi um regalo...

A Cabra - Pensa que algum dia as máquinas vão falar como os homens?

M.V.B. - Quiero ser un sinverguensa como tu...

Desausticamo–nos e viemos embora.

Não refeitos desta experiência fomos tomar café e comprar tabaco onde a M.T.A.A.C. (Máquina de Tabaco da Associação Académica de Coimbra) nos disse "gostei muito de o servir, obrigado"

#~ Decidimos não escrever o artigo!*

RF

Crime na Academia

Avisa–se os leitores mais sensíveis que a notícia que ides ler pode conter texto eventualmente chocante.

Como é sobejamente conhecido, havia no ENEF uma rata (a verdadeira e única RATA) que foi conhecida por todos graças ao protocolo que "A Cabra" tem com a CNN. Na tarde de domingo, já depois de ter alcançado e celebridade e a celeridade, A RATA foi barbaramente assassinada pelo Presidente da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra. Depois de A RATA, como era sua profissão, ter entrado (!) num dos buracos do não menos famoso Jogo da Rata e, como que hesitante em de lá saír, o principal suspeito tentou retirá–la de lá à força. As dificuldades foram muitas e, no momento crucial, quando a rata estava já "apanhada" sentiu a sua cabeça esmagada contra uma das paredes da famosa A.J.R. (Arena do Jogo do Rato). Assassinato cruel, que esperamos ser julgado rapidamente. Grupo Ecológico, há que actuar! Portanto, caros leitores, não se deixem enganar a rata de domingo não é A RATA do dia anterior.

A História da Queima

Fins do séc. XIX, os Romanos já não cercavam a Aldeia dos Gauleses e em Portugal a Vetusta Universitas Conimbrigensis dava que falar quando os estudantes, gozando com o facto de entre 80 e 98 se terem comemorado os centenários de Santo António, Camões, Chegada à India, etc., comemoram o Centenário da Sebenta em 1899. Pretendiam assim gozar a forma como esses centenários tinham sido comemorados, com cortejos e saraus que retiravam dignidade à efeméride, e, ao mesmo tempo, aproveitar para criticar a exploração de que os sebenteiros eram alvo.

Um ano depois, os quartanistas de Direito iniciam a tradição da Queima das Fitas. Para comemorar a passagem ao último ano do curso, os estudantes queimavam as fitas da cor do curso que geralmente usavam na sua pasta para a segurar.

A Queima manteve–se, salvo algumas interrupções devidas à I Guerra e à Implantação da República, até que em 1919 adquire a estrutura que ainda se mantém. A primeira grande inovação surge em 1929 com a introdução da Garraiada, onde após o Banho da Ressaca a malta manda umas marradas. Mais tarde, em 1932, surge a Venda da Pasta, com os fundos a reverterem para a Casa de Infância Elysio de Moura. No ano seguinte surge o Baile de Gala, aquele evento mítico em que o jet coimbrão convive com a Academia.

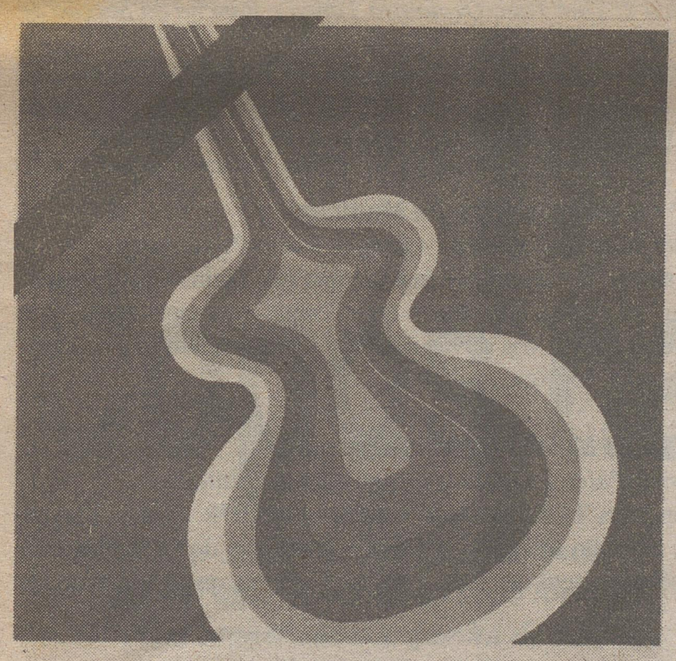
Tudo estava em paz na Lusa Atenas até que em 69 o regime decide prender os dirigentes eleitos dos estudantes. É decretado o Luto Académico. Em virtude disso a Comissão Central decide cancelar a Queima das Fitas em 7 de Maio, sendo o Cortejo substituído pelo desfile de quase todas as autoridades policiais existentes em Portugal que faziam na altura comissão de serviço em Coimbra.

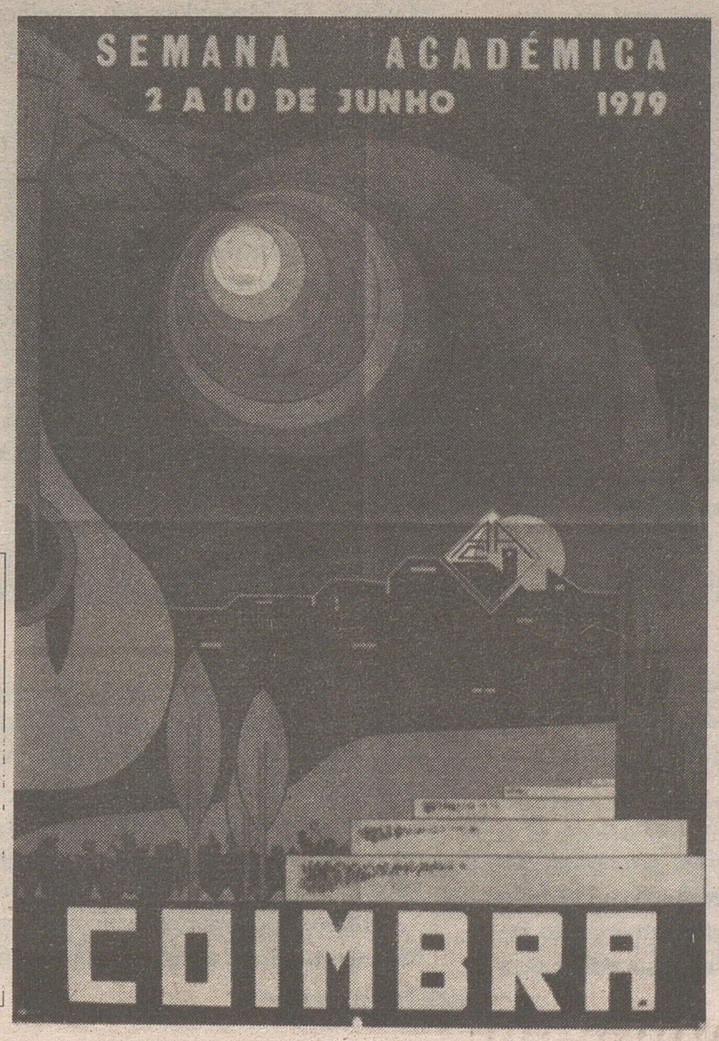
O Luto Académico consiste nos estudantes andarem, quando trajados, com as abas da batina fechada. Sendo tal vestimenta incómoda, os partidários do Luto começam a andar sem traje. Do outro lado, estudantes afectos ao regime ou indiferentes à luta política passeavam–se de batina aberta, contrariando os ditames da Academia. No começo dos anos setenta a confusão estava instalada: Quem andava trajado, praticava a praxe e queria festas académicas era pró–Estado Novo. Quem não andava trajado e era anti–praxe era de esquerda. Depois da liberdade ser instaurada em Portugal e o Luto Académico deixar de ter razões para existir, as Direcções–Gerais de extrema esquerda que lideram a Academia continuam a confundir praxe com reacção e a Queima não se realiza. Só em 79, quando uma lista mais moderada e esclarecida vence as eleições para a Académica é ensaiada a Semana Académica. O sucesso que obtém não deixa dúvidas. Coimbra queria voltar a ter Queima das Fitas. Em 1980 a festa recomeça. Em 1988 opera–se uma mudança radical: Rejeita–se o brejeiro e começa–se a fazer das Noites do Parque um festival de música com bandas portuguesas e estrangeiras nos moldes em que se mantém até hoje e que tanto prestigia a nossa Academia.

Hoje em dia pode–se falar de um programa tradicional da Queima das Fitas que inclui a Serenata Monumental -momento maior do Fado de Coimbra e do Sentir Académico-, o Sarau Académico -montra do muito que se faz na Académica-, o Baile de Gala, a Garraiada, a Venda da Pasta, a "Queima" do Grelo e o Cortejo dos Quartanistas, o Chá Dançante e as Noites do Parque.

A complementar estes eventos ainda há um extenso rol de iniciativas desportivas e culturais que fazem desta festa algo de inuagalável no nosso País.

Queimas há muitas, mas são todas em Coimbra. Viva a Queima das Fitas.





Manual de Sobrevivência

Roteiro para ficares todo roto

Na Queima há tanta coisa que é difícil escolher ao que ir. Sobretudo, a escolha depende dos gostos de cada um. Mesmo assim, tentamos fazer um roteiro da Queima das Fitas para que não percas o melhor. O melhor... quer dizer... do programa oficial. O que fazer depois das cinco no Parque ou mais tarde em casa descobre sozinho.

Quinta

Deves ter um jantar de curso qualquer. Bebe, conhece melhor os teus colegas, sobretudo se fores daqueles cursos em que não se vai às aulas e escolhe as tuas vítimas apaixonadas para o resto da festa. Depois vai à Serenata Monumental, na Sé Velha. Tenta ouvir o Fado, o que não será muito difícil se não houver muitos imbecis bebâdos a grunhir. Se já estiveres com fome, ou se quiseres prevenir, passa na cave das Químicas a partir da uma para a ceia dos boémios. Nas cantinas, a essa hora, já começou a festa. Depois vai dormir. Mas não vás sozinho/a, que é perigoso. Não vá o violador fugir da prisão...

Sexta

Às três há futebol no estádio universitário. Se és inteligente não te inscreveste e podes ficar na cama. Se a noite de ontem não foi grande coisa e já estás a pé, aproveita para ir às 15h15 ao jardim da Sereia ver as Tunas Femininas. Aproveita a Semana Gastronómica Açoriana e vai jantar à cantina A. Toma os cafés suficientes para aguentar a noite. Chegou a hora de decidir. Ou vais ao Parque ouvir os Clawfinger e o Lloyd Cole ou ficas pelo TAGV a ver o Sarau Académico. Ou então fazes as duas coisas: Começas pelo Parque e acabas no Sarau na altura em que as tunas começarem a actuar, aí por volta das 3 da manhã. Por volta das 7h, no fim do Sarau, o que vais fazer depende de ti... Dorme aí umas quatro horas. Não faças directa, a próxima noite é a mais cansativa da Queima e não terás tempo para dormir..

Sábado

Se foste dos que se inscreveram no Rally–Paper pela Cabra acorda a horas e não faltes! E vê se ganhas. Os outros passem pelo jardim da Sereia, onde se realiza o polémico FIT - Festival Internacional de Tunas. Independentemente do que faças, à hora do jantar deves estar livre. E se não gostas de ser explorado, não vais ao Jantar de Gala. Mas come bem que vais precisar de energia para a noite. Começa por ir ao Parque ouvir o Rui Veloso. Quando acabar, dirige–te para a Escola José Falcão para o Baile de Gala. Acredita que é uma curte! Aí por volta das seis, quando assistentes já começam a adormecer por cima das mesas, vai para a grande Rave na antiga Fábrica Triunfo. Isto se tiveres bilhetes... Se não escolhe duas das três. Lembra–te que tens um comboio para apanhar.

Cena típica do Parque Manuel Braga

Domingo

Deves estar a apanhar o comboio. Vê se chegas às dez à Figueira para assistires ao I torneio de BeachRugby. Descansa na praia e, se tiveres coragem, toma banho. Às três tens a Garraiada. É um espectáculo algo bárbaro, mas se fores a favor do touro ainda se pode achar alguma piada àquilo. No comboio, à volta, vê se dormes. Às dez convém estares no Parque. Terrorvision e Jesus and Mary Chain para continuares este dia de para aí 40 horas.

Segunda

Dorme que mereces.

Quando acordares vai para o Parque.

Terça

Acorda cedo. Vai ver a Queima do Grelo. Prepara–te para o Cortejo. À noite é provável que te limites a seguir os outros. Não deves estar com grande capacidade de decisão.

Quarta

Acorda tarde. Cura a ressaca. Vai para o Parque. Quando a FanFarra acabar sobe até ao José Falcão. O Chá Dançante é a não perder!

Quinta

Última noite. Alívio e tristeza. No Parque, lembra–te que é o fim. Faz tudo o que ainda não tiveres conseguido fazer. Depois dorme. Tens que voltar para os livros.

Arame Farpado

Bandas fracas num palco bom de mais, bandas decentes num palco péssimo, em suma as Noites do Parque sem verdadeiros morcegos, mas com o Batman furioso.

Sexta–feira (3 de Maio) - Noite de Economia

Palco 1: Clawfinger, Lloyd Cole e The Statement; Palco 2: Sunwebbs

Os economistas começam bem: Clawfinger abrem as hostilidades e prometem deixar os aficcionados em transe, quebrada logo a seguir pela 127ª presença em Portugal de Lloyd Cole. Só para quem gosta, o que não é o meu caso (ficavam melhor no encerramento, naquele dia em que as pessoas não têm vontade nenhuma de ir ao Parque e só lá vão para não terem prejuízo por terem comprado o bilhete geral... Deconhecemos a obra dos senhores que fecham esta noite (The Statement), mas bem podiam ser tão bons como os desconhecidos "Smashing quê"? que estiveram para vir em seu lugar.

Sábado (4 de Maio) - Noite de Farmácia

Palco 1: Lunáticos, Rui Veloso e Fúria do Açucar; Palco 2: Pimentinhos Assados

Não é por nada mas os alunos de Farmácia mereciam melhor. Deviam ir todos ao Parque. Os dois lados da Lua nova e os pseudo–ena–pá, em versão IURD.

Não me chateiem que eu hoje vou para a lua, que o parque não é para mim.

Vou ravar p'rá fábrica da Triunfo, antes que seja demolida. No palco 2, faltam as sardinhas.

Domingo (5 de Maio) - Noite de Direito

Palco 1: Terrorvision, Jesus and Mary Chain; Palco 2: Pedra no Sapato

Os juristas só têm direito a duas bandas, não sei bem porquê. Mas são de peso, embora os Jesus and Mary Chain já não sejam propriamente umas crianças. Mas afinal, não foi o Iggy Pop que nos deu um dos melhores concertos de sempre, apesar dos seus 50 anos?

Os Terrorvision prometem, mas esperamos para ver. Paguem lá os mil paus, que não se arrependem.

Segunda–feira (6 de Maio) - Noite de Ciência

Palco 1: MDA, Delfins e Torga; Palco 2: Tam Tam, Orquestra Típica e Rancho da Secção de Fado

Ciências. Eu não sou como um rio nem gostava de ser. Mas se me arrastarem até ao Parque, talvez me atire ao rio, se o capachinho do Miguel Ângelo mudar mais do que 3 vezes de cor ao longo do concerto. MDA, tum–Nayma–tum–Nayma–tum–MDA.

Terça–feira (7 de Maio) - Noite de Medicina

Palco 1: Mike Flower Pops, Kussondolola, Amarguinhas e Samba; Palco 2: Os Kos

Medicina. Flores Pop do Miguel, Macacos do Huambo e last but não me lixem, Amarguinhas, verdadeiras mulheres portuguesas (vulgo do Porto), que sabem estar, cantar, animar é deixar–nos com água na boca. Kussondolola: até gostamos de vos ouvir, mas não nos arrancam as Amarguinhas do palco antes das 7 da manhã (talvez eu consiga...).

Quarta–feira (8 de Maio) - Noite de Letras

Palco 1: MadreDeus, Taxi e FanFarra; Palco 2: Joane e os Amendoins Saltitantes

Deus é grande. A Queima é pequena. Os Táxi são bons, estamos em 1979. Please, play in playback. Os Madredeus são o melhor, mas não estamos no Grande Auditório do CCB. Tenham respeito. Por nós, que queremos estar bêbados sem dar mau aspecto. E a eles, que gostam de ser ouvidos, sem constranger o público.

Quinta–feira (9 de Maio) - Noite de Psicologia

Palco 1: Trabalhadores do Comércio, Xutos e Pontapés, Orxestra Pitagórica e Grupo de Fados; Palco 2: 2ª Via

Psicologia precisa–se, para as moscas que vão assistir ao concerto dos TDC's, dos XP's e dos Pitagóricos. Se os dois primeiros aguentarem tanto tempo como eu imagino, a Orxestra vai ter de tocar sóbria pela primeira vez...Meninas, apareçam cedo. Cuidado com a chuva.

Agora, a sério. Vamos ter excelentes bandas na Queima deste ano, mas a distribuição não foi a melhor. Juntar Clawfinger com Lloyd Cole, Lunáticos com O lado Lunar, et caetera, faz–me lembrar a organização de algumas sebentas...

Um, Dois, Três... Pastilha outra vez

A Comissão Organizadora da Queima das Fitas vai organizar pela segunda vez uma Rave Party, no Sábado dia 4 de Abril, que terá lugar nas instalações da antiga Fábrica da Triunfo, com a participação dos DJ's João Daniel, A. Paul, XL Garcia, X Man - aka Mário Roque, F. Ferro e o convidado especial Michael Angelo.

Burning Groove, o nome que terá a festa, pretenderá ser um dos maiores acontecimentos dentro do género realizados no nosso país, contará com duas pistas com 35.000 watts de som e 150.000 watts de luz, estando a sua produção a cargo da Mushroom Records.

Fora os pormenores técnicos, nesse dia podes escolher entre a Rave e o Baile de Gala, entre a festa da pastilha e a festa do supositório.

Ricardo Jorge

Repórter X no ENEF

A Queima das Fitas não é só o Parque. Há muitos e valorosos eventos que antecedem a grande festa. Temos por exemplo a Missa da Benção das Pastas. Infelizmente é às onze da manhã e a essa hora o Repórter X não está disponível. Mesmo assim, e presumindo que a tal missa é católica, gostaríamos desde já de propor, em nome da pluralidade confessional, que a Comissão Central convidasse outras igrejas a benzer o resto do material escolar. Por exemplo, podíamos ter a IURD a benzer tampas de esferográficas ou a Aum a glorificar réguas e esquadros. Era bonito, era democrático.

E, falando de democracia, encontrámos um evento a horas decentes muito democrático, no sentido "muito do povo". Trata–se, nada mais, nada menos, que o célebre ENEF. Fomos ver aos cartazes e tal sigla significa "Encontro Nacional de Etnografia e Folclore". Refugiamo–nos no Dicionário da Porto Editora e descobrimos que "etnografia" quer dizer "estudo descritivo das instituições e dos factos da civilização dos diversos povos ou etnias". Parecia interessante. Encontro Nacional de de diferentes etnias. Sempre há razões para fazer a Regionalização. O MEC é que ficaria admirado, ele que anda por aí a falar da homogeneidade da nossa nação.

Pusemo–nos a caminho. Saímos do edifício da AAC. Cheirava a ENEF! Uns defendiam "ser carne de vaca louca a arder, mas um pouco mais p'ró ácido." Chegou–se à conclusão que eram sardinhas. A tensão subia. Estavamo–nos a aproximar do ENEF, não um qualquer ENEF, mas O(!) ENEF. Perguntámos a um transeunte motorizado o que ele pensava do ENEF. A resposta não é publicável. Mas podemos dizer que veio à baila uma conversa de bypasses. Estranho. O assunto estava cada vez mais interessante. Questionámos o líder da JCP sobre o ENEF. Depois de tretas políticas, o renomado líder confessou–nos não ter estado presente no Encontro Nacional de Estudantes de Filosofia e, por isso, não sabia o que dizer sobre o ENEF.

Cada vez mais complexo! Mas estávamos decididos a levar a nossa busca até ao fim. À porta do próprio ENEF encontrámos uma das tais etnias, um açoriano vestido com trajes típicos, nomeadamente fato azul–escuro, gravata azul/amarela e sapatos pretos engraxados, mas sem os seculares óculos escuros. Pedimos–lhe uma opinião sobre o ENEF. Delicadamente, perguntou–nos o que tal coisa seria. Após breve explicação, afirmou–nos que "achava bem". Disse–nos "gostar de folclore" e reparou "que as pessoas saíam do recinto do ENEF muito animadas e com a alma rejuvenescida". Não duvidamos das suas palavras. Não vimos foi as pessoas e muito menos as tais almas–bébé. Já dentro do ENEF e imbuídos do espírito do evento, fomos muito mal recebidos e mandados várias vezes a sítios menos próprios. O ambiente estava denso. Encontramos um dos organizadores d'O Evento que nos garantiu que "a malta jovem não está alheia destas coisas da etnografia". Ainda bem, dizemos nós. Depois, mais naif, garantiu–nos que era possível fazer uma festa em Coimbra sem cerveja. Disse mesmo "que a tradição continua a ser o que era". Parece que lá na etnia dele não se vê televisão.

Encontrámos as inevitáveis celebridades que pululam nestes eventos. O excelentíssimo Sr. Presidente da Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra, vestido a rigor para a cerimónia, comia febras a um canto. Instado a fazer declarações, proferiu doutas considerações que não percebemos por causa das tais febras que o sr. Presidente mastigava alegremente. Também o excelentíssimo Sr. Presidente do Conselho Fiscal da Associação Académica de Coimbra se encontrava no recinto. Desconfiamos que não tinha convite. Entrou disfarçado de tasqueiro com uma camisa de pescador e via–se forçado a continuar a servir étnicos para que não fosse desmascarado. Entrevistámo–lo. No entanto, o Sr. Presidente, para que ninguém desconfiasse, fez–se despercebido e chegou ao ponto de nos confundir com a RUC. O que alguns VIP's não fazem para serem vistos nestas coisas...

Continuamos. Ao longe, algo para baixo, vislumbramos Tózinho, membro proeminente da Secção de Fado, a quem fizemos a já tradicional pergunta "O que pensa do ENEF?". Ao fim de dez minutos (o que nos levou a presumir ser Tózinho de etnia alentejana) lá começou a responder. Depois de nos recordar os grandes sucessos do evento, salientou o jogo sem dúvida tradicional da rata. Parece ter a ver com ratas, persiguições e buracos. Naturalmente, fez sucesso. Ainda por cima nestas questões de etnias.

Na nossa busca pelas diferentes etnias nacionais presentes no Encontro descortinámos um farense vestido à Infante, mas em tons azuis, que declarou ser este o seu primeiro ENEF, apesar de ter vindo para o ENEH. Explicou como para a sua etnia Coimbra era um lugar mítico, um pouco assim como Delphos para o resto dos gregos. Venerou o vinho e garantiu-nos que não iria esquecer o Encontro jamais. Deve ser virgem.

Outra celebridade que vagueava pelo enorme recinto do ENEF era Isaac Lourenço, outro das cabeças da nossa querida Académica, provavelmente de etnia hebraica. Questionado sobre o ENEF, perguntou-nos o que era o ENEF e nós explicamos-lhe que o ENEF era onde ele estava. Esclarecido, disse-nos que "era muito bom... era muito bom... tem febras de porco...". O que as vacas loucas provocam...

Dirigimo-nos ao Grande Chefe da Organização do Grande ENEF. Declarou "que está a ser bem, está a correr muito bom!". Português étnico.

Fomos ter com outro grande da DG, João Marco, que afirmou "que o ENEF é fixe. A partir do momento que me pagaram um traçado, é fixe."

Quisemos conhecer as receitas típicas de cada etnia. Fomos às bifanas étnicas, onde uma quase-secretária-coordenadora-geral-da-Direcção-Geral nos explicou (e passamos a citar): "Atira-se com a febra para cima do grelhador, quando nos apetece atira-se com a febra à cara dos gajos que nos vêm chatear." Etnias estranhas. De facto, este encontro é esclarecedor. Viva a Regionalização!

Dirigimo-nos ao público étnico anónimo que teceu os seguintes comentários: "Isto está baril. O cheiro da sardinha é fixe. É pena haver pouca gente. A pessoa não está habituada à cultura, à cultura púpúlar." O povo diz. O povo gosta. O povo manda.

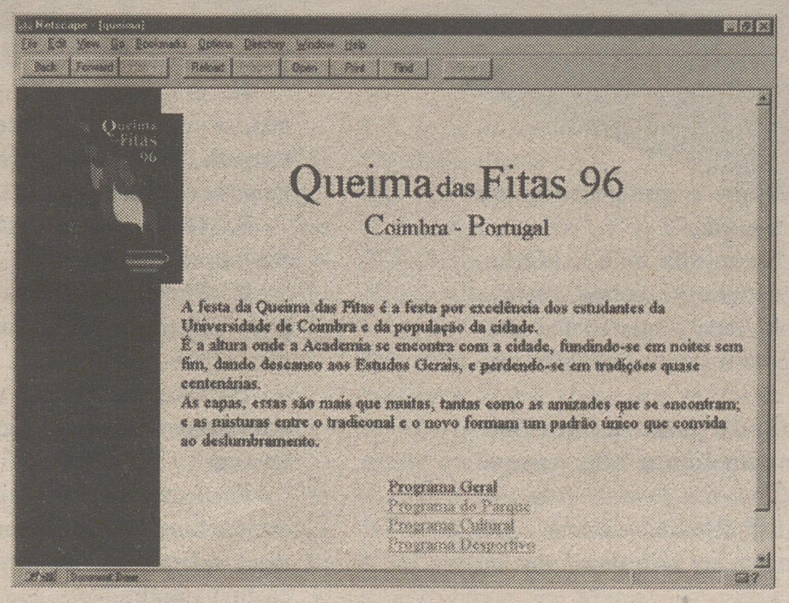
Para acabar a reportagem fomos ao jantar do ENEF , onde comemos chanfana étnica, seguida de arroz-doce. Os meus parabéns. A chanfana estava boa. A étnica também.

Agora a sério. Parabéns à Orquestra Típica e Rancho da Secção de Fado da AAC pela organização do evento. Vale sempre a pena.

Reportagem: Rui Ferreira; Texto João Queirós

Copos na Rede

Está–se a chegar ao fim da tarde e ainda não sabes onde ir beber um copo logo à noite? Nem sequer sabes o que há de novo para ver na Academia? E o que se passa hoje na Queima? Não faz mal, liga–te à Internet!



Este poderia ser o lema de lançamento do servidor da Queima 96, de Coimbra. Um pouco envergonhado na sua essência, limitando–se a conter as informações que passam pelos programas, tem a virtude de ser o primeiro oficial de uma Queima das Fitas. O ano passado contudo o programa da Queima de 95, já esteve disponível na Web, mas em fase experimental e reservado apenas aos gurus da Internet, esses que conhecem os sites mais incríveis e que parece que comunicam entre si por ondas próprias.

Depois do esforço que tem vindo a ser desenvolvido pelo Miguel Marques, em manter a Agenda Cultural, e outros espectáculos de relevo (vide programação do ACTUS) na Internet (http://www.mat.uc.pt/~wwwaac/Agenda.Cultural/cultura.html), permitindo aos que além dos computadores, ainda têm tempo para se embriagarem com outro tipo de vapores culturais, eis que surge a Queima a despertar para esta realidade.

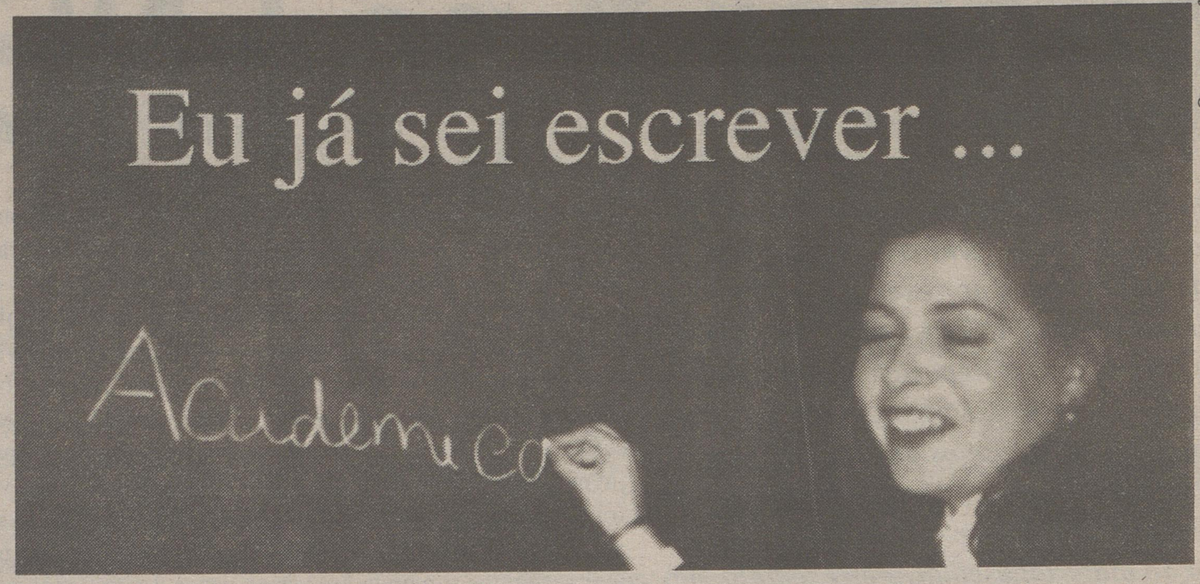
Assim, todos aqueles que tendo acesso à Internet digitarem http://www.ci.uc.pt/~queima96 , poderão aceder aos programas integrais que compõem aquela que é considerada unanimemente por todos a maior festa dos estudantes a nível nacional. Assim, sempre que alguém, dentro ou fora de Coimbra, queira participar na festa, pode sem esforço nenhum saber o seu programa. Claro, que as potencialidades estão longe de ser exploradas. Igualmente importante seria ter informação respeitante a preços de bilhetes, memória descritivas de alguns espectáculos, e tudo o que a imaginação se lembrasse; mas o que é relevante é o esforço feito, e a consciência de que se tudo correr bem, num futuro próximo, tal esforço seja levado ainda mais a sério.

Aliás, este acontecimento não acontece isolado. A Universidade, a DG/AAC e todas as organizações estudantis vêm encarando de um modo cada vez mais sério a utilização da Internet como meio de disponibilizar a sua informação. Afinal, que melhor meio de comunicação pode querer uma entidade? Ainda por cima sendo universitária, onde os custos de qualquer acção a tomar são preponderantes. Numa Universidade, onde o espaço físico se começa a fragmentar, e desde sempre houve dificuldade em fazer chegar a informação aos estudantes, nada melhor do que criar um espaço onde quem queira informação possa ir buscá–la sem esforço.

Quem mais apostou neste trabalho, foi sem dúvida a Tuna Académica (http://www.ci.uc.pt/TAUC), que, tal como outras Tunas Universitárias vêm fazendo, resolveu criar um servidor próprio, recheado de informação respeitante à sua história, à sua composição, aos seus espectáculos e a tudo quanto lhe diz respeito. Projecto ambicioso, sem dúvida, devido ao esforço que terá de ser feito na sua manutenção, mas que revela um querer e um saber ver mais longe, quiçá característicos de uma maneira de estar diferente. É sem dúvida um prazer ver alguns dos antigos sócios da Tuna, onde se contam nomes como Almeida Santos, Adriano Correia de Oliveira, Pinho Brojo, António Portugal, José Afonso, entre outros, tão ilustres que é um crime não os poder citar todos.

César Páris
www.mat.uc.pt/~cg9204

Nova D.G.



fotomontagem

Autoria:
Ana Drago
Ricardo Jorge
Rui Ferreira

Impressão....Zita

A Cabra - És a Manuela Ferreira Leite da FCTUC ou o Cavaco da Académica?

Zita Henriques - Sou a Zita Henriques de Engª Química.

P. - Marçal Grilo, ás de trunfo ou carta furada?

R. - Marçal Grilo ... o pior são as outras cartas do baralho.

P. - Com 80% de abstenção, uma academicazita ou um academicazona?

R. - Os estudantes é que o vão dizer.

P. - Regionalização na Académica, és contra ou a favor?

R. - Descentralização - urgente e vital.

P. - Listas independentes, Conto do Vigário ou Canto do cisne?

R. - Há uma crise de valores? Há uma crise de participação? Os estudantes é que tem de encontrar a resposta para o que querem da DG/AAC.

P. - O teu slogan foi "Está na tua mão", o que é que gostavas realmente de ter na tua mão?

R. - A participação activa dos estudantes da Academia que leve a que a DG lhes responda também activamente aos seus problemas do dia–a–dia.

P. - O Fado tem sexo?

R. - Não, o Fado tem é de ter boas intérpretes.

P. - É verdade que preferes os carecas?

R. - Também é uma questão de intérpretes.

P. - No ranking das Académicas, Coimbra está por cima ou por baixo da FAP?

R. - O poder só é conseguido pelo trabalho construtivo das diversas associações. Não há rankings, nem classificações, apenas trabalho.

P. - Para ti o que vem primeiro, a legitimidade ou o poder?

R. - Primeiro vem a defesa dos interesses dos estudantes.

P. - O que é para ti o interesse vital da académica?

R. - 1-Terem licenciaturas com qualidade e que vejam reconhecidas no mercado do trabalho. 2- Definição de uma política global de Educação e a garantia da igualdade de oportunidades. 3- Formação global do cidadão: licenciatura também é cultura e desporto.

P. - Os fins justificam os meios?

R. - A AAC não pode ser objecto de interesses ou protagonismos pessoais, a AAC tem que ter princípios e nos somos jovens temos o dever de lutar por ideais e lutar por eles.

P. - Não questionando as tuas virtudes, uma razão para não ter votado em ti?

R. - Achar que o outro projecto era mais válido .

P. - Já alguma vez copiaste?

R. - Sim.

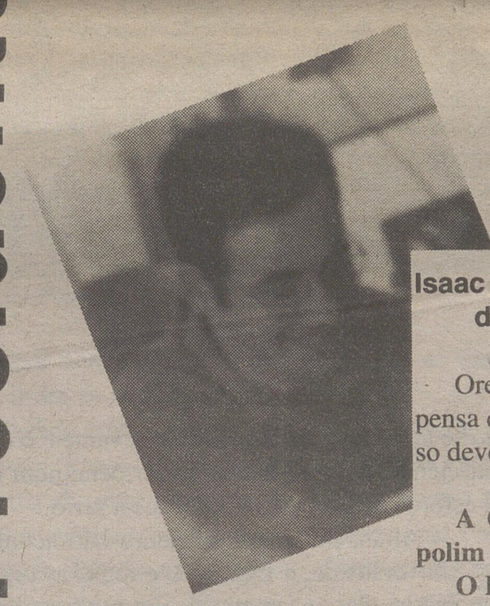
P. - O que é para ti uma Queima Dura?

R. - É poder sair com os meus colegas de curso e com os amigos, beber um copos, ouvir música, como qualquer estudante que goste de se divertir.

P. - Uma mensagem para alguém que não gostes!

R. - "Apesar de não gostar de ti, nunca deixarei de te falar ou discutir [illegible]talidade que me é característica."

Os Homens da Presidente



Isaac Lourenço- Coordenador da Política Educativa

Orelhas grandes, bebe cerveja e pensa que é de esquerda. Além disso deve ser judeu.

A Cabra- A Zita é um trampolim ou uma almofada?

O Homem- Não sei.

P.- A Zita é o Cavaco da Académica?

R.- Não, nem pouco mais ou menos.

P.- O que é que gostavas de ter "na tua mão"?

R.- Na minha mão? ...Olha, gostava de ter a Academia, gostava de ter sobretudo a opinião dos estudantes para a poder defender melhor.

P.- Onde passavas um fim–de–semana com a Zita e o que levavas?

R.- Um fim–de–semana ...[risos] não sei, sei lá o que é que eu levava.

P.- Regionalizaçaõ na Académica, és contra ou a favor?

R.- Sou contra, sou contra porque acho que não traz nenhum benefício os estudantes perderem a força que têm neste momento e perderem a capacidade de intervenção em determinadas áreas que são importantes e que se estão a discutir neste momento.

Rui Mendes- Vice-Presidente

Careca para a família, sr. Ubiquidade para os amigos. Palavras para quê?!

A Cabra- A Zita é um trampolim ou uma almofada?

O Homem- [risos] Não sei, depende da perpectiva com que se encara a Zita, pode ser um trampolim para umas coisas e uma almofada para outras.

P.- A Zita é o Cavaco da Académica?

R.- O Cavaco da Académica... não, se eu acho que ela seja o Cavaco da Académica... Não, pelo menos eu não tenho essa ideia.

P.- O que é que gostavas de ter "na tua mão"?

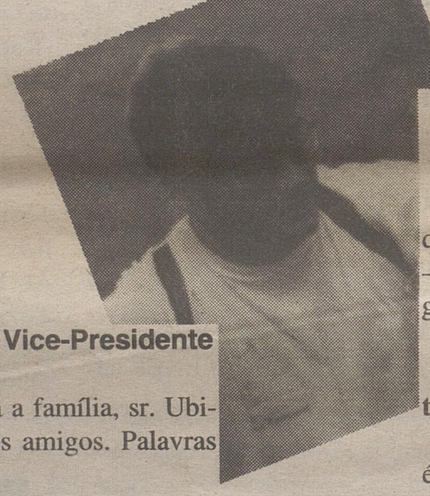
R.- Uma coisa que eu não vou poder referir porque A Cabra é um jornal decente.

P.- Onde passavas um fim–de–semana com a Zita e o que levavas?

R.- Levava–vos a vocês para me continuarem a azucrinar a vida, e o fim–de–semana podia ser cá em Coimbra.

P.- Regionalização na Académica, és contra ou a favor?

R.- Bom... não sei, não sei, os estatutos não prevêm isso... uma região administrativa na Faculdade de Letras por exemplo, resumindo... autonomia total para a Faculdade de Letras .. tendo em consideração o respeito que tenho pelo [Luís] Urbano.



Paulo Coelho- Presidente do Conselho Fiscal

Aquele rapaz alto, meio baixo que anda de bicicleta à quarta–feira. Tem a mania que é pinguim.

A Cabra- A Zita é um trampolim ou uma almofada?

O Homem- A Zita acho que é uma daquelas barras...

P.- Assimétricas?

R.- Não é assimétricas, isso é para mulheres.

P.- A Zita é o Cavaco da Académica?

R.- Foda–se, merda p`rò Cavaco. Para bom entendedor meia palavra basta. Acham que eu estava com ela se ela fosse o Cavaco da Académica?

P.- O que é que gostavas de ter "na tua mão"?

R.- O Mundo.

P.- Onde passavas um fim–de–semana com a Zita e o que levavas?

R.- Já passei alguns fins–de–semana com a Zita e levei coisas pessoais que não têm nada a ver com a Zita- meias, cuecas, t–shirts, calças...

P.- Preservativos?

R.- Este fim–de–semana fui a Itália com a Zita e não levei preservativos.

P.- Regionalizaçaõ na Académica, és contra ou a favor?

R.- A favor e em todo o sítio. Eu sou a favor da regionalização da AAC e isso passa pela criação de Núcleos como já há em Farmácia, no caso da FCTUC e de Letras passa também pela criação de Núcleos de Curso, nessas e noutras faculdades onde se torne necessário.

Que fazer com os 950 mil contos?

Reitoria e D.G. lado-a-lado

São 950 mil contos. É a soma de três anos de propinas, cobradas na Universidade de Coimbra. E apesar de não ter sido feita qualquer consulta aos estudantes, o dinheiro já tem destino. Foi a Reitoria a marcar "golo" no Senado, com Zita Henriques a bater palmas, apesar de muitos votos "tresmalhados".

Com referendo ou sem ele, o dinheiro das propinas já tem destino certo. No Senado a votação teve algumas surpresas, mas a proposta da Reitoria conseguiu seguir avante, tendo do seu lado os votos da maior parte da nova equipa da Direcção Geral/AAC. Tudo porque o Reitor assumiu o compromisso de não distribuir nem um centavo, sem o acordo do Senado. Apesar desta promessa, a verdade o consenso ficou longe de ser alcançado.

O projecto da Reitoria prevê a aplicação de verbas tendo por base três princípios. À cabeça vem a conservação do património da Universidade de Coimbra, depois seguem–se incentivos ao desporto e à cultura. Por fim a Reitoria propõe apoiar projectos nas áreas de investigação científica, sejam eles da autoria de docentes ou alunos. Não à discriminação académica.

Para chegar a acordo foram precisas semanas de negociações e conversas várias. Acabou por ficar estabelecido que os projectos concorrentes a verbas só poderiam sair da alçada da AAC, das Faculdades ou da Reitoria. Assim a DG acabava por dar a sua benção a esta ideia, e a reunião do Senado adivinhava–se previsível.

Mas afinal nem correu segundo o programado. Luís Urbano, a face visível da lista U de Letras, foi ao Senado apresentar uma proposta que surpreendeu tudo e todos. Urbano veio defender que nada poderia ser defenido, sem antes ser feita uma consulta formal aos estudantes.Ou seja, sem referendo, não se pode decidir nada. Era o suficiente para, em caso de obter aprovação, implicar uma travagem brusca em todo o processo. E houve muito boa gente que não gostou da surpresa.

Foi então que a confusão se instalou, e um voto da equipa da DG foi parar directamente ao bolso de Luís Urbano. Isaac Lourenço, recente membro da DG e logo por sorte o Coordenador do Pelouro da Política Educativa, optou por juntar a sua voz e o seu voto a Urbano. E de facto A CABRA sabe de fonte segura que Issac Lourenço ajudou na elaboração da proposta. São as divergências no seio da recém eleita lista L a vir ao de cima.

Curioso é saber que não foi só Isaac Lourenço a marchar ao lado de Luís Urbano. A proposta de Urbano contou ainda com os votos de várias facções do Senado. Nuno Freitas e Bento Monteiro, são apenas exemplos. A questão é porque é que só a DG concordou com o Senado, apesar de quase todos os representantes dos estudantes no Senado teram alinhado do outro lado da barricada. Será que há um acordo não divulgado entre Zita e Rui Alarcão?

Apesar do tropeção no "programa de festas", a verdade é que a Reitoria ganhou a batalha, e Luís Urbano viu a sua proposta derrotada. Agora segue–se um outro referendo que Zita Henriques pretende fazer, para que "os estudantes dêem a sua opinião". Dar opinião, no que afinal já foi decidido. Viva o espírito democrático e, acima de tudo, os referendos.

AD

Estudantes ao ataque

Coimbra, 26 de Abril. As Associações Académicas, juntas e ao vivo, delinearam o ataque final ao Ministério da Educação. Tudo porque o Ministro há muito tempo que não os ouve, nem lhes dá conta do que se passou no seminário de Caparide. A CABRA sabe que Zita Henriques leu o documento "confidencial", mas não disse a ninguém. É uma questão de geo–estratégia.

As Académicas estão zangadas com Marçal Grilo. O Ministro não as convidou para o seminário de Caparide, e até hoje ainda não marcou nenhuma reunião para ouvir o que dizem os associativos.

Uma coisa é clara, quem ouviu o discurso de Zita Henriques no dia da tomada de posse da nova DG/AAC, fica com poucas dúvidas. A Presidente leu o texto, mas preferiu não o divulgar aos seus colegas. Porquê? Talvez porque divulgar um texto que advoga o pagamento do custo integral do curso pelos estudantes poderia fazer incendiar as associações mais "extremistas" da luta anti–propinas. E Zita Henriques tem medo de perder esta oportunidade de diálogo com o novo governo, e assim optou pelo silêncio. Aliás ninguém lhe perguntou nada...

Talvez por isso esta tenha sido uma reunião sob o signo do engano. As Académicas concordaram em demonstrar o seu desagrado pelo silêncio em volta de Caparide, embora alguns dos presentes já saibam o que de facto se passou.

Na ordem de trabalhos seguia–se a eleição dos representantes estudantis para o Conselho de Avaliação das Universidades. Depois de horas de discussão, e apesar de alguma reticências, ficou defenido que cada Universidade terá direito a um voto.

Agora todos esperam o desenrolar dos acontecimentos. Até porque a bola está no campo da 5 de Outubro.

Ana Drago

Zita por mais um Ano

A nova equipa da DG já entrou oficialmente em funções. No discurso de Tomada de posse, Zita Henriques deixou claro que mais do que linhas de orientação, as Associações de Estudantes têm dúvidas. A Presidente fez perguntas, pediu responsabilidades e chamou as coisas pelos nomes. A bola está agora no campo das "Autoridades". Da Câmara Municipal de Coimbra ao Ministro da Educação, ninguém escapou às críticas da Presidente Zita.

Pela segunda vez Zita Henriques tomou posse como Presidente da AAC. No Pólo II com o Reitor do lado direito e a uma plateia cheia de notáveis de Coimbra, Zita não se coibiu de lançar recados com destinatários certos. Críticas para consumo interno da Universidade de Coimbra. Para Marçal Grilo Zita deixou uma dúzia de questões e um apelo. "Sr. Ministro (...) não hipoteque esta oportunidade que lhe foi dada". Era a desilusão com o novo Governo na voz de Zita Henriques.

Durante todo o discurso, Zita defendeu a honra da sua "dama". É que para a Presidente, a AAC faz mais do seria suposto, tendo em conta os apoios e as infraestruturas de que dispõe. À frente de uma casa a rebentar pelas costuras e a necessitar urgentemente de obras, Zita pede responsabilidades: "E quando (...) houver um curto circuito no edifício da AAC, e o pior acontecer, quem é que vai ser responsável?". Sem esquecer a CMCoimbra, Zita veio pedir apoio e fazer valer os trunfos de uma casa que promove grande parte da actividade cultural na cidade. Dinheiro precisa–se.

Quem não escapou à mira da Presidente foram os chamados "poderes instituídos nas universidades". Zita veio ao Pólo II questionar a gestão praticada na Universidade de Coimbra. Sem meias palavras, apontou baterias aos "presidentes de Conselhos Directivos em part–time" e aos catedráticos que relegam o exercício da docência para os assistentes. No Auditório houve quem se mexesse na cadeira.

Por fim Zita dirigia–se directamente ao novo inquilino do Ministério da Educação. Com apenas seis meses de executivo, tornou–se óbvio que Marçal Grilo está prestes a deixar para trás o "estado de graça" de que gozava aquando da sua nomeação. A AAC não tem gostado das notícias que têm vindo a público, e muito menos da forma como têm decorrido as reuniões na 5 de Outubro. Zita declarava–se desiludida com os escassos resultados que até agora foram alcançados. A Presidente é muito clara. Diz que para além da suspensão das leis das propinas pouco mais foi adiantado pelo novo executivo rosa, e afinal "Onde está a definição de objectivos para o ensino superior?". Para a presidente reeleita, mais uma vez o "poder" tem dificuldade em compreender com quantos paus se faz o financiamento do Ensino Superior. Trocado em miúdos, nem todos os problemas do Ensino Superior se resumem ao valor das propinas.

Feitas as contas, a nova DG parece estar mais preoucupada com o que pode esperar das "autoridades Competentes", do que definir as suas linhas de acção futura.

AD

Academia

Reunião promovida por Marçal Grilo discute propinas

Caparide Gate

Marçal Grilo fez uma reunião para falar de financiamento do ensino superior. A discussão teve por base um documento da autoria de um grupo de trabalho. O Ministro convidou quem quis, mas a porta ficou fechada para a comunicação social e dirigentes estudantis. O documento tinha o carimbo "confidencial", mas A CABRA conseguiu ter acesso ao texto. E revela o que o futuro nos reserva.

Todos vão pagar propinas. É esta a primeira conclusão a retirar do documento apresentado no tal seminário que Marçal Grilo achou por bem promover. Para a história ficou o secretismo da "reunião de Caparide", tudo porque o Ministro entendeu que nestes casos o segredo é a alma do negócio. Até hoje pouco se sabe o que foi de facto falado, o que deixa os dirigentes estudantis pouco satisfeitos. Porque em maré de "diálogos" ninguém gosta de ficar de fora.

Em 32 páginas, o texto de Caparide esboça um modelo de financiamento que parece ser inspirado no famoso "sistema australiano". O que quer dizer que todos, mesmo todos, vão ter de pagar propinas para alimentar esta grande "máquina" chamada ensino superior público. É o enterro final da educação gratuita, agora pela mão dos socialistas.

O esquema avança com a ideia de empréstimos que o Estado possibilita aos estudantes. Com juros bonificados, mas de acordo com as variações do mercado.Quando terminar o curso e conseguir emprego, o estudante começa a pagar o que deve, consoante o seu "sucesso profissional". O que tudo isto traz de novo resume–se ao momento do pagamento. Pagar a pronto e ter direito a desconto, ou pagar a prazo e com juros, passa a ser questão. O ensino superior aderiu finalmente à lógica dos saldos.

Curioso é ler uma das questões em que "o grupo não conseguiu chegar a um acordo". É que "dado que cursos diferentes podem ter custos substancialmente diferentes, isso significa que os estudantes de cursos com custos mais baixos pagarão uma fracção maior do custo que impõem ao sistema". Será que cada estudante paga de acordo com o que de facto custa ao Estado, ou vamos todos pagar o mesmo? Para quem frequenta Medicina a questão tem um certo interesse.

De qualquer forma, o dinheiro destinado a empréstimos iria nascer de um Fundo a criar pelo Ministério da Educação, eventualmente em coordenação com o das Finanças, que procederia a esta cobrança diferida. A lógica é a das autoestradas: as propinas são uma taxa por um serviço público, logo deve ser paga por todos os que usufruem desse serviço, independentemente da sua condição económica (ou das suas famílias). O texto é muito claro. " O estudante deverá ser responsável perante a instituição por pagar integralmente o custo total. (...) O pagamento desta propina é da responsabilidade do próprio (ou da família), independentemente do seu estatuto sócio–económico". Caparide dixit.

Sem direito a texto ficaram os problemas que este tipo de sistema implica. É que a Lei da Autonomia Universitária mantém académicos à frente dos conselhos directivos, senhores que em regra são pouco sensíveis aos critérios economicistas deste modelo. Isto é, obriga a dar uma cadeira no conselho directivo a um gestor, especialista em questões "universitárias". Para tratar da saúde aos catedráticos despesistas.

Vistas as coisas, o Ministro acabou por ganhar um problema. É que Marçal Grilo prometeu apresentar até Junho uma proposta para lei–quadro do ES. O resultado desta reunião, embora o Ministro não o entenda como conclusivo, acabou ser um embrião de uma lei de propinas. Ou seja, embora funcione em moldes diferentes das leis do PSD, o resultado prático é idêntico. Os estudantes terão que pagar cerca de 90 contos por ano para frequentar um curso superior. Mas continuam sem qualquer garantia de aumento de qualidade do ensino, e muito menos de ver alterada a gestão que se pratica nas nossas Universidades. Questões que não irão provavelmente agradar às Associações de Estudantes.

Elegível

Mas há mais algumas novidades. Passam a ser definidas duas categorias: estudante–elegível e curso–elegível. Eleger preto no branco, quais os estudantes e quais os cursos que ficam na mira do financiamento. Aqui surge outro problema. Quem e com que critérios se vão definir quais as licenciaturas "elegíveis"? Será em função das "exigências do mercado de trabalho"? Se assim for, cursos como o de Direito vão fechar portas durante os próximos 20 anos.

Já no campo da "eleição" de alunos, o Estado tem gostos apurados. O sucesso escolar é premiado e quem tiver o azar de chumbar vê a sua comparticipação aumentar. Terminar o curso no tempo previsto, passará então a ser o lema de qualquer estudante.

Acção Social Escolar

Vago. O documento é bastante vago no campo da Acção Social Escolar. Nas escassas cinco páginas que dedica à ASE, lança de novo os empréstimos como remédio de todos os males. Propõe bolsas a fundo perdido (em síntese o modelo actual) apenas em casos pontuais, mas note–se, com contornos mal definidos.

É preciso ver que a ideia de bolsas–empréstimos é uma reivindicação antiga de algumas associações de estudantes. Mas nunca foi apresentada como proposta única, antes servindo para completar e preencher algumas lacunas do sistema. De facto, a banca comercial nunca levou muito a sério esta ideia (com excepção de algumas contas especiais para jovens, onde este tipo de empréstimos aparece como um dos serviços prestados). No fim da breve passagem pelos difíceis caminhos da ASE, ficam assentes três ideias. O número de bolseiros não vai ser substancialmente alargado, e o investimento em mais cantinas ou residências é apenas uma miragem. No capítulo das refeições a preços "sociais", indica–se na direcção de reduzir os custos e aumentar os preços. Para estes senhores, "empréstimo" é a única palavra mágica, e "investimento" não vem no dicionário.

Feitas as contas, as propinas de números redondos vieram para ficar. Seja como for, o grupo de trabalho que elaborou o documento tem razão numa ideia. Dizem eles que "um ponto que é controverso por razões técnicas e políticas é a fixação do montante das propinas. O valor final é certamente uma decisão política. mas algumas considerações devem ser feitas para enquadrar o problema". Têm a palavra os estudantes, dizemos nós.

Ana Drago
Carlos Loureiro

Arquivo

Outra vez a mesma merda...

Obviamente, propinas

Sérgio Sousa Pinto , líder da JS, foi um dos "eleitos" a estar presente na reunião de Caparide. A CABRA quis saber como vai a Educação dos jovens deputados que marcham ao lado do governo PS. Ouvimos críticas ao associativismo que gosta de tomar chá com os ministros e ficamos a saber que vamos mesmo pagar propinas. O futuro adivinha-se pouco cor-de-rosa.

Ana Drago

Sérgio Sousa Pinto

A Cabra - O que é que se debateu exactamente na reunião de Caparide?

Sérgio Sousa Pinto - Na reunião debateu–se um documento que foi apresentado por um grupo de trabalho sobre o financiamento do Ensino Superior, e debateram–se algumas orientações contidas nesse documento.

P. - Não achas estranho que essa reunião tenha decorrido sem a presença das Associações de Estudantes?

R. - Tanto quanto sei, o Ministro da Educação teve a preocupação que não fossem envolvidas na discussão pessoas que pudessem representar interesses neste momento, e que pudessem ter uma visão parcial e fragmentária do problema.

P. - Estás a referir–te aos estudantes?

R. - Não, pelo contrário. Em Caparide estiveram presentes estudantes, ex–estudantes e ex–associativos. Pessoas que traziam um valor acrescentado à discussão, mas que não estavam politicamente comprometidos na vida associativa e na vida académica. Portanto pessoas que teriam algum distanciamento político face ao problema. Porque a reunião não foi uma reunião política, ou antes foi uma reunião política em certo sentido, mas foi sobretudo para estudar soluções técnicas e a viabilidade técnica, a razoabilidade desta proposta de financiamento do ES.

P. - Pensas então que a JS tem a legitimidade necessária para estar presente nessa reunião e defender os interesses dos estudantes?

R. - A JS representa várias coisas, representa 35 mil militantes, 13 deputados e é uma organização com o seu pensamento, em muitos aspectos divergente do PS sobre financiamento do ES. Além disso a JS também tem milhares de estudantes, que são pessoas interessadas neste problema. Logo a JS é uma organização incontornável neste debate.

P. - Qual a posição da JS face aos valores de fixação de propinas, que ultimamente têm vindo a público, valores esses que rondam os 90 contos ou mesmo mais?

R. - A JS não se pronuncia sobre o valor, porque uma tomada de posição quanto ao valor pressupõe um conjunto de conhecimentos técnicos e elementos de que a JS não dispõe. Não é nossa função avançar com um valor. Não quero dizer que não o venhamos a fazer no futuro, se nos parecer que o valor avançado é demasiado alto, e portanto imcomportável, ou se nos parecer que é demagogicamente baixo. Então a JS tomará posição. Agora, disparar para o ar, nesta fase do campeonato, não me parece que a JS dê um contributo útil à discussão avançando com números e condicionando o debate.

P. - No domínio da ASE qual foram as formas debatidas em Caparide?

R. - Tão importante como investir em bolsas e em residências, é avançar corajosamente para um sistema através de empréstimos aos estudantes. Temos dois domínios fundamentais, um relativo ao financiamento do ES e o domínio da Acção Social, que são completamente distintos. É importante que haja empréstimos aos estudantes para os apoiar na sua parte de financiamento do ES, ou seja que cubram os custos das propinas. E empréstimos que funcionem no domínio da ASE, que coexistam com bolsas para aqueles casos em que o Estado tem uma intervenção a fundo perdido. São duas dimensões que convém não misturar. No domínio da ASE, o Estado também terá empréstimos para os estudantes que quiserem a sua autonomia face ao agregado familiar. É uma proposta antiga da JS, aliás estamos profundamente comprometidos politicamente com tudo o que tem vindo para o exterior. São aspirações que a JS sempre anunciou.

P. - Mas em termos de justiça social a ideia da taxa única é um recuo perante o escalonamento do sistema proposto pelo PSD...

R. - Quando falamos de escalonamento é preciso ter noção do que está em causa. O escalonamento era importar para o sistema educativo os critérios do sistema fiscal que são profundamente injustos.

P. - Todos os sistemas fiscais têm as suas falhas...

R. - Não. O nosso sistema fiscal é um aborto fiscal. É um sistema gerador de profundas injustiças. Não é admissível que este governo não ponha entre as suas prioridades a revisão do sistema fiscal, em que os trabalhadores por conta de outrem são penalizados face aos trabalhadores por contra própria. Se há um mérito que as propinas do PSD tiveram na sociedade portuguesa é que fizeram com que a injustiça entrasse na vida das pessoas. As pessoas tinham uma percepção vaga da injustiça fiscal, mas só quando passaram a ter um colega de carteira com rendimentos que toda a gente sabia serem superiores e que estava isento, então as pessoas tomaram consciência da gravidade da injustiça fiscal.

"Parece-me óbvio, é que há associativismo a esbracejar desesperadamente em busca de razões para atrito político com o governo..."

P. - Mas então a diferença de rendimentos deixa de estar reflectida no sistema de financiamento...

R. - Eu defendo é que a taxa única é fundamental. Libertar o sistema educativo das contingências do sistema fiscal. Acabar com esta transposição de injustiça do domínio fiscal para o sistema educativo. Só há uma forma de o fazer, é avançar para a taxa única. A educação é um serviço, é um bem escasso que o Estado não pode dar a todos os cidadãos.

P. - Voltamos então à participação que os estudantes têm que dar no financiamento. A questão é de números, não queres avançar com quantias que consideres aceitáveis?

R. - Obviamente que não... Neste momento é altamente inconveniente e extemporâneo. Agora, há que perceber que a taxa única é uma comparticipação dos estudantes, mas parece–me óbvio que há também associativismo, a esbracejar desesperadamente em busca de novas razões para atrito político com o governo.

P. - Quem?

R. - Não quero dizer nomes. Vamos esperar, vamos acompanhar com atenção o comportamento dos responsáveis do movimento associativo.

P. - Se os estudantes saírem de novo para as ruas, em movimentos de contestação, qual será a posição da JS?

R. - A JS não vem cá para fora defender posições sem sentido. Consoante a razão a JS estará com eles ou com o governo. Se as pessoas objectarem por princípio as propinas, a JS estará com o governo, porque a JS defende propinas. É uma questão fundametal, que a JS não defende por acaso, tem razões para o fazer. O nosso Estado de Providência não pode pagar, é demagogia pura, não pode pagar prestações universais e gratuitas. Aliás a gratuitidade que temos hoje não é justa, não serve a igualdade. Quem consegue furar os estrangulamentos do acesso ao ES são as pessoas que no seu contexto sócio–cultural estão melhor posicionadas. É obvio que há excepções, mas a regra continua a ser esta. E são esses estudantes que do ponto de vista social e cultural estão melhor colocados que beneficiam da gratuitidade.

P. - Então vês um estudante do ES como um privilegiado?

R. - Os estudantes do ES público são uma minoria porque há uma maioria que não pode frequentar o ES público, porque o Estado não tem dinheiro para pagar ES gratuito a todos. E portanto são uma minoria privilegiada pela simples razão que uns estão dentro e outros estão fora.

P. - Baseado nessa ideia, na reunião de Caparide devem ter sido adiantados alguns modelos de intervenção no sistema de ASE?

R. - Na reunião de Caparide não ficou estabelecido milimetricamente o sistema de financiamento. Na reunião debateu–se de forma anárquica, foi uma troca de ideias com pessoas convidadas livremente pelo ministro, que tem o direito de ouvir quem quer. Algumas pessoas disseram barbaridades e atrocidades, nas quais eu não me revejo, e pelas quais eu nunca darei a cara. Mas foi uma reunião que o ministro entendeu promover com as pessoas que quis ouvir, e tem esse direito. O movimento associativo está indignado porque não foi convidado para tomar chá com o ministro da Educação às 5 da tarde. Não faz sentido. O ministro fez uma reunião para discutir ideias e convida quem quer. É um problema do ministro, não é um problema do associativismo. Se o ministro avançar para uma solução sem consultar o associativismo , aí o movimento associato terá razões para se queixar.

Ana Drago

Estágios a prazo

Reunidos no Teatro Paulo Quintela no passado dia 16 de Abril, os alunos e professores recém–licenciados da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), acabaram por recusar fechar a Faculdade, optando, em vez disso, por esperar até finais de Maio para ver se as suas reivindicações são satisfeitas pelo Ministério da Educação.

10

Em causa está o insuficiente número de vagas de estágio pedagógico que todos os licenciados do Ramo de Formação Educacional têm de tirar para terem habilitação profissional para dar aulas. Sem esta, os licenciados apenas podem leccionar por "mini–concursos" e os anos que leccionam não contam para efeitos de progressão na carreira.

A RGA fora marcada para dar a conhecer aos alunos os resultados da audiência concedida pelo Ministério da Educação (ME), no dia 3 de Abril, aos representantes da Faculdade, quando já numa reunião realizada a 27 de Março, ficara a ameaça de os estudantes encerrarem a Faculdade caso o ministério não apresentasse uma "solução imediata" para o problema do acesso aos estágio.

Para o desfecho da RGA, terá contribuído de forma decisiva a presença do presidente do Conselho Directivo (CD) da Faculdade que apresentou as conclusões da reunião tida em Lisboa, com o Secretário de Estado do Ensino Superior, Alfredo Jorge Silva, e a Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Ana Maria Benavente. Sem as tais "soluções imediatas" e "definitivas" o presidente do CD, João Roque, anunciou que o ME já tinha criado um grupo de trabalho, para fazer o levantamento dos problemas, esperando–se a apresentação de medidas até finais de Maio. Segundo João Roque, o grupo já teria efectuado contactos com a Direcção Regional de Educação Centro (DREC) para a recolha de informações relativas à rede escolar do centro. Afirmando–se "moderadamente optimista", mas com "reservas", o responsável máximo da Faculdade não deixou de avisar que a solução para o problema seria gradual e passaria por vários caminhos alternativos.

Posição semelhante foi a de Luís Urbano, representante dos estudantes no CD que integrou a delegação da Faculdade, segundo o qual, ninguém esperava, infelizmente, que o ME informasse que o problema do acesso ao estágio seria resolvido do dia para a noite. A delegação, que integrou também o presidente do Conselho Científico, o vice–presidente do CD e o presidente da Comissão de Supervisão do Ramo de Formação Educacional, não se limitou, no entanto, a apresentar as suas queixas e a ouvir o ME. Os representantes da FLUC entregaram um conjunto de propostas, algumas da autoria dos estudantes dos Orgãos de Gestão, para o aumento do número de vagas de estágio, propostas essas que Luís Urbano apresentou na RGA (v. caixa).

Os estudantes foram também informados da criação de uma comissão interna, da qual faz parte um representante dos estudantes, que manterá contactos informais com a DREC e o ME, acompanhando assim o processo até Maio.

Os representantes da FLUC rejeitaram assim as acusações da "falta de vontade para resolver o problema", tendo deixado o presidente do CD vários apelos aos estudantes, enquanto respondia às críticas que eram dirigidas aos Orgãos de Gestão, para que não tomassem posições "extremas" ou mais "radicais" que pudessem comprometer os esforços até então desenvolvidos.

O eventual encerramento da Faculdade acabou, assim, por monopolizar o debate na RGA, o que levou Jorge Lopes, um dos estudantes intervenientes, a considerar que se estava a "confundir os meios com os fins", chamando a atenção dos presentes para o facto de ninguém ter feito qualquer reparo às propostas apresentadas por Luís Urbano ou apresentado qualquer alternativa às mesmas. Segundo o mesmo estudante, um ex–membro do CD, a única vantagem em encerrar a Faculdade seria a de dar vazão aos sentimentos de revolta e de medo dos estudantes, pois, como disse, "quer fechemos a Faculdade, façamos o pino ou dancemos o fandango" o certo é que o problema não seria totalmente resolvido este ano lectivo.

Os estudantes acabariam por aprovar, por esmagadora maioria, a proposta que dava ao ME e aos Orgãos de Gestão, "um prazo", até finais de Maio, para tentarem resolver o problema. Segundo a proposta, os estudantes voltarão a reunir–se nessa altura, não sendo de excluir a possibilidade de virem a encerrar a Faculdade ou a adoptar outras formas de luta caso considerem que as suas reivindicações não tenham sido atendidas.

Tudo isto, numa RGA que ficou marcada, acima de tudo, pela reduzida participação dos estudantes. Dos quase 4000 estudantes inscritos, só cerca de 300 é que estiveram presentes na discussão de um problema, que, saliente–se, diz respeito à quase totalidade dos estudantes da Faculdade...

P.J.G.

Soluções à Vista

Os estudantes dos Orgãos de Gestão da FLUC elaboraram um conjunto de medidas cuja adopção consideram necessária para a resolução do problema dos estágios a curto/médio prazo. Em primeiro lugar, propõem a abertura de mais núcleos de estágio, quer nas escolas onde já se realizam estágios, quer através do alargamento da área geográfica onde os mesmos se realizam. Dada a reorganização da rede escolar actualmente em curso e a consequente redução do número de turmas onde é possível a realização de estágios (devido à passagem dos 7º, 8º e 9º anos para as escolas de ensino básico), os estudantes propõem a possibilidade de abertura de núcleos no 3º ciclo do ensino básico, salvaguardando, no entanto, a prioridade para as escolas secundárias por conferirem um grau de habilitação superior. Reclamam também a atribuição de um contingente suplementar de Formadores no Ramo de Formação Educacional (com a respectiva dotação orçamental), sob pena da política de aumento do número de núcleos de estágio se ver inviabilizada pelo simples facto de não haver formadores para os acompanhar. Por último, propõem a flexibilização da profissionalização em serviço, de forma a permitir que os recém–licenciados sem estágio que já dão aulas possam obter a habilitação profissional com um menor número de anos de serviço, descongestionando assim o número de candidatos às vagas de estágio pedagógico.

Especulação lançou o pânico em Coimbra, mas os criminosos já estão presos.

Os Violadores

Nem 13, nem 15, nem vinte e tal. A Polícia Judiciária deteve finalmente os dois presumíveis culpados, acusados de três violações e duas tentativas, acompanhadas em ambos os casos por roubo.

Nas mesas dos cafés ou entre conversas de amigos não há ninguém que não tenha ouvido falar dele. É o violador, uma personagem que seria responsável por 13, 15 ou até vinte e tal crimes. O violador seria um homem com máscara e que imobilizava as vítimas com clorofórmio. Estas seriam estudantes universitárias e até rapazes. Muitas das vezes o criminoso teria mesmo praticado actos de um sadismo implacável, cortando mamilos, violando a rapariga à frente do namorado, violando o namorado, etc.. Corria também a versão que defendia que a entidade violadora agia em grupos de vários indivíduos. Enfim... falava–se.

O pânico que os crimes deste género provocam nas pessoas fez crescer os boatos, cada vez mais terríveis, aumentando a insegurança das pessoas. As universitárias passaram a ir de autocarro para a Universidade, a andar mais acompanhadas, e a ter medo de passar na zona dos Arcos do Jardim a horas pouco convenientes.

Fez–se um abaixo–assinado com várias dezenas de assinaturas a pedir mais policiamento nas ruas. A Juventude Socialista de Coimbra também enviou uma carta ao Governador Civil e à Polícia de Segurança Pública também a pedir mais agentes na universidade. E ninguém sossegou, apesar de ambas as entidades garantirem que os tais agentes andavam por lá.

Neste clima de desconfiança generalizada, muitos indíviduos foram apontados como os presumíveis violadores. Esta vaga de acusações generalizou–se a professores catedráticos, de Medicina e de Direito, a alunos dos mais diversos cursos e faculdades, a funcionários da UC e a pessoas exteriores à Academia. Enfim, a lista de suspeitos era grande. A escolha destes "culpados" foi feita, muitas das vezes, por motivos de índole pessoal, inimizades ou simplesmente por se achar alguém com "cara de suspeito". Este facto levou, inclusivé, uma dessas pessoas a pedir "tempo de antena" à Rádio Universidade de Coimbra para defender a sua inocência.

Até porque as coisas nunca foram assim tão apocalípticas. A Polícia Judiciária, no início, tinha confirmado apenas duas violações. Depois começou a recusar–se a confirmar ou a desmentir alguma coisa sobre este caso, acusando a Comunicação Social de ter, ela própria, fomentado todas as especulações que conduziram a todo este alarmismo, atrasando o trabalho de investigação.

Mas a investigação, pelos vistos, chegou ao fim na semana passada. A PJ tornou público que finalmente deteve o presumível criminoso. Um indivíduo de 30 anos, que seria o autor de três crimes de violação e roubo a três estudantes, na zona universitária. Já não era novo nestas coisas: foi expulso dos EUA por problemas com a justiça, e foi indiciado recentemente em Coimbra por furto e arrombamento.

Também está preso um outro indivíduo que entrou numa residência onde terá tentado violar e roubar outras duas estudantes, conseguindo manter com uma delas "actos sexuais de relevo". Este tinha também um currículo preenchido por uma série de violações, roubos e até uma tentativa de homicídio, pelo que estava a cumprir pena de prisão. Estes crimes foram praticados em Fevereiro, durante "um período em que beneficiou de uma saída precária do estabelecimento prisional".

Especulação partiu de funcionários

Segundo o Dr. Duarte Nuno, Director de Serviços do Instituto de Medicina Legal de Coimbra e professor associado da Faculdade de Medicina, existiu muito exagero e muita especulação em relação à matéria. Segundo as suas declarações ao nosso jornal, essa especulação surgiu de funcionários deste serviço. De facto, o Instituto de Medicina Legal de Coimbra, um dos três únicos do País - com Lisboa e Porto - recebe vítimas de violação de uma grande zona da Região Centro. De Castelo Branco a Aveiro, da Guarda a Coimbra, todas as vítimas de violação que apresentem queixa são conduzidas a este instituto. Nem todas as vítimas aí assistidas são obrigatoriamente do nosso distrito. Foi o número total de casos que deram entrada no Instituto, observado obviamente pelos funcionários e posteriormente por eles comentado, que levou a toda a especulação, causadora da onda de pânico em toda a comunidade estudantil coimbrã.

Para o Dr. Duarte Nuno, certezas há muitas. Em primeiro lugar, durante os últimos tempos nenhum elemento do sexo masculino foi violado. Casos como esses já aconteceram, e têm vindo a aumentar, mas não se têm verificado ultimamente. Em segundo lugar, não houve violações com qualquer tipo de mutilação- corte de mamilos ou esventragem. Depois, os números de casos que correm por aí são exagerados. Embora não tendo podido adiantar o número exacto de casos ocorridos na zona universitária, que repousam em segredo de justiça, o Dr. Duarte Nuno, adiantou que "os números adiantados de 18, 19 e até de 29 violações são exagerados".

"Todos os meses há violações em Coimbra, embora sejam em número pouco significativo", adiantou ainda, considerando que "Coimbra não é uma cidade violenta: tanto as violações como os crimes de sangue são em número bastante reduzido; Acontecem em maior número crimes de natureza passional". Para o entrevistado, "não há razão para o alarmismo instalado", embora certas precauções tenham de ser tomadas: como não circular sozinho em zonas isoladas e pouco iluminadas.

Ricardo Rocha Diniz

Rosário Salvado

Tiago Magalhães

Regionalização: sim, sim, sim! - Abstenção: desta vez é preocupante - Propinas: dinheiro sujo para um mundo novo - Fado também tem androgénios - Ardeu...! - Sem redenção!

1. Regionalização: sim, sim, sim!

Guterres tem todo o mérito: avançou.

Hoje, assistimos a uma campanha anti–regiões.

Curiosamente, os opinantes são de Lisboa. Curiosamente também, quase só eles têm o espaço mediático para exprimimirem a sua opinião. (Os cronistas habituais são esmagadoramente de Lisboa).

Há um bom exercício para ver a centralização: saber de onde são os responsáveis por uma área. Por exemplo, a Cultura.

Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Museu Nacional de Arte Antiga, IPPAC, Comemorações dos Descobrimentos, Imprensa Nacional, Museu do Chiado, Ópera Nacional, Teatro Nacional.

Todos eles são de Lisboa. TODOS. Ou só em Lisboa estão as pessoas capazes, ou então há algo de muito, muito errado e quem não é de Lisboa é prejudicado na sua profissão e ao longo da sua formação.

Em Coimbra somos obrigados a saber o trânsito de Lisboa, as farmácias de serviço de Lisboa, os bares e as discotecas de Lisboa.

Um exemplo que particularmente me irritou foi ver um grande artigo sobre "o único programa sobre livros na rádio portuguesa". O dito programa passava numa rádio local de Lisboa. Ao nível local, há pelo menos um outro programa sobre livros (na RUC) e sabe–se lá quantas outras rádios não os têm também!

Mas para quem escreveu o artigo, tal coisa nem lhe passou pela cabeça, e é nesta redoma que está quem vive em Lisboa: só o que lá se passa, se passa. Falem com pessoas de Lisboa e vão ver: nem se lembram que há outro Portugal.

Outro exemplo: as companhias nacionais de ballet, ópera, teatro, são (e muito bem) subsidiadas. Mas para ver teatro, ópera, ballet de uma companhia nacional, bem podemos esperar sentados: só por acaso virá a Coimbra. E agora imaginem a Faro, a Chaves, a Viana do Castelo...

O argumento mais extraordinário contra as regiões é dado pelo aumento do número de políticos. Especialmente quando esse argumento vem da parte de políticos... de Lisboa. É que mais uma vez os políticos que não são de Lisboa (ou que lá estão há muitos anos) se contam pelos dedos...

A mudança não vai ser radical, nem vamos ter instantaneamente uma igualdade de oportunidades, mas é crucial haver políticos eleitos que queiram poder e possam ter legitimidade para exigir a descentralização. Começar a mudar este centralismo tão forte, que hoje nem imaginamos como Portugal pode ser diferente.

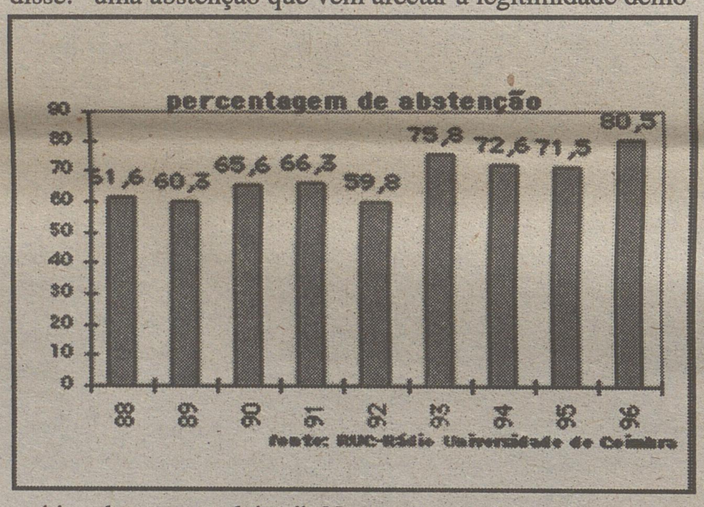
O modo como isto vai ser feito é muito importante, mas importante mesmo é fazê–lo!

2. Abstenção: desta vez é preocupante.

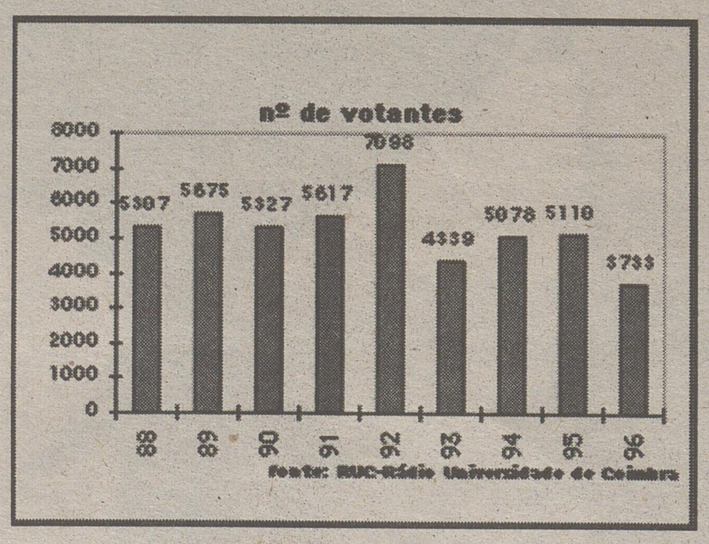
Todos os anos se diz o mesmo "abstenção elevadíssima", e quase sempre sem razão: a AAC é uma entidade supletiva, os votantes são muitos e muitos nem estão em Coimbra, as Faculdades não estão concentradas, nem todos vamos às aulas, as urnas estão relativamente longe dos locais de passagem.

Comparemos a votação da AAC com os sindicatos, partidos políticos, associações de estudantes, clubes, eleições europeias e até autárquicas e a votação da AAC é bem reveladora da enorme importância e interesse da AAC.

A análise feita nunca inclui comparações. E há análises estranhas. Por exemplo, sobre as eleições da AAC um jornal disse: "uma abstenção que vem afectar a legitimidade democrática dos novos eleitos". Na mesma página, sobre as eleições do ISCA "depois de escassas votações durante 4 anos, a eleição deste ano foi particularmente disputada".



Entre os dois extremos, a diferença na abstenção é de menos de 10%! Infelizmente este ano há razão em ficarmos preocupados. Não pelos números absolutos, mas porque o número de votantes diminuiu muito relativamente ao ano anterior. Essa relação (ver quadro) tem de nos obrigar a todos (especialmente à DG) a reflectir.



3. Propinas: dinheiro sujo para um mundo novo

Não há boas soluções para este dinheiro sujo, que deveria ser devolvido. Partindo da inevitabilidade do seu gasto, parte deveria ser para a compra de terminais gráficos para acesso à InterNet.

O acesso à WWW na Universidade de Coimbra é difícil e não tenhamos dúvidas: quem não lidar com este admirável mundo novo, vai–se tornar, como no livro de Huxley, num epsilon: ser inferior, feliz mas ignorante!

4. Fado também tem androgénios

Há mais de dois anos, no "Agitar antes de usar", que realizei com Joana Costa na RUC, passou um fado cantado por uma mulher no debate "Devem as mulheres cantar Fado?".

Um programa que previámos especialmente explosivo, não o foi.

Como na altura, também hoje, a polémica sobre o disco da Manuela Bravo passa ao lado da Academia: Os estudantes vêm o Fado como longínquo, só como tradição.

O espanto de quem diz "e as estudantes não se rebelam?" fica explicado. Para elas (e eles...) o Fado é a serenata monumental e (talvez...) a do caloiro.

É evidente que as mulheres podem cantar o fado. Aliás, qualquer pessoa o pode cantar. Do lixo (venha ele da Manuela Bravo ou dos requentados fados de Machado Soares) nos defendamos pela qualidade dos novos grupos.

A Secção de Fado no entanto, tem perfeita legitimidade para dizer o que pensa e para pensar que as mulheres não devem (diferente de não podem) cantar o Fado.

O problema está que na defesa de que as mulheres não devem cantar o Fado está explícita a ideia de um Fado morto que não evolui. Está explícita a ideia de um Fado folclore, somente símbolo em momentos académicos.

Vai contra a ideia de um Fado vivo, um Fado como um estilo musical. Esse nunca existirá sem mulheres a participar activamente e portanto a compor, a tocar e a cantar.

É um Fado folclore que a secção de Fado quer? Não devia.

5. Ardeu...!

A Superbock perdeu a Queima das Fitas e tentou contornar o problema. Grande resposta da Sagres: "Quem não está na Queima... ardeu!"

É mesmo isso. Por mim na Queima sempre que possível, vou fazer um boicote à Superbock.

6.Sem redenção!

Os orgãos de comunicação social adjectivam os políticos, independentemente das suas acções. Não há hipótese de redenção.

Sampaio é honesto, coerente, chato e sem carisma.

Soares é o máximo, gaffeur e o último animal político.

Cavaco é rigoroso, conhecedor dos dossiers e um estratega político brilhante.

E dali não saiem, mesmo que as acções não justifiquem os adjectivos.

Quando o caso é muito escandaloso, dizem "apesar de Cavaco ser muito rigoroso nas contas, há um buraco de 100 milhões de contos na TAP e na RTP e na Expo e na...". Mas Cavaco continua a ser rigoroso!

O último exemplo é Marcelo Rebelo de Sousa. "Brilhante, inteligentíssimo, um turbilhão, pouco coerente, maquiavel, elitista". E dali não saiem, nem vão sair, mesmo que as acções de Rebelo de Sousa o revelem um político sem chama, leal, terra–a–terra, coerente, consistente.

Um ideal vale mais do que a vida

Nuno Freitas

E que nunca vendais a consciência. Foi na missa da benção das pastas, isto. Calou fundo em cada um de nós. Depois, quando num sopro as fitas se agitaram na Sé Nova, éramos já homens e mulheres a acenar dignamente ao futuro. Há palavras e momentos que nos recolocam perante a essência das coisas. Que redimem, que nos dão confiança. Que libertam. Um ideal vale mais do que a vida. Que lufada de liberdade para uma despedida. Irrepetível, como também tão bem foi dito.

A primavera marcelista

Não sou de arrebatamentos fáceis. Talvez que o relativismo reinante, as desilusões sofridas ou a *lucidez tenebrosa* do Torga me tenham moldado avesso à credulidade absoluta na natureza humana. Em todo o caso, agradeço a oportunidade. Votei em Marcelo Rebelo de Sousa, no congresso do PSD. E este pequeno nada tem–me preenchido de uma estranha felicidade superior à satisfação que um voto de consciência dá à razão ou moral de cada um. Chamei–lhe primavera e esperança. Sinto–me outro. Será dos bifes ?

Compreenda–se. Os *desencantados* da política são, na maioria, sociais–democratas. Não pelas derrotas eleitorais, em sentido estrito, que sempre aceitamos democraticamente quando democraticamente prosseguimos. Antes pelo fosso de identidade que se havia estabelecido entre uma classe dirigente enquistada na visão do governo e do poder e os cidadãos que alicerçam o PSD na sociedade portuguesa.

Até há pouco, a cultura política dominante do PSD afastava pessoas, desmobilizava os simpatizantes e perdia a luta contra o tempo. A eleição de vários responsáveis governativos como dirigentes partidários redundou numa autêntica *perversidade democrática* para o PSD. É sabido que, internamente, a sentença de utopia ou os putativos interesses do Estado mataram amiúde a reclamação de mudança e a proposta inovadora. O autismo do governo foi o monólogo do partido.

A liderança de Marcelo Rebelo de Sousa representa uma ruptura radical nesse rumo. Pela densidade política e ideológica das suas intervenções, pela forma pedagógica mas frontal e eficaz com que se refere aos assuntos mais candentes, pelo desprendimento apaixonado com que convida à formulação de um projecto político alternativo e reformista para Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa é o líder do PSD que mais se assemelha a Francisco Sá Carneiro. Mas, mais importante, é um líder pronto a abrir a porta de Portugal ao século XXI.

O futuro voltou a ser livre

Disse-o Geremek, um dos líderes do movimento *Solidariedade,* a propósito da queda do muro de Berlim. Por cá habituámo–nos a pensar ao contrário. Comemoramos o 25 de Abril a olhar para trás, presos ao passado.

Todos os que, como eu, nasceram na década de 70 sabem qual o papel que nos cabe por estas alturas. Ser estúpido, ingrato, inculto, fútil e amnésico. Daí que os mais inspirados de nós façam por soltar, pela ocasião, piadas azedas sobre o *sistema,* uns vivas manifestamente acobardados aos neo–nazis ou tentem tornar visível uma ou outra xenofobiazita enquanto torram dinheiro no Continente. Esforçamo–nos por legitimar a patética terapia colectiva que se avizinha. E, chegado o momento, lá vamos, *merecidamente,* revisitar o 25 de Abril com os pais - fundadores - do - portugal - que - deve - ser - lembrado.

Isto de sermos encartilhados todos os 365 dias tem a lógica do vidrão. Mas se reciclar ao ponto de partida é útil para as garrafas de sumol a mim faz–me saltar a tampa. Todos sabemos que o 25 de Abril não corre o risco de esquecimento colectivo. E convenhamos que a efeméride é hoje, sobretudo, uma nacionalizada fogueira de vaidades. Uma cíclica massagem ao ego que alguns políticos oferecem a si próprios. Talvez compreensível. Mas já é inaceitável e ultrajante que a justifiquem, em qualquer 25 de Abril, aludindo a uma eventual deterioração moral e humana dos jovens que os faz desvalorizar a liberdade e a democracia.

Claro que as mais jovens gerações têm a liberdade e a democracia por adquiridas. Deveriam não as ter? Deveriam censurar–se ou auto - flagelar - se por isso? Pagar o dízimo? Deveriam viver na angústia de as não viver? O ultraje é pensar que os jovens portugueses não lutariam, hoje ou futuramente, pela liberdade e pela democracia. E ainda que tais convicções tivessem esmorecido as respostas necessárias não estariam, seguramente, no 25 de Abril de há vinte e dois anos.

Á frente de 24 mas sempre atrás de 26. É este o lugar do 25 de Abril. Porque para o futuro o que interessa é saber, por exemplo, como se amadurece a cidadania, como se aprofunda a democracia, como se utiliza toda a liberdade. Ou, mais prosaicamente, como se melhoram as condições de vida das pessoas. Ou como se garante dignidade, oportunidade, justiça e equidade a cada um. Ou.

É preciso construir o país do nosso tempo sem amarras. Olhar para a frente. Aprender com o passado, mas desprender do passado. Novas gerações virão cheias de grande gente. Saúdo toda a geração de 70. Saúdo todos os que nasceram depois de 74. Saúdo todos os que dobrarão o século português com espírito de abertura ao futuro. No 25 de Abril saúdo o 10 de Junho.

Como eu ia a dizer

Confesso. Há matérias sobre as quais escrevo comprometidamente. São cada vez menos, é certo, porque o Heisenberg criou–nos aquele princípio da incerteza que regula hoje o mundo físico. Quando releio tais passagens por vezes incomoda–me a pureza e a dureza da convicção política. Então invento escapatórias e faço douradinhos. Como quando disse que até é compreensível a massagem ao ego. Porquê? Porque a vaidade é uma fraqueza humana. E quem sou eu para apontar fraquezas aos que foram portadores de forças que eu nunca reuni? Ou aos outros?

Na quinta–feira há a serenata na Sé Velha. Deve ser a última a que assisto como estudante. Nunca se sabe. Esta do como estudante. Para quem por cá passa, haverá outro modo de ficar a ouvir fados de coimbra sem ser como estudante?

Depois entra a Queima a valer. E lá se vai a feira do livro, a exposição do Albano do CEF no Centro Cultural de Belém, o Círculo de Artes Plásticas, o Cinco dias, Cinco noites, tudo. O que vale é que sobra muito Maio para depois da Queima. Fora o estudo.

O jardim suspenso da babilónia

As flores iradas fazem queixa aos cantoneiros os cantoneiros irados fazem queixa à vereação a vereação irada faz queixa à câmara municipal a câmara municipal irada faz queixa aos jornais da cidade os jornais da cidade irados fazem queixa aos cidadãos os cidadãos irados fazem queixa aos estudantes os estudantes irados queixam–se às flores. As flores perdoam aos estudantes.

A fuga em frente dos políticos

Tony Blair, líder dos trabalhistas ingleses, foi aos Estados Unidos dizer que as pessoas andam à procura de uma proposta moral. Claro que foi recebido em ombros. Ironias. Major, apesar dos bons resultados económicos pré–vacas loucas, é acusado de arrogância pelos *opinion makers*. Mao Tsé Tung dizia em 56, no congresso do seu partido, que a modéstia faz avançar e a arrogância faz recuar. Mao Zedong sabia que Blair vai ser o próximo primeiro–ministro inglês. Também em Itália ganhou a esquerda. A esquerda está em crise na Europa? Provavelmente é a direita que está em crise. Mas a esquerda, essa, já não é o que era.

Nada para a regionalização. Parece–me artificial. Creio que, no fundo, se trata de uma fuga em frente dos políticos portugueses, incapazes de responder aos verdadeiros anseios e expectativas dos cidadãos. Resta para consolo que De Gaulle perdeu o referendo nacional em 69 sobre a regionalização. E era De Gaulle.

Vacas de todo o mundo, uni–vos !

A *Internacional Vaquista* reuniu–se de emergência. Analisou a situação do comércio mundial. Discutiu os prejuízos dos chocolates suíços, dos queijos franceses, dos gelados americanos, dos bifes ingleses e das aparas do Terceiro Mundo. Por fim, decidiu sair da cena internacional pela cancela grande. Os negócios estavam a dar com ela em louca. Abandonou o GATT, as Nações Unidas e o Banco Mundial. Declarou o fim dos amanhãs que mugem. Mas deixou escapar um sorriso espongiforme quando leu no comunicado final - "Vivam as soberanias nacionais!".

Para Um Amigo Cujo Trabalho Deu em Nada

Agora sabe–se toda a verdade,
Sê reservado e aceita a derrota
De qualquer garganta sem vergonha,
Pois como podes tu competir,
Sendo educado na honra, com alguém
Que, se se provasse que mente,
Não se sentiria envergonhado nem aos seus
Olhos nem aos dos vizinhos?
Educado para uma tarefa mais dura
Do que o Triunfo, afasta–te
E como uma corda sorridente
Tocada por dedos loucos
No meio de um lugar de pedra,
Sê misterioso e exulta
Porque acima de tudo
Isso é o mais difícil.

W. B. Yeats

A Volta do II acTUs

Os Segundos Encontros de Teatro Universitário não podiam ter começado melhor! A animação de máscaras gigantes, representando vacas, capricórnios, bruxas, padres e peixes, fez esquecer por momentos as obras da Praça Oito de Maio.

Inserido na iniciativa "Viva o Rio" da associação Pró–Urbe, o teatro de rua "À Volta do Munda" foi o resultado de um atelier dirigido por Pompeu José, membro do ACERT–Trigo Limpo, durante a semana que antecedeu o 2º acTUs. Nesse atelier trabalharam estudantes do teatro universitário do Minho, Aveiro, Lisboa e de Coimbra.

Pompeu José falou–nos um pouco desta experiência.

A Cabra - O que é que o levou a orientar esta oficina?

Pompeu José - Eu sempre tive interesse em fazer este tipo de trabalho. Já no ano passado tiveram vontade que eu viesse cá. Trabalhei com um grupo inglês que deu este tipo de técnicas, teatro de rua e de construção, só que não pude no ano passado. E então, este ano, apostámos nisso. Um bocado para que alguns dos elementos dos vários grupos de teatro universitário chegassem a uma outra técnica, a uma outra maneira de construir e de fazer as coisas.

P - Incentivou-o esta possibilidade de animação , do teatro sair do seu meio e de conciliar experiências de vários grupos?

R- Sim, acaba por estar tudo misturado. Os encontros em si já são uma tentativa de encontrar os diversos grupos. Na cidade há agora uma tentativa de fazer o "Viva o Rio".

O desafio que aceitámos foi: já que íamos fazer uma intervenção na rua, decidimos fazê–la um bocado virada para o rio. Levar as pessoas que andam na rua a aproximarem–se das margens do rio, a reconhecer que há ali uma certa tranquilidade, uma certa beleza. Brincando sempre, em aspecto de festa divertida.

Esta última intervenção é mais uma aula prática que vamos ter com os objectos que construímos durante a semana. Apostámos em construir cabeças grandes acima da cabeça para que quem esteja na rua veja o grupo. É uma oportunidade de enfrentar o público com a nossa capacidade. No fundo, é um momento único.

P - Pensa que Coimbra tem boas condições para fazer teatro ao ar livre, fora dos palcos convencionais?

R- Sim, sem dúvida. Por um lado, tem uma zona pedestre bastante extensa; por outro, tem um património arquitectónico muito rico.

P- Como vê essa ligação do teatro com o meio? É uma forma de atrair mais as populações?

R- Pois, no sentido da divulgação. O teatro pode também trabalhar com a comunidade, no sentido de reter as suas preocupações. Por exemplo, fazendo esta acção num momento em que há uma preocupação com o rio. Pode apanhar as pessoas desprevenidas na rua, o que será uma forma de renascer a necessidade de ver espectáculos ao vivo.

Cada vez mais é necessário que as pessoas saiam um pouco de casa para assistirem às coisas criadas ali ao vivo, à frente delas, seja música, teatro, poesia, desde que aconteça à frente delas e o público possa conversar um com o outro... criar uma outra noção de estar, que estamos a perder um bocado. O teatro de rua pode ter esta função, porque vai ao encontro das pessoas.

P–Durante o trabalho de oficina, deparou–se com algumas dificuldades? No que respeita à falta de tempo, por exemplo, ou ainda quanto à necessidade de conciliar grupos com experiências diferentes?

R - Quando as pessoas começam a fazer coisas sonham sempre mais. O teatro de rua foi mais a apresentação de um trabalho de rua. Se tivéssemos mais tempo fazíamos um espectáculo. Agora, quanto às diferenças entre os grupos, este processo de trabalho é uma forma prática das pessoas se encontrarem... a trabalhar. Eu estou a trabalhar uma coisa, mas tenho ao lado alguém a quem peço ajuda e naturalmente as pessoas chegam a conversar uma com as outras. Chegam a conhecer–se mais rapidamente do que se fosse por uma forma de trabalho tradicional.

Isto não se transforma em dificuldade... é já uma das metas da oficina.

P- Teve, agora, um contacto mais directo com o teatro universitário. Pensa que este atravessa tempos difíceis?

R- Tenho uma grande alegria. É que penso que há outra vez muita força no teatro Universitário, pelo menos, há muita vontade, principalmente em aprender e querer fazer coisas. As dificuldades que existem enquadro–as um bocado no conceito geral. É o mesmo que se passa com os vidreiros da Marinha Grande.

Temos é que agarrar mais o lado positivo. Eu penso que há gente bastante gira nos grupos, há lá uma massa humana bastante forte. É espantoso como é que no meio da vida universitária, há malta que mete a cabeça a fazer este tipo de actividades. Inclusivé, não podendo corresponder à vontade de toda a gente... já começa a haver demais, no bom sentido, é claro!

P - Esta experiência enquadrou–se no projecto do grupo ACERT–Trigo Limpo?

R - Totalmente. Não fazemos só teatro, construimos o cenário, objectos, já temos este espírito. O nosso projecto é em Tondela, integrado na comunidade. Fazemos animação cultural de todo o género, desde o mini–basquetebol ao futebol. A nossa associação apoia–os em termos de infra–estruturas. Vamos criando ateliers onde esta malta toda que vamos conhecendo possa lá ir, fazer experiências, discutir ideias.

P. - Quanto a futuras representações ou projectos, já há alguma coisa em perspectiva?

R. - Nós, Trigo Limpo e ACERT, estamos apostados numa coisa muito grande. Quer em Portugal, com esta noção de interior e o geral, quer na Europa, historicamente, começamos a fechar–nos aos países de expressão portuguesa (Brasil e países africanos). É para aí que tentamos abrir portas. Fizemos um projecto, que foi o "Cumplicidades", com o Brasil e, agora, o "Desencobrimentos" com Moçambique. Já tinhamos feito um projecto com um texto de Mia Couto. Temos, agora, no nosso grupo, um estudante- estagiário cabo–verdiano e estamos a pensar ir ao México entre Maio e Junho.

Eu ainda acredito que é possível mudar alguma coisa. Não no sentido da etiqueta: de laranja para rosa, mas no sentido em que as pessoas vão evoluindo, vão crescendo, vão encontrando os sonhos delas. Por exemplo, nesta oficina [que deu origem ao teatro de rua] tentei dizer a todos que nela participaram que é possível concretizar esses sonhos.

P - O teatro permite uma auto–realização, na medida em que ao nos inserirmos no meio simultaneamente desafiamo–lo?

Eu acredito que a linguagem da criatividade recria a comunicação, enquanto que a telenovela é redutora dos comportamentos. Temos uma família, pai, mãe e filho. Todos os três ficam muito satisfeitos. O pai, porque aquele é um pai como ele queria que os pais fossem, e assim por diante. Mas isso não altera nada, fica tudo na mesma. O que eu acho é que há que pôr dúvidas às pessoas. Fazê–las mexer por elas próprias. Abaná–las. Tendo sempre a necessidade de ter mais satisfação, mais alegria.

Penso que conseguimos criar este espírito na nossa comunidade. É que, quanto mais conseguirmos que as coisas se misturem, no bom sentido, mais fácil é. Há um produto saborosíssimo. Eu penso que, se fôssemos uma fábrica de sorvetes, tínhamos de fazer os gelados para as pessoas comerem e que elas gostassem. Mas, se gostássemos mesmo de fazer gelados, perdíamos um bocadinho, umas noites a discutir nos gostos novos e depois desafiávamos as pessoas a provar aquilo... misturando no meio outras coisas.

Fazer teatro também tem esta componente. Temos uma relação directa com quem vê as coisas, não somos só nós. Vamo–nos deixando influênciar por todas as coisas que vão acontecendo.

P. - Associa o teatro com quê?

R. - Festa. Totalmente, quer no conceito popular, quer no conceito do dia–a–dia. Coimbra é experiência disso, quando as pessoas saem à noite em busca de festa e alegria. Às vezes, há é pontos diferentes de chegar lá.

Para que estes encontros [de teatro universitário] fossem mais um festival eram precisas grandes condições económicas. As entidades oficiais ainda não perceberam. No entender delas, um grupo quer dinheiro para passar oito dias de férias. Era importante as pessoas estarem juntas, verem o trabalhos umas das outras.

Joana Ribeiro

"Para que a gente não continue eternamente a mendigar coisas que temos direito há muito tempo".

O Teatro Universitário em crise de identidade? Talvez. O que é certo é que precisa de um estatuto que defina o seu lugar no meio artístico, que lhe confira alguns direitos... nomeadamente financeiros.

Vasco Rodrigues, um dos organizadores do acTUs é peremptório: "A gente pede. Quase mendiga, mas já existe um certo cansaço de estar sempre a bater na mesma tecla. Em Espanha é a própria Universidade que organiza estes encontros, é uma estrutura perfeitamente definida".

Relativamente ao acTUs do ano passado, não houve um apoio expresso da Reitoria e este ano ainda se espera a confirmação de alguns apoios, entre os quais os da Secretaria de Estado da Juventude. Coimbra não tem escolas profissionais de formação teatral e, portanto, deve apostar em grupos que são dos mais antigos do teatro universitário da Europa, o CITAC e o TEUC. No entanto, para isso não basta colocar as letrinhas bem à vista de todos: T-e-a-t-r-o A-c-a-d-é-m-i-c-o d-e G-i–I V-i-c-e-n-t-e. A realidade é outra: em relação a esse espaço, os referidos grupos têm, para cada peça, a possibilidade de fazerem 3 ou 4 representações, no máximo, havendo uma indefinição do regime de aluguer a grupos autónomos e por aí adiante.

Apesar de o panorama não ser risonho, a organização do ACTUS reconhece que "os outros grupos lutam com muito mais dificuldades".

Os critérios adoptados para a selecção dos grupos são da responsabilidade desta mesma organização. Existe, porém, uma preocupação em apresentar diferentes propostas, mesmo fora do ambito universitário. Este ano, a presença da Escola Profissional Ballet Teatro do Porto é um bom exemplo disso.

Se a diversidade é a palavra de ordem, parece que há alguns grupos que não a viram com muito bons olhos. É o caso do grupo de teatro académico de Viseu. A sua actuação no ano passado não permitiu à organização do ACTUS a repetição do convite. Uma das iniciativas com mais impacto, o teatro de rua, fez renascer a ideia de projectos artísticos com um cariz diferente, mais livres. Para o ano, a aposta será num "outro tipo de estar em cena", ou seja, "a vontade é realizar o mínimo de espectáculos em palcos italianos e dar o máximo de espectáculos em espaços alternativos".

Assim, para o 3º acTUs as expectativas são muitas: internacionalizar os encontros e continuar o debate do estatuto do teatro universitário.

Este ano, os Encontros ficaram marcados pelo debate do estatuto do teatro universitário, pretexto, sem dúvida, para uma discussão por exemplo, do financiamento. Afinal, pedra de toque de tudo, mesmo das pancadinhas de Molière!

Joana Ribeiro (com colaboração de Carmen Hilário)

...acTUs

O 2º acTUs concretizou–se numa série de iniciativas que incluíram desde um animado debate sobre o Estatuto do Teatro Universitário até iniciativas de animação nocturna. No entanto, o prato forte foi sem dúvida a série de espectáculos que durante uma semana percorreram espaços tão variados como o Teatro Académico Gil Vicente, o Instituto Português da Juventude e o Estúdio do CITAC. Resultaram da acção de seis grupos distintos. A "Cabra" foi falar com elementos que a eles pertencem.

Escola Profissional Ballet Teatro (Porto)

Esta escola aposta na formação de actores profissionais desde há sete anos. Os seus alunos encaram os encontros de teatro universitário como "uma troca de ideias", permitindo "crescer com o trabalho dos outros". "Texto, expressão de corpo e voz" são as matrizes do trabalho destes futuros, assim se espera, actores. Com encenação de José Wallenstein, apresentaram o espectáculo "Vai e Vem" que se baseou em textos de Samuel Beckett. Estes últimos possibilitaram "humor, acções divertidas, mas com mensagem". A construção da referida peça foi, segundo palavras de membros do elenco, "um conjunto de rigor".

A Escola Profissional Ballet Teatro considera que o Estado "devia apoiar mais. Se as companhias profissionais se queixam dos apoios, quanto mais as escolas...".

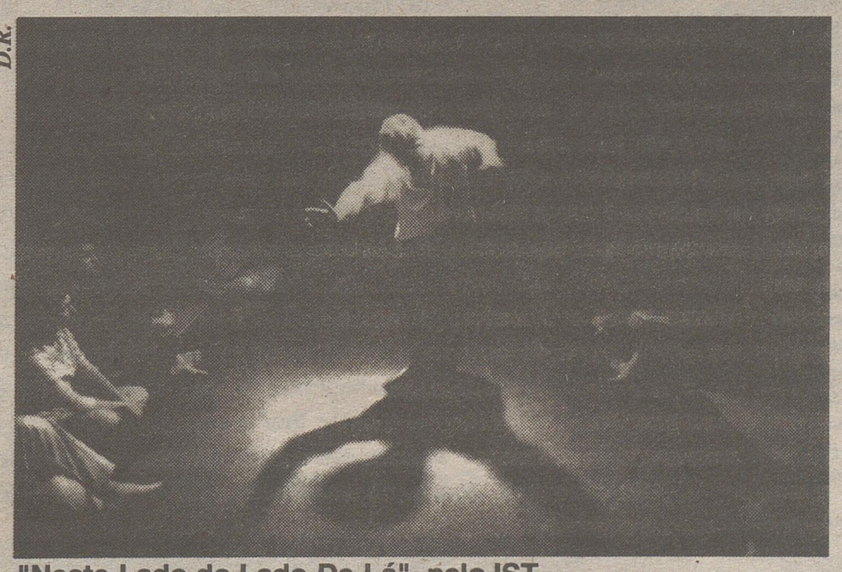
Quanto ao teatro universitário, aqui fica a opinião de um grupo que não se debate necessariamente com os mesmos problemas: "vive um bocado por carolice".

Quanto a projectos, não faltam. Os membros deste grupo vêm e vão logo embora. Depois de terem actuado em Coimbra, tinham à sua espera um estágio de dez dias em Londres. De seguida, aguarda–os um novo trabalho, lá para Junho, em que o encenador é um nome já conhecido: Umberto Marino.

Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra — TEUC (Coimbra)

Os membros do TEUC conhecem bem os problemas com que os grupos de teatro da casa (Associação Académica de Coimbra) contam: falta de espaços extra–Gil Vicente, necessidade de um espaço "especificamente ligado ao teatro universitário". Consideram que a "última peça não foi tão experimentada como devia porque não havia espaço onde a fazer". Apesar disso, reconhecem que "o CITAC e o TEUC são ainda os grandes privilegiados (...) temos sorte dentro do mau".

D.R.



"Neste-Lado do Lado-De-Lá", pelo IST

No TEUC procura–se variar de encenadores para que se trabalhem as diversas vertentes dos actores. No entanto, "Fando e Lis" foi encenado pelo formador do Curso de Iniciação, Paulo Castro. Um dos elementos do grupo deixa a sua opinião: "Nós temos liberdade, mas a visão dos encenadores vai variando. Isso acaba por limitar as próprias perspectivas da peça (...) dão–te moldes que não te vão permitir ir tão longe".

Quanto aos Encontros, são detectadas lacunas: "Falta qualquer coisa que ainda una os grupos (...) não há um convívio directo. (...) falta uma estrutura que permita ter todas as pessoas que venham no primeiro dia e que se vão embora no último".

Grupo de Teatro de Letras (Lisboa)

Este grupo vem da capital, um meio onde não faltam companhias profissionais, mas onde "há pouca cumplicidade, não há muito contacto". Por isso vêm aos Encontros, para haver proximidade. O teatro universitário é para eles um espaço "onde se pode experimentar coisas que os profissionais não têm a coragem de experimentar". O Grupo de Teatro de Letras, criado desde 1964/65, apostou sempre em encenadores profissionais, como Luís Miguel Cintra e João Grosso.

Ávila Costa , "encenador, director artístico e conselheiro", tem neste momento um grande peso na orientação da estética do grupo. Múltiplos papéis para uma maneira muito particular de ver o tetaro universitário.

Para "Os Carnívoros", receberam apoios da Fundação Calouste Gulbenkian e da Reitoria. Pensam continuar com esta peça até Junho, todas as quintas, sextas e sábados no Auditório da Cidade Universitária da Cantina Velha, espaço de encenação partilhado com o grupo de teatro de Psicologia e com um outro, presente nos primeiros encontros, o Cénico de Direito.

Festivais fora do país e performances são alguns dos projectos deste grupo, que para uma maior coesão do teatro universitário sugere "um intercâmbio de actores".

Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra — CITAC (Coimbra)

Uma das apostas deste grupo consiste nos seus próprios membros darem formação em áreas também importantes e muitas vezes esquecidas: luminotecnia, luminografia, figurinos, plástica, etc.

"Jogo de Massacre", a peça que apresentaram no acTUs e que teve Dato de Weerd como encenador, reflecte a alienação das pessoas pelo mundo à sua volta. No entanto, o trabalho não foi um mar de rosas: "Foi tudo deixado um bocado para nós. E como nós não tínhamos assim muita experiência teatral, surgiram–nos muitas dificuldades que tentámos ultrapassar em conjunto (...) e o grupo uniu–se muito (...) não houve uma direcção de actores muito boa".

D.R.

"A Vida de Um Morto", pelo GRETUA

Instituto Superior Técnico (Lisboa)

"Uma descoberta dos dois lados. O encenador com o grupo e do grupo em si." De facto, "Neste–Lado do Lado–De–Lá" foi a primeira encenação de Pedro Matos. Um tapete foi o único elemento cénico. O único e bastou!

Segundo Pedro Matos, "o que interessa é a maneira mais comunicativa de fazer as coisas."

O Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico, fechado pela PIDE, só há quatro anos é que reiniciou a sua actividade. Uma actividade que em Lisboa não tem sido fácil. "Não há uma sensibilização mínima por parte das pessoas que estão na Associação de Estudantes. O contacto é unilateral. Há pessoas no Recreativo Cultural do Técnico que não sabiam onde nós trabalhamos. É uma sala à frente da associação. Há janelas nos dois sentidos, mas só nós os vemos." Assim esperam dos Encontros o reconhecimento do seu trabalho, um contacto "com novas formas de fazer teatro universitário."

No imediato, está a sobrevivência do próprio grupo e a aposta na formação de elementos novos. Algo ligado a Coimbra, como o mito de Pedro e Inês, será a próxima ideia para uma encenação.

Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro — GRETUA (Aveiro)

Este grupo de teatro do Norte do País apresentou uma peça adaptada de um livro de Rui Zink. "A Vida de Um Morto" pôde receber a colaboração deste autor, conhecido pela sua presença no programa "A Noite da Má–Língua". Para Mário Montenegro, encenador da peça, "devia ser sempre assim". Rui Zink, por seu lado, considera que "foi um grande estímulo para continuar a escrever" porque "uma das coisas mais melancólicas da escrita é não termos contacto com a audiência". Para este autor, livros e iogurtes são a mesma coisa: "ambos têm o prazo de três semanas".

Além disso, "o livreiro quando recebe o livro de um autor que não conhece, nem sequer coloca na montra. O livro vai já para um sítio onde está moribundo." Neste momento, Rui Zink pensa que já beneficia de um certo reconhecimento público, já sente o seu nome como o da"Sagres ou a Coca–Cola". No entanto, o acesso do Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro ao seu livro ainda é pretexto para contar uma história: "Eu imagino sempre que um deles estava numa festa, em casa de alguém. E já eram cinco horas da manhã. Estava tão bêbado que em vez de ir para casa ficava por lá, com vontade de vomitar e ir à casa de banho. A certa altura pega num livro da estante, vai para a casa de banho e fica lá a vomitar durante uma data de tempo, e uma hora depois começa a ler, sentado lá na sanita. E começa a achar piada e depois adormece. No dia seguinte, lembra–se vagamente, procura o livro e ele lá está, por detrás do piaçá e pede emprestado a outra pessoa e depois acha piada".

Questionado sobre uma provável ligação a uma das personagens, Rui Zink mostra afinidades com uma que fala para não comunicar nada. "A linguagem não é para comunicar mas para não comunicar." Paradoxo? Então, lembrem–se da "Noite da Má–Língua"! Aqui fica o retrato de um dos participantes: "Parecemos o Becket à procura de Godot, outras vezes um teatro de revista, outras o Bucha e o Estica (...) há momentos que são geniais, de encontro e harmonia entre o imprevisto e o resultado. Outras vezes, como é natural em televisão, é a pior das porcarias. Não é arte. É imediato".

O GRETUA debate–se com dificuldades de apoios da própria Associação de Estudantes. O espaço onde encena também podia ser melhor. Ocupa uma antiga oficina de geologia, sem casa de banho. Mas mesmo assim continuam com força: "é preciso é não deixar de fazer as coisas por não ter as condições boas".

Este grupo viu com bons olhos a atenção que lhe prestou o público de Coimbra qualificado como "um bocado inteligente, não desiste logo à primeira, (...) não começa a conversar para o lado".

O GRETUA realiza também cursos de formação em várias áreas, cenografia, figurinos, desenho de luz, etc. Este ano o exercício final está programado para o final de Maio. Outubro será o mês de um novo trabalho. Texto e encenador procuram–se.

Joana Ribeiro (com colaboração de Carmen Hilário)

Contra–propaganda debaixo das barbas de Suharto

Neon Metin

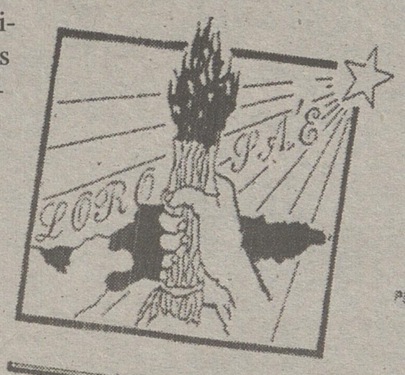
Entre Timor e a Indonésia, numa cidade incerta e com editores com nome de código nasce o Neon Metin, folhetim informativo da Resistência Nacional dos Estudantes Timorenses. Escrito em Português e distribuído também em Coimbra.

Existe desde 1989, com a execução gráfica do Departamento de Agitação e Propaganda da Resistência Estudantil timorense, e é feito com a regularidade que é permitida a estudantes que, como todos os estudantes, têm os seus afazeres académicos, e, como timorenses, têm a Polícia Política Indonésia à perna. Nada melhor que usar nomes de código para manter as suas identidades na penumbra. Assim, encontramos nomes na ficha técnica como Lahe Mau, T.Teti, Toha e Russo na redacção e La´Sama (aquele que não se deixa pisar, em Português), como responsável pela publicação. Os resistentes chamam–lhes "nomes–revolucionários", ou não fossem estes atribuídos a alguns dos mais influentes membros da Resistência Maubere. La´Sama é "só" um dos cabecilhas da Luta interna contra a Indonésia e, como muitos dos seus compatriotas está agora preso, na mesma prisão que Xanana Gusmão.

O Neon Metin, em si, é um conjunto de fotocópias agrafadas, com mensagens patrióticas e informações sobre as actividades e os acontecimentos de diversa índole relacionados com a Causa Maubere. O próprio título é o reflexo da mensagem que o folhetim pretende transmitir, em Português: a Força da Fé; acompanhado no cabeçalho da publicação pelo símbolo da Unidade Nacional Timorense, o archote na mão e as palavras Loro Sa´e, traduzindo: Sol Nascente.

É editado em três línguas, a saber, o Tetum–maubere, o Bahasa–indonésio e o Português e distribuído em 5 países: Austrália, Estados Unidos da América, Indonésia, Timor e Portugal. O Neon Metin também já é distribuído em Coimbra, pela delegação local da RENETIL, com algumas limitações, devidas à falta de dinheiro para a sua reprodução.

Ricardo Rocha Diniz



NEON METIN

PERIODICO DA RESISTENCIA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE TIMOR LESTE

ANO VIII NÚMERO 1 — JANEIRO DE 1996

Boutros Ghali, Alatas, e Jaime Gama no 7º encontro em Londres

EDITORIAL

TIMOR-LESTE NAS PERSPECTIVAS DE JORGE SAMPAIO

A 7ª ronda das negociações entre ONU, Portugal e Indonésia terminou sem novas perspectivas, excepto o repetitivo consenso de "voltar a negociar". A sensacionalidade que Jaime Gama e Ali Alatas pretendem insinuar, com "o diálogo foi construtivo...porém os seus detalhes ainda não podem ir para o consumo público" se, por um lado, fomenta especulações, por outro, apenas sustenta a hipótese de que tanto Portugal como a Indonésia, se entregam cada vez mais ao tempo, como o factor que pode vir a ajudar ambas as partes a ultrapassar muitos impasses.

Para a Indonésia que, ao longo destes vinte anos, a diplomacia timorense sempre arremessou para a defensiva, entregar-se ao tempo é a atitude mais recomendável, por ser a mais vantajosa. As suas experiências em Nova Guiné Papua Ocidental, conjugadas com as experiências de Portugal em Goa, Damão e Diu, não só lhe alimentam a proposição de que, numa disputa, a morosidade sempre remete o processo conflitivo para a dimensão de adaptação das partes em litígio, como ainda lhe fortifica a convicção de que o arrastamento deliberado dessas mesmas partes torna o objecto em disputa a conformar-se com os consensos conspirativos que andam por detrás do "*whistle blowing*". A par disso, a cultura diplomática indonésia, predominadamente javanesa e alimentada por muita paciência, persistência e resignação, não fará Alatas (ou quem vier a substituí-lo!) a sentir-se deprimido perante a possibilidade de a busca da solução para o caso de Timor-Leste se prolongar indefinidamente. Por isso, na actual conjuntura política internacional em que o caso de Timor-Leste começa a aparecer no cabeçalho de muitas agendas, o tempo é o melhor aliado para a Indonésia.

Por seu lado, Portugal que ao longo da sua história, se tem revelado muito agressivo e determinado em relação aos seus adversários, mergulhar-se no tempo, é

continua na pagina 3

NESTE NÚMERO:

Editorial 1
Timor Leste nas perspectivas de Jorge Sampaio
Carta da Redacção 2
Frente Político-Diplomática 3
Repensar no Pensar dos Portugueses
Frente Político-Militar 4
Busca- Vantagem na Represália
Frente Político-Clandestina 5
Baixaria ou Estratégia?
O Que Dizem de Nós 6
Povo Maubere e Povo Marhaen no mesmo trilho
O Que Dizemos de Nós 7
Quem deve ser?
Eles e Nós 8
Breves Notícias sobre a Resistência

A vida de um estudante PALOP no nosso País

Era uma vez... em Portugal II

Na sequência do último número, a página África dedica mais um capítulo à presença dos estudantes africanos no nosso País. Referidos os motivos da sua vinda para Portugal, o primeiro ano e as primeiras impressões sobre este país que os acolheu e o eterno problema das Bolsas, cabe–nos agora falar sobre a sua adaptação à realidade portuguesa, os seus contactos com o país natal e as suas perspectivas para o futuro.

Obstáculo comum a todos os que cá chegam pela primeira vez é o frio. De facto, não é raro ouvir que "a adaptação ao clima custou imenso". E não é só. Para além do protesto de qualquer estudante que se preze à qualidade das refeições servidas nas cantinas, os estudantes africanos não deixam esconder as saudades da comida de casa, dos pratos típicos. Já quanto à língua não houve problemas de maior, pois, afinal de contas, falamos todos Português. Se calhar para os lados de Moçambique já haja quem escreva Mozambique e dê as boas–vindas à Commonwealth, mas ainda por lá anda muito boa gente a falar e a escrever em Português.

A Universidade

A adaptação à Universidade e ao sistema de ensino é também geralmente considerada como difícil. São vários os obstáculos com que se deparam ao chegar ao ensino superior. Nalguns países, o ensino que lhes é ministrado baseia–se em estruturas e conceitos bastante diferentes da filosofia do ensino em Portugal. É o exemplo de Angola, cujo ensino é moldado por influências do leste europeu, nomeadamente da ex–RDA, onde se privilegia uma instrução mais "leve", não tão preocupado como cá em sobrecarregar o estudante com inúmeros conceitos, definições e teorias. Também a situação social e cultural dos seus países, alguns em guerra até à bem pouco tempo e todos extremamente débeis economicamente, é totalmente desfavorável à criação de estruturas de ensino de qualidade e que abranjam a maioria das crianças e jovens em idade escolar. Estas condições aliadas aos próprios obstáculos por todos sentidos no período inicial de adaptação tornam naturais as dificuldades com que muitos destes estudantes se debatem nos primeiros tempos de Faculdade. Depois há ainda um problema sentido por alguns, que é o da desadequação entre aquilo que esperavam e o curso com que se confrontaram. Nesses casos é extremamente difícil contornar o problema, já que é a própria Embaixada que normalmente cria os maiores obstáculos a uma mudança de curso.

Saudades de Casa

Uma vez em Portugal, as formas de matar as saudades de casa são as mais variadas. Pelo contacto com os grupos de compatriotas ou pelas noites na Crioula, a única discoteca de música africana em Coimbra, tentam manter os laços que os prendem a África. As cartas e telefonemas para a família e amigos, as visitas aos seus países, poucas porque caras, mas também as novidades trazidas pelo colega que acabou de chegar são alguns dos meios para satisfazer a curiosidade por notícias frescas das suas terras. Ao mesmo tempo, lamentam a cobertura da-

da pela Comunicação Social portuguesa às realidades dos seus países. As televisões e os jornais dão, segundo eles, uma informação muito escassa, quase se limitando a cobrir a situação política do pós–guerra ou os processos eleitorais. Queixam–se ainda que "só passam as coisas más", as tragédias e quase nunca aquilo que de bom por lá acontece.

"A inserção social varia muito de pessoa para pessoa" - verdade " a la Palice" ou não, o certo é que é impossível encontrar um denominador comum em relação a esta matéria tão delicada. Como em todo o lado, há aqueles que "se inserem muito bem na sociedade, não se isolam", como outros que se cingem a um grupo restrito de amigos, normalmente compatritas, e/ou tendem a afastar–se dos restantes membros da Sociedade.

E depois há o problema do racismo, que é complexo, muito complexo. Obviamente, num artigo desta natureza apenas podemos transmitir o testemunho daqueles que ouvimos. Domingos, estudante angolano, é peremptório ao afirmar que "a sociedade portuguesa é muito racista". No que é corroborado por Carla, que também não esconde "que se sente muito racismo". Já um estudante guineense não é tão conclusivo, dizendo que se é certo que se sentem situações de racismo, não se pode afirmar que a generosidade dos portugueses seja racista.

Voltar a África é o objectivo de quase todos. Actualmente, dos estudantes que acabam o seu curso a maior parte volta ao seu país. O regresso às suas famílias, às raízes é por muitos ansiado. Querer voltar também estimulado por um sentido de dever, um compromisso com o seu povo e o seu Governo, emanado pela consciência de que a sua vinda para o estrangeiro para estudar é um privilégio concedido a muito poucos no seu país.

Nuno Brandão

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em Julho

Comunidade Lusófona

Os Ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné–Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe definiram, em Maputo, os estatutos e os regulamentos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A Declaração de Maputo diz que tanto os estatutos como os regulamentos foram aprovados por unanimidade. Foi igualmente aprovado o logotipo da organização e a data da cimeira. A reunião dos chefes de estado vai ser realizada em Lisboa nos dias 17 e 18 de Julho deste ano.

Como princípios gerais a Comunidade pretende fomentar a cooperação mútua nas áreas cultural, económica–social e técnico–científica; conjugar esforços para protecção e preservação do meio ambiente; promover o respeito pelos direitos humanos e erradicar o racismo,a discriminação racial e a xenofobia.

No dizer dos participantes na cimeira ministerial de Maputo, a acção da CPLP vai–se desenvolver em dois vectores sendo o primeiro o da solidariedade da língua.

O segundo vector é o da Comunidade em si, enquanto uma instituição de solidariedade e de relações que permitam a afirmação dos membros no espaço internacional na base da aceitação das especificidades próprias, ou seja, de que cada um dos Estados tem o seu próprio espaço regional, mas todos têm em comum características que querem afirmar, através da língua e de uma política concertada.

A reunião de Maputo não abordou totalmente uma questão delicada que é a do valor da participação de cada membro no orçamento da organização.

Um primeiro desentendimento entre os membros parece ter nascido já na capital moçambicana. A declaração final do encontro remetia para data posterior a decisão sobre o perfil, nome e condições de indicação do secretário executivo. Horas depois, ao que se diz por pressão dos angolanos, viria a ser anunciado que o primeiro secretário executivo será angolano e cumprirá um mandato de dois anos. O secretário executivo adjunto será um brasileiro. Os respectivos governos indicarão os candidatos.

João Miranda disse em Maputo tratar–se apenas da lógica do alfabeto, já que sendo o primeiro estado nessa ordem, Angola via com bons olhos um cidadão seu como secretário executivo.

As primeiras reacções entendem que a ordem alfabética não é motivo suficientemente forte para que o cargo começasse a ser ocupado por um angolano e argumentam que por essa lógica a primeira cimeira seria em Luanda e não em Lisboa e o primeiro presidente deverá ser angolano, o que não tem cabimento.

Chegado a Luanda, o vice ministro angolano resume o caso com um seco "foi o que deveria ser" e sossega os mais críticos da CPLP afirmando que a adesão de Angola não pressupõe subalternização da Sociedade Africana para o Desenvolvimento e Cooperação e assenta na valorização da concertação político–diplomática. Em Luanda os analistas consideram ser cedo demais para avançar nomes com alguma fiabilidade, mas ainda assim os nomes de Rui Mingas, antigo embaixador de Angola em Portugal e de Francisca do Espírito Santo, antiga Vice–Ministra da Educação, já vão sendo apontados.

Os estatutos e os regulamentos serão aprovados na cimeira, se não houver novos adiamentos. São conhecidas duas tentativas anteriores de reunião de chefes de estado para proclamação da CPLP. O primeiro adiamento deveu–se a razões familiares do então presidente Itamar Franco e o segundo a José Eduardo dos Santos ou Mário Soares (depende das versões) na sequência de um mal entendido originado por declarações sobre Angola do antigo presidente português.

A Comunidade abrange sete países, três continentes e 200 milhões de falantes.

Ismael Mateus

Escritos e Ditos

"...O português não é a língua materna da maioria dos angolanos. Os angolanos são em primeira instância "bantuáfonos", não "lusófonos" e para mim o desenvolvimento de Angola e o desenvolvimento da língua portuguesa em Angola passa pelo reconhecimento dessa realidade.

Hoje, por via de uma urbanização intensiva concentrada no litoral, onde esta língua está mais enraizada, o português é língua materna de muitos mais angolanos do que há vinte anos - mas, se as nossas crianças continuarem sem escola, e se os professores continuarem tão desamparados, brevemente se falará aqui algo completamente incompreensível para a maioria de nós.

... Não me parece que o português seja a nossa língua de comunicação com o exterior, se nos referimos ao mundo das ciências, sejam "sociais" ou "tecnológicas". Os universitários, aqui ou em Portugal, sabem muito bem que quem não domina inglês ou francês "passa mal".

Mas o português nunca será a língua de comunicação dos angolanos com os seus vizinhos. É que nós somos africanos e só encontraremos uma via real para o desenvolvimento quando houver maior integração regional. Não é em Lisboa ou no Rio que está o nosso futuro, é aqui. Isso significa inverter a tendência herdada do passado e procurar prioritariamente na região a complementariedade para o comércio, a energia, a indústria- nisso será dificil não estarmos de acordo, pois assim fazem na Europa e na América. E ainda haverá espaço para toda a oputra cooperação.

.....Fala em difundir a consciência da lusofonia. Qual? Rejeito com firmeza a ideia de uma "lusofonia" que seja à imagem da "francofonia", a partilha da África pelas suas antigas metrópoles, agora através da prisão linguística, ao abrigo de pretensas unidades culturais, mas no fundo com interesses bem mais económicos e políticos. ...É um isolamento a romper pelos africanos, não a reforçar através de estrutura semelhante para os que falam português. Tudo o que nos leve a um ghetto cultural, seja lusófono, islâmico ou bantu, não favorece o desenvolvimento científico."

Extractos de "A Universidade dos 7 vista das Margens do Kuanza - A questão das ciências sociais" da Dra Maria da Conceição Neto à III Mesa Redonda Afro–Luso–Brasileira, Luanda–Jan/94.

Desminagem em Moçambique

A UNICEF, Fundo da ONU para a criança, vai lançar em Moçambique um programa de desminagem. O programa, com um custo global de meio milhão de dólares (75 mil contos) vai abranger seis dos 130 distritos do país.

Quatro anos depois do fim da guerra, ainda existem em Moçambique mais de um milhão de minas espalhadas pelo país. Todas as semanas ocorrem entre dez a quinze acidentes, metade dos quais provocam mortes.

Direitos Humanos

O Arcebispo Anglicano Walter Makulu acusa os presidentes dos Estados da África Austral de violação dos direitos humanos. Makulu, que é Presidente do Centro para a Defesa dos Direitos Humanos no Botswana, pediu aos povos da região e às organizações não governamentais que desenvolvam uma nova visão da cooperação regional no que se refere aos direitos humanos.

A África Austral integra a África do Sul, Angola, Botswana, Lesotho, Malawi, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe.

Elefantes para Angola

Angola e África do Sul vão cooperar na preservação animal. A África do Sul vai enviar para o parque da Kissama em Angola excedentes em elefantes, espécie em vias de extinção em Angola devido ao massivo abate durante a guerra. Os sul–africanos dispõem–se a ajudar na criação de parques de animais selvagens e na elaboração de estudos sobre a Palanca Negra gigante, para reprodução em cativeiro no parque nacional da Kangandala, em Malange.

Será também fornecida a Angola tecnologia industrial para processamento, tratamento e transformação de produtos agro–pecuários, atraves da secagem de peles.

Futuro melhor para São Tomé e Príncipe

O novo programa de governo em São Tomé e Príncipe estabelece como objectivo principal a consolidação do estado de direito democrático e a garantia de segurança aos cidadãos e seus bens.

Outras linhas gerais da governação santomense são a melhoria da condição de vida da população, a liberalização económica e a promoção da iniciativa privada.

O novo programa refere também como metas a atingir a implementação do conselho superior de imprensa, a autonomia de Príncipe e a participação das populações nos custos de saúde e educação.

O sexo do fado

O caso Manuela Bravo

Algumas reflexões e esclarecimentos

José Manuel C. Beato *

Consideramos escandaloso e inaceitável o modo como jornalistas tagarelas, escrevinhadores de circunstância, e garbosas figuras públicas desta cidade, têm, por pura ignorância ou perniciosidade, escamoteado a natureza do problema que subjaz à polémica do projecto discográfico de Manuela Bravo. A novela jornalística que tem sido fomentada em torno deste conflito, em nada tem esclarecido a questão, e muito menos proporcionado um debate sério do assunto. Multiplicam–se os artigos, que sob o epíteto jornalístico de "opinião", mais não fazem que emitir dichotes infundamentados e inconsequentes, e apenas revelam uma aberrante incapacidade, ignorância ou má vontade, em colocar e definir os problemas de fundo e identificar as causas da revolta face ao dito projecto.

Tem sido fácil entusiasmar a opinião pública e alentar emoções apologistas da dita senhora, evocando contra os seus opositores acusações como as de "anti–democratas", "sexistas" e "fundamentalistas" académicos. Urge assim identificar as traves mestras do problema, esclarecer (pre)conceitos e posições.

Avançaremos desde já quatro pontos fundamentais. O primeiro, que em momento algum (caro dr. Manuel Machado) foram postas em causa as "liberdades, direitos e garantias individuais" de qualquer cidadão: a oposição a este projecto não constitui um acto anti–democrático, ou de despotismo cultural. O segundo, que contrariamente àquilo que se procura fazer crer, não se trata de um conflito sexista, dum atentado do tradicionalismo machista à condição feminina (como julga Manuel Portugal). O terceiro, que esta reivindicação também não constitui um caso de fundamentalismo académico, de praxismo exacerbado (como tem defendido Alexandra Almeida). O quarto, que nem de longe nem de perto, incorremos num atentado à "liberdade da Arte".

Começaríamos por aqui, dizendo que liberdade não se confunde com libertinagem, que a liberdade interpretativa a nível artístico implica "responsabilidade" e respeito pela essência estética da obras visadas. Diríamos ainda que a liberdade artística consiste na "criação", não na subversão do criado. Aproveitaríamos ainda para perguntar: o que é feito duma manifestação estética se a desenquadrarmos da teia de relações psico–sociológicas, do universo mítico–antropológico, da carga de significações históricas que a determinaram, enquadram e conferem autenticidade? Que é feita de uma obra de arte, se uma pretensa apropriação interpretativa ou recriadora lhe destrói a sua forma e essência estética, se aliena da sua carga simbólica? É isto que está em jogo, não praxismos exacerbados, muito menos machismos estultos ou despotismos obscurantistas. O que está posto em causa e o que move a nossa oposição a este projecto, é de facto a defesa da peculiaridade estética, da natureza histórico–cultural, do sentido do discurso literário - musical da Canção de Coimbra. A adulteração, descaracterização dum património musical, pela diluição da sua especificidade etno–antropológica, não é decerto um acto de liberdade artística, mas um acto de perversa libertinagem e de incultura .

O que é levianamente subvertido por Manuela Bravo é pois a essência artístico–ideológica dum género musical, que na sua génese histórico–social, na semântica da sua poesia, no seu sabor e cariz estético é masculino. O Fado - Canção de Coimbra surgiu inequivocamente como um género musical de serenata, praticado entre académicos (estudantes e não estudantes) e marcada pela condição quase exclusivamente masculina da própria sociedade universitária de então. Deste modo pontificou na composição letrística e melódica, e na intenção interpretativa, o propósito do discurso amoroso do homem para a mulher. Este propósito de serenata e esta intenção lírica masculina, marcam a semântica e a natureza artística do fado tradicinal. O posterior alargamento temático das composições, e a cada vez maior presença feminina na sociedade académica não alterou, até aqui, o rumo da tradição do canto e da guitarra de Coimbra, nem o seu cariz interpretativo masculino.

O que está em causa é o respeito pelo reportório existente cuja integridade deve ser preservada, e não os projectos futuros que, marcados por um novo paradigma sociológico, exijam o acesso ao canto e à guitarra por parte das mulheres. O que é claro, é que esses projectos devem partir das actuais mulheres estudantes, que devem assumir o desafio de criar de raiz, os seus próprios temas, o seu próprio estilo musical e interpretativo, e não de uma qualquer cançonetista profissional caído de algum balão furado. As guitarras e as violas estão à disposição, os mestres de guitarra estão prontos a ensinar, haja iniciativa poética e musical!

Uma vez recentrado o debate, parece–nos claramente escamotear a sua problemática colocá–lo em sede duma discussão sexista. É pois um disparate invocar a "Comissão para a Paridade e Igualdade de Oportunidades", mas um disparate desonesto e pernicioso, porquanto falseador do problema, junto de instituições públicas da Nação. Não se trata de machismo, mas sim de proteccionismo, e porque não dizê–lo, de conservadorismo étno–cultural. Num universo cultural mediático na divulgação, mas imediatista e massificador nos propósitos, todas as desconfianças e proteccionismos são poucos, quando visam a defesa de elementos patrimoniais sensíveis às agressões, frágeis pela natureza da sua origem social. Nada é mais inconstante, volúvel do que o mundo académico–coimbrão, que gerou e alimenta o fado–canção de Coimbra. Nada é mais horrendo e a–cultural que a lógica do aproveitamento comercial das manifestações estéticas, de que o aviltamento da genuinidade das expressões artísticas.

Não estão de certo em causa as liberdades, direitos e garantias individuais de ninguém, quando nos reclamamos opositores acérrimos do projecto. Fazêmo–lo, pelo contrário, pelo direito e o dever que nos assiste em defender a autenticidade e integridade de um património, que queremos dinâmico e em evolução, mas não pervertido por libertinos e arrogantes. Nunca nos propomos violentar nada nem ninguém, antes nos sentimos violentados e sentimos violentada a Canção de Coimbra. De atropelos e agressões várias é, e tem sido há muito, vítima a nossa canção: sempre vendida e revendida por Fredericos Vinagres, Fernandos Venturas, Valdemares Vigários, etc; tornada em "Fado Académico" nacional ou do Porto, por meninos do Orfeon daquela cidade; constantemente ameaçada por vendihões e oportunistas. Agora tornada em canção festivaleira em nome duma qualquer ligação paterno–visceral.

Passados os anos da sua paulatina retomada (início dos anos 80), as tradições académicas, ao mesmo tempo que são alvo de uma estranha e fervorosa adesão, vivem o momento duma bifurcação evolutiva aniquiladora da sua autenticidade. Por um lado a sua folclorização massificada, por outro a sua diluição num "pan–academismo" de proporções nacionais, ela mesma amplamente descaracterizadora. Nesta linha de dupla fragmentação e descaracterização está também a Canção de Coimbra. De facto, é cada vez maior o número de estudantes que aspiram a ser intérpretes de canto ou guitarra. Mas esses jovens que anualmente acorrem às escolas da Secção de Fado e da Tuna raramente são movidos por uma verdadeira conversão de sensibilidade a este género musical. Quando não o fazem por mera diletância domingueira, vislumbram já o prestígio social e os benefícios financeiros que pode proporcionar. Por outro lado, existe a ameaça da já referida apropriação ilegítima do Fado de Coimbra, pelos espaços e tradições universitárias de outras cidades.

Assim, vemos claramente que a questão não é meramente artística, que não releva apenas da teoria da arte mas também da etno–musicologia. O Fado–Canção de Coimbra é inequívocamente um género musical próprio dum universo universitário e citadino particular: a Sociedade Tradicional Académica. Ora não consta que Manuela Bravo algum dia tenha frequentado o espaço étnico académico–coimbrão, condição necessária a uma apropriação legítima do seu peportório musical.

É óbvio que a reivindicação que encetamos não é de natureza praxística (nunca aliás a Canção de Coimbra teve alguma coisa a ver com praxismos de colher e tesoura, codicistas ou não). Não se trata de uma obediência cega e de uma luta irreflectida em nome dum preceito dogmático da Tradição, dum acto de fundamentalismo académico, mas, já o dissemos, de uma questão artística e sócio–cultural. Não evoquemos portanto aqui o pseudo problema da natureza jurídico–civil da Praxe Académica e a questão da suas práticas e reivindicações serem ou não anti–democráticas. É evidente que esta questão é cultural, artística e que em em matéria de Arte e Cultura, nada nem ningúem legislam e muito menos o Conselho de Veteranos. A este nível só o "bom senso e bom gosto" de cada um pode ser normativo. No caso concreto do património musical académico–coimbrão, só a consciência e integridade de cada executante pode fiscalizar e ser juiz.

É obviamente irreflectida e ridícula qualquer apologia do projecto em nome da liberdade e vanguarda artística, em prol da emancipação e afirmação feminina, ou numa luta contra tradicionalismos tidos por serôdios e anacrónicos. A nível da criação letrístico–musical e da capacidade interpretativa, não nos parece provável surgirem, frutos do impulso estético de Manuela Bravo, grandes contributos inovadores para a Canção de Coimbra ou qualquer outro género musical. Do ponto de vista da autenticidade etnológica, do valor e integridade das tradições, perguntamos se parece aberrante a alguém só as mulheres tocarem adufe na Beira Baixa, ou só os homens serem pauliteiros/ em Miranda? Se a preservação de tal "status quo" etno–musical, é aos olhos de alguém passadista "e aviltante da igualdade e paridade entre os sexos"? Não será antes um dever a sua defesa, a sua preservação, e um crime a sua adulteração?

Assim invocamos a Tradição não em nome de um qualquer "praxismo", mas pela preservação da autenticidade e integridade dum património etno–musical. E salientamos o facto de não se tratar duma querela de machistas, antes um desafio às mulheres estudantes em Coimbra, para que surjam com projectos originais mistos ou femininos, de canto e guitarra, artisticamente válidos e respeitadores do que já foi criado.

A última palavra destas linhas reservamo–la ao mui digno Prof.. Doutor António Pinho Brojo, reproduzindo o que foi por nós escrito no Comunicado do Núcleo de Canto e Guitarra da Tuna Académica da Universidade de Coimbra: "Nenhum cultor da Canção de Coimbra, por mais relevante e prestigiado que seja e tenha sido o seu contributo artístico, tem a legitimidade de decidir e dispôr arbitrariamente dos destinos desta tradição musical. São de facto os indivíduos, seus actos e opções que presentificam dinamicamente o património tradicional e o projectam no futuro. Mas este processo não nasce da arrogância de quem julga personificar a tradição, moldando–lhe o rosto e direccionando–lhe o rumo, ao sabor da excentricidade e leviandade do seu livre arbítrio. As reformas e evoluções culturais, quando visam realidades de profundo enraizamento histórico–social, tendencialmente alvo de conservadorismo e proteccionismo, não frutificam de actos isolados e irreflectidos de pura excentricidade ou leviano experimentalismo, antes nascem do esforço de reflexão colectivo, numa plataforma de diálogo e comunicabilidade crítica."

*** do Núcleo de Canto e Guitarra da Tuna Académica da Universidade de Coimbra**

TAUC comemora 108º aniversário

TUNÁTICOS

A Tuna Académica da Universidade de Coimbra realizou no dia 11 de Abril, no Teatro Académico de Gil Vicente, um Sarau Comemorativo do seu 108º aniversário, revertendo os proveitos financeiros a favor da Casa dos Pobres de Coimbra. Orgulhando–se de ser um dos mais antigos organismos académicos de Coimbra (como o TEUC e o Orfeon), pretendeu assinalar nesta data o valioso papel artístico e histórico que vem construindo já desde 1888, praticamente sem interrupções.

Origens

Já na primeira metade do século XIX, apareciam em Coimbra grupos de estudantes interessados em actividades musicais, quer para tocarem na Capela da Universidade ou na Sala dos Capelos ou simplesmente, para alegrar as ruas. Contudo, faltava–lhes a intenção de continuidade.

No Carnaval de 1888, a Estudantina de Santiago de Compostela visitou a cidade de Coimbra, fazendo-a entusiasmar–se com o seu sucesso, ao desfilar triunfalmente pelas ruas e ao actuar no antigo Teatro Académico (hoje, Biblioteca Geral). O êxito levou um grupo de 40 estudantes da Universidade de Coimbra a constituir um grupo musical semelhante. Veio a chamar–se Academia Musical de Coimbra, também conhecida pela comunicação social por Estudantina Universitária de Coimbra.A primeira exibição foi em 5 de Abril de 1888, em casa de um Doutor que celebrava a tomada do capelo em Medicina. Exactamente um mês depois realiza–se um espectáculo em Aveiro que marca o nascimento do grupo que viria, oito anos mais tarde a adoptar o nome de Tuna Académica da Universidade de Coimbra. Deste modo, 5 de Maio foi a data escolhida para comemorar o aniversário da 1ª Tuna Académica portuguesa.

À actuação da Tuna seguiam–se várias actuações de outros grupos musicais,representações dramáticas, brincadeiras cheias de irreverência e os espectáculos encerravam com a tradicional serenata coimbrã. Por consequência, vários foram os grupos que nasceram no seio da TAUC (musicais, dramáticos, de danças e variedades). Hoje, esses grupos são constituídos pela Orquestra, o Grupo de Fados, o Grupo de Música Popular, o Núcleo do Canto e da Guitarra de Coimbra, o Grupo de Ragtime, a Escola de Música, a Escola de Jazz, o Atelier–Oficina e o Ars Musicae.

Heterogeneidade

Trata–se de um organismo artisticamente multifacetado e heterogéneo.Apesar de quase todos os grupos que o integram serem fixos, só entrando alguém para preencher uma saída, a Orquestra admite sempre membros, bem como as Escolas de Música e de Jazz que funcionam para o aperfeiçoamento dos Tunos, aprendizes universitários e alunos do liceu. Na Música ensina–se contrabaixo, guitarra portuguesa, viola de fado, guitarra clássica, bandolim, bandola, canto e educação musical. A Escola de Jazz, formada em 94/95 é uma realização conjunta do Orfeon Académico de Coimbra e da TAUC cujas disciplinas são: treino auditivo, harmonia, introdução ao improviso, história do jazz e técnica de instrumento e combo.

A Orquestra constitui o grupo mais antigo, sendo por isso o que tem mais laços históricos com o passado e que ainda hoje é identificado com a Tuna. O seu repertório é marcado por peças clássicas e o seu actual instrumental continua parecido com aquele que esteve na sua origem em 1888.

Legítimo herdeiro do culto do canto e da guitarra de Coimbra, o Grupo de Fados não deixa de ter em conta os valores da inovação: está em projecto o lançamento de um CD de temas originais.

A música tradicional popular portuguesa constitui outro dos núcleos deste organismo, atribuindo bastante relevo às regiões etnográficas do país e relevando a sua estética e cariz próprios.

O grupo mais recente é o de RagTime, formado em Outubro de 94 por ocasião dos cafés–concerto de poesia e música e o grupo Ars Musicae tem por objectivo divulgar a música medieval e renascentista ibérica, sendo apoiado pelo Centro Cultural D.Dinis, subsidiário dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, mas ligado fortemente à TAUC.

No Atelier–Oficina constroem–se e restauram–se instrumentos populares portugueses e instrumentos necessários aos Tunos.

Estudantina, Não!

Devido ao facto de a Tuna inicialmente se ter chamado Estudantina Universitária de Coimbra, a maioria das pessoas atribui a ancestralidade e tradição à nova Estudantina que efectivamente só apareceu no início dos anos 80.

A Estudantina do "Afonso" e do "Cão da minha Vizinha" pegou no nome que os Tunos não se cansam de sublinhar que só a eles pertence de direito. Dizem mesmo tratar–se de uma "alienação cultural que troca tradições académicas verdadeiras e sérias por uma mentira histórica".

"A música que fazem é música popularucha, é o 'pimba' dos estudantes, trata–se apenas de um fenómeno comercial que não tem nada a ver com a música clássica que fazemos, tocando sentados." — afirma um membro dos Grupos de Fado e de Música Popular.

Face ao "boom" do fenómeno das tunas, cuja maioria é considerada de "qualidade artística duvidosa", a Tuna propõe oferecer espectáculos variados, de "inquestionável valor".

Maria Luís Marinho

ASAS BRANCAS

Quando era pequenino a desventura
Trazia–me saudoso e triste o rosto,
Assim como quem sofre algum desgosto,
Assim como quem chora de amargura.

Um anjo de asas brancas muito finas,
Sabendo–me infeliz mas inocente,
Cedeu–me as suas asas pequeninas,
Para me ver voar e ser contente.

E as asas de criança, o meu tesoiro,
Ao ver–me assim tão triste iam ao céu...
Tão leves, tão macias — penas de oiro —
Tão brandas como a aragem... como eu!

Cresci. Cresceram culpas juntamente,
Já grandes são as mágoas mais pequenas!
As minhas asas vão–se... ficam penas!
Não mais voei ao céu, nem fui contente.

Letra e Música — Afonso de Sousa
(Anos 20/30)

Canção para uma Despedida

Nova Despedida
(Balada de despedida do IVº ano de Filosofia 93-94)

Num rio solto de lágrimas feito,
Estranhas águas de um tempo fugido.
Céu de trevas de um luar desfeito.
Vão sombras dum sonho caído...
Mas,
Canta o Devir, não o queiras parar,
O langue enlace de um puro sentir,
Deixa as cinzas deste soluçar,
Que és gota de um longo fluir...
E,
Ergue a voz num canto desperto
Em novo alento!...
Ergue a voz de um peito liberto,
Claro momento!...
Sem velar uma saudade...
Nem no peito ansiedade...

Letra — José Manuel Beato
Música — Nuno de Oliveira
(Abril de 94)

Tema integrante do CD que está em projecto

Colectânea 10 anos sempre no ar

1 de Março de 1986.

Nesse dia, ainda como "pirata", a RUC começa a emitir em FM. A data marcava todos aqueles que durante mais de quarenta anos ajudaram, de alguma forma, o Centro Experimental de Rádio. O "sonho" tinha–se realizado e, na altura, só as rádios públicas e a excelente Rádio Livre Internacional (primeira rádio pirata de Coimbra) eram concorrência.

Viviam–se os anos de ouro das "piratas". "Os Indies" estavam maioritariamente na concorrência (Rádio livre Internacional e, mais tarde Rádio Alternativa e Novarádio) mas, com a legalização das rádios (1989), a RUC assume–se como a única alternativa à banalização.

A "história" da RUC, para muitos, só começa aqui. Para trás, ficavam os anos de autoformação e de poucas responsabilidades. A rádio tinha de crescer e ser autosuficiente mas, tinha igualmente de continuar a defender as suas máximas: escola de rádio, diferença e irreverência.

"10 anos sempre no ar" assinala 10 anos de emissões regulares e de objectivos cumpridos. A colectânea com "consagrados", menos "consagrados" e mesmo algumas "Cunha(s)", tem metade das bandas ligadas a Coimbra o que, se por um lado é bem agradável, por outro não me deixa numa "posição" muito cómoda já que, fatalmente, alguns conhecidos e amigos acabam sem menções às suas bandas.

A compilação merece–nos sete "menções–telegrama" para os registos dos: Vícius Corruptos ("Johnny", finalmente digitalizado e com honras de abertura. Mais conhecidos por "papa–concursos" os Vícius são, cada vez mais, a segunda banda de Coimbra); É Mas Foice ("Galinheiro". Se não estivessem extintos, ainda hoje seriam, muito possivelmente, a grande banda de Coimbra. Só é pena não ter sido "cu...nimbriga de morcegos" a ficar para a posteridade); Supernova ("Happy future story". Uma das mais injustiçadas bandas nacionais. A faixa, apesar de retirada de "Unavoided trax", tem a "mão" de Rafael Toral); Unladylike Scream ("Deadly summer". Ainda não me convenceram completamente mas, dando o benefício da dúvida...); Ramp ("Black tie". Remisturada por Armando Teixeira dos Bizarra Locomotiva a track chega mesmo a "cheirar" a Nine Inch Nails. Surpreendente.); Inércia ("Jungleman". Nas linhas mais "garage" da Sub Pop. Mais uma agradável surpresa a vir de Viseu.); Tédio Boys ("Jack the knife". Um original que não vai ser incluído no próximo álbum dos Tédio. O tema merece outra produção pois esta, não fez jus à melhor banda de Coimbra.).

"Pelo caminho" ficam ainda os trabalhos dos Pop Dell Arte, António Olayo e João Taborda, Dive, Sunwebbs, Flood, Shiver, Sacrum, King Neptune`s Favorite Band, Amantes de Maria, Los e o Mito, Who`s Zed?, The Ozone, O.L.N. e Onion Fields From Above, num total de vinte e uma bandas.

Como faço parte dos aniversariantes, não deveria classificar o CD mas...que se lixem os princípios!...

PA

Cinco minutos, Cinco rapidinhas

O novo Fonseca e Costa é mais ou menos assim. Eu é que não deixo por menos. Determinado, saco da pena e lanço 5 ideias de rajada. No hostages.

Primeira Rapidinha

Não sou comunista. Na verdade o filme também não o é. Dizem que André podia ser Cunhal; como eu digo que podia ser o Champalimaud a fugir para o Brasil no pós-25 de Abril; o Mário Soares a fugir para o Algarve, enquanto o pensavam em Espanha; ou simplesmente uma vaca louca a tentar vir passar férias em Portugal. Cunhal não passou por ali, muito menos a foice e o martelo. Sinceramente, alguém andou a puxar o rabo à sua sardinha. Mas como peixe não puxa carroça, esta rapidinha acaba já aqui.

Segunda rapidinha

O filme até se safa, e se conseguirmos retirar a crosta que ficou da promoção toda marada, veremos que até vai muito bem. A fotografia é líndissima (a Ana Padrão também). Affonso Beato é mais eficiente que 300 "Vá para fora, cá dentro".

O argumento cativa pelo desenvolvimento das personagens principais, assim como pela utilização dramática dos cenários naturais. E sem entrar em leituras de cariz social, estudos de semi–óptica, ou aprofundar defeciências na narratividade, só quero dizer que é de ir ver.

Terceira rapidinha

O Paulo Pires é a grande revelação (estava a brincar contigo, Ana). O rapaz veste elegantemente, e a roupa vai–lhe muito bem. Já o Lambaça vê–se que não é "eu cá, tu lá" com o Nuno Gama, quanto muito Ana Salazar num período mais rupestre. Enfim, A Ana é uma bela flor, o Paulo passa por cravo vermelho, e o Vítor não é flor que se cheire. Mas o cabrão do Lambaça é mesmo o Rei da festa: come, bebe, fuma logo pensa, e ainda se dá ao luxo (e que luxo!) de fazer o que tem a fazer. Tão contente ficou que até se esqueceu da pronúncia...

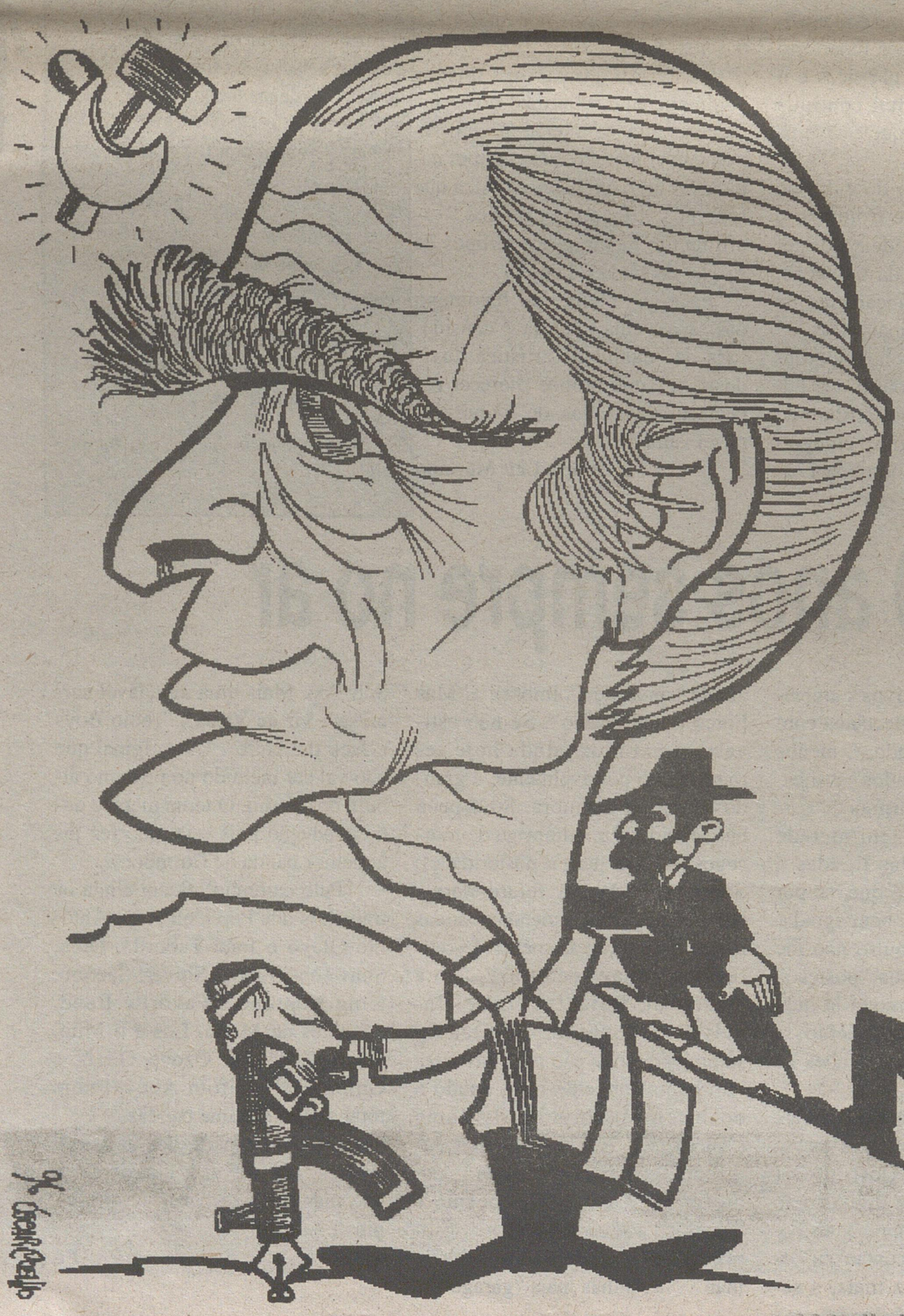
Quarta rapidinha

Quanto aos secundários, todos foram muito eficientes (já para não falar da Ana Padrão). Destaque merecido para Canto e Castro num registo estupendo pontuado por uma pequena história à Tarantino. Estou doido?! Experimentem compará–la à rábula do relógio em "Pulp fiction", ou com as histórias hilariantemente negras que são contadas nos seus argumentos.

Quinta rapidinha

O cinema português está salvo. Existe a Ana Padrão.

António Lérias



Feira do Livro

Entre os dias 18 de Abril e 5 de Maio, decorre na Praça da República a 18ª edição da Feira do Livro organizada por editores e livreiros da cidade de Coimbra, em colaboração com a Câmara Municipal.

A Feira do Livro abriu as suas portas às 19h do dia 18 de Abril com uma pequena cerimónia e poderá ser visitada todos os dias entre as 15h e as 23h, excepto feriados, sextas–feiras e sábados, dias em que o horário de abertura se prolongará até às 24h.

A atingir estão objectivos como, e numa linha de continuidade em relação ao ano anterior, a promoção e divulgação tanto de livros e autores, como de editores e livrarias. Procura–se oferecer, este ano, um atendimento mais profissionalizado e simultaneamente personalizado, uma melhor organização dos espaços e acessos e mais e melhor informação.

Estão presentes diversos expositores representando quase todas as editoras portuguesas (mais de 30 stands e cerca de 80 editoras).

No sentido de dinamizar a Feira são levadas a cabo, diariamente, actividades como passatempos (cujos prémios serão livros) e promoções, entre as quais se destaca "O Livro do Dia" (com desconto mínimo de 40%); um pequeno palco está também à disposição, em conjunto com os necessários meios técnicos, desafiando o artista de rua.."...se é poeta, declame a sua poesia, se é artista plástico, mostre a sua arte, se é músico, toque a sua música..." .

A Feira está ainda associada às Comemorações do 25 de Abril, através da promoção de livros sobre o tema e organização de um concurso de pintura para crianças até aos 12 anos, intitulado "A Revolução dos Cravos".

Para o mês de Abril estão agendadas uma série de iniciativas:

-Dia 26 pelas 18h, debate intitulado "Obra de Manuel Tiago", com Urbano Tavares Rodrigues como convidado, a propósito da estreia nacional de "Cinco Dias, Cinco Noites", o mais recente filme de José Fonseca e Costa, baseado no romance homónimo de Manuel Tiago.

-Dia 27 pelas 19h, apresentação da obra "Secreto Livro" de Cidália Fachada.

-Dia 30 pelas 21h, recital de jovens poetas, organizado por Amar'arte.

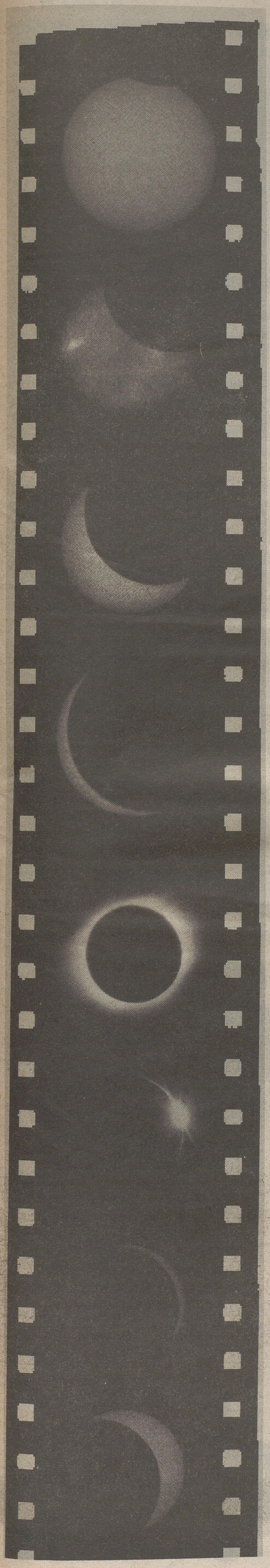
E durante o mês de Maio, a não perder:

-Dia 3 pelas 18h, debate intitulado"A Televisão e a Crítica", a propósito do lançamento do livro "Televisão e Censura" de Mário Castrim, contando com a presença do autor.

-Dia 4 pelas 15h, conversa com Daniel Sampaio, a propósito do seu último livro "Voltei à Escola".

Para além de iniciativas ainda a calendarizar, a Feira conta com a presença de Manuel Alegre, Cristovão de Aguiar, Alberto Vilaça, Rui Namorado e António Mota, entre outros.

T.C.



E Rahu devorou Surya...

Vimos, no artigo do mês passado, os mecanismos conducentes à produção de eclipses lunares. Este mês iremos debruçarmo–nos um pouco sobre os eclipses solares, aproveitando igualmente o ensejo para discorrer um pouco sobre a temática da mitologia associada a tais fenómenos.

Um eclipse solar tem lugar apenas quando a Lua Nova passa pela recta (imaginária) que une os pontos centrais da Terra e do Sol. Embora a Lua esteja muito mais próxima (384 400 Km, em média) do que o Sol (149 600 000 Km) da Terra, os seus diâmetros aparentes, i.e., os diâmetros destes corpos como apercebidos por um observador localizado no nosso planeta, são praticamente iguais (da ordem de meio grau). É esta feliz coincidência que torna os eclipses solares uma possibilidade, dado que permite à Lua "encaixar–se" inteiramente no Sol durante um eclipse total deste astro.

Eclipses totais, parciais e anelares

A sombra da Lua na Terra, que se designa por umbra, é de apenas algumas centenas de quilómetros de largura no máximo (o diâmetro do cone da umbra nunca ultrapassa os 270 Km) e, por isso, traça um caminho curvo à medida que os 3 corpos envolvidos no eclipse se movimentam. Para um observador que se encontra na zona (mais alargada) da penumbra (sombra parcial) da Lua, só uma parte do Sol é obscurecida pelo disco lunar: diz–se então que o eclipse é parcial - um eclipse solar pode então ser visto com aspectos diferentes consoante o local de observação, o que não ocorre manifestamente no caso dos eclipses lunares. Note–se contudo que os eclipses parciais também podem ocorrer quando nenhuma zona da Terra testemunha um eclipse total.

Durante um eclipse total o efeito da rotação da Terra em torno do seu eixo bem como o movimento orbital da Lua fazem com que a umbra se desloque a uma velocidade da ordem dos 1700 Km/h. É por esta razão que a duração da totalidade de um eclipse solar é sempre muito pequena: esta não poderá exceder os 7,6 minutos e, tipicamente, devido a numerosos factores que entre os quais se encontram a distância Terra–Lua, se saldará num valor bem abaixo ao acima referido. A título de curiosidade registe–se apenas que o próximo eclipse total de 9 de Março do próximo ano terá a totalidade com a duração máxima de 2 minutos e 50 segundos.

Outro tipo de eclipse solar que também pode ocorrer é o eclipse anelar. Devido ao facto de haver pequenas variações nos tamanhos aparentes do Sol e da Lua, dado que as órbitas da Terra e da Lua não são circulares, mas sim ligeiramente elípticas, se o eclipse se produz quando o nosso satélite natural está mais afastado do que a tal distância média de 384 400 Km, então o seu cone de sombra (umbra) não chega sequer a tocar a superfície do nosso planeta; logo, e porque o diâmetro da Lua aparece aos nossos olhos como menor que o do Sol, um anel do disco solar mantém–se visível quando os centros dos dois corpos estão alinhados. Neste tipo de eclipses a razão entre os diâmetros da Lua e do Sol é descrita como a magnitude do eclipse solar. Dia 29 deste mês irá fazer um ano que o último eclipse anelar teve lugar.

O anel de Diamante e as gotas de Baily

Mas aparte estas considerações o interessante é mesmo observar o eclipse, especialmente se este for total. O próximo eclipse total será em Março de 1997, mas a menos que nos desloquemos para a zona do Árctico, da Mongólia ou da Sibéria - deixa–se aqui um desafio velado para aqueles leitores que desejam há muito realizar o sonho de fazerem o Transiberiano mas que ainda não arranjaram pretexto para tal...- não teremos possibilidade de deleitarmo–nos com tal espectáculo. A este propósito cumpre–nos apenas dizer que o território nacional tão cedo não irá ser bafejado com essa sorte e, se não estiverem incluídos no rol dos afortunados que têm disponibilidade para viajar para outras bandas, o melhor é mesmo acompanharem–nos a uma descrição mais ou menos sumária deste evento. Aí vai ela. Cerca de uma hora antes da totalidade a Lua (Nova) começa a passar em frente ao Sol e o eclipse (parcial) tem início. Gradualmente a Lua começa a obscurecer o disco solar e a escuridão já não tem reticências em cair, 15 minutos antes da totalidade, até que nos últimos minutos uma espécie de "gotículas" de luz aparecem na zona do bordo do disco solar. Este fenómeno tem o nome de "gotas de Baily" e deve o seu nome ao astrónomo inglês Francis Baily (1744-1844) que notou este efeito durante o eclipse de 1836. Este efeito é devido aos numerosos vales da Lua que deixam escapar a luz do bordo solar. Os últimos laivos da luz do Sol que chegam até nós, quando está prestes a ocorrer a totalidade, fazem com que ocorra um efeito visual bastante atractivo que se assemelha a um anel de diamante brilhando sem rivalidade no negrume do firmamento. Quando a totalidade é finalmente alcançada, a corona (camada(s) mais externa(s) do sol que se estende(m) pelo espaço por uma região que equivale algumas vezes o raio da nossa estrela, até se fundir no meio interestelar; esta(s) camada(s) é(são) constituídas por electrões de altas energias, partículas de poeira e por átomos altamente ionizados) cuja luz normalmente é ofuscada pela brilhante fotosfera (a fotosfera é simplesmente a superfície visível de qualquer estrela; no caso do Sol tem uma espessura de 500 Km), se torna visível. É nesses preciosos momentos que a corona pode ser estudada e fotografada. Depois, o que sucede, é o mesmo "filme", só que desta feita a correr em sentido contrário: o anel de diamante, as gotas de Baily, o disco solar em crescendo e, hélas!, fim do espectáculo e temos novamente o deus Rá dos egípcios em grande forma.

Os eclpises, fonte de inspiração divina

Se bem que, nos dias que correm, os eclipses não sejam considerados como um acidente de percurso enigmático (e dramático) na imutabilidade perfeita das esferas celestes, eles não deixam de suscitar o fascínio e a curiosidade que é afinal donde o Homem se nutre. Se actualmente sabemos predizer, com considerável precisão, os eclipses até alguns milhares de anos no futuro, nem sempre estivemos numa situação tão privilegiada: que o digam os Ministros do Conselho de Astronomia da Antiga China, Hsi e Ho, quando em 2150 A.C. perderam as suas cabeças por terem dado previsões incorrectas (se a moda por cá começa a pegar com os ministros de Economia da CE por não cumprirem os critérios de convergência não há cabeça que se manterá incólume!). Esta história serviu para ilustrar bem a importância que os nossos antepassados davam às predições dos eclipses: a lógica que imperava era que, quanto mais cedo conseguissem prever o eclipse, mais oportunidades teriam de se precaver quando ocorresse tal cataclismo nos céus.

Já retratámos no artigo do mês anterior o pânico dos dois exércitos que em 585 A.C. tão assustados terão ficado com um eclipse solar que cedo esqueceram a batalha e debandaram prontamente. Mas estes episódios abundam e muitos de vós, certamente, porventura já travaram conhecimento com a maneira ardilosa de Cristovão Colombo, aproveitando o eclipse lunar de 29 de Fevereiro de 1504 que ele já sabia que iria ocorrer, que lhe permitiu sonegar os víveres que necessitava aos indígenas da (actual) Jamaica que estes se recusavam a fornecer–lhe, de tão estupefactos e receosos com os dotes premonitórios do navegador (aliás, convencidíssimo que estava na Índia, devido a um erro de cálculo do perímetro da Terra, em mais de 10 000 Km, mas isto é seguramente outra estória da Astronomia que fica por contar...).

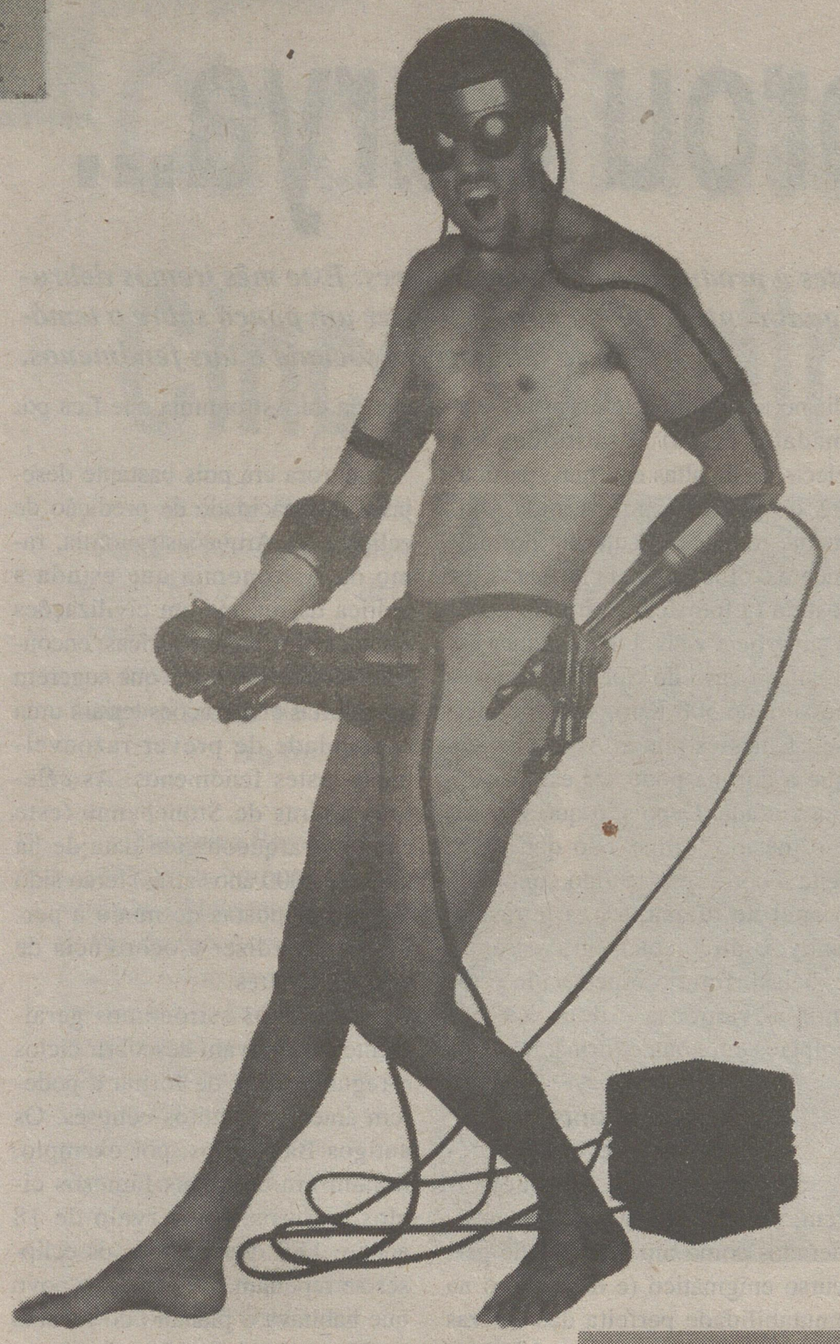
Outrora era pois bastante desejável a capacidade de predição de eclipses. A Arqueoastronomia, ramo da Astronomia que estuda a prática da mesma em civilizações e sociedades pré–históricas, encontrou várias evidências que sugerem que muitas civilizações teriam uma capacidade de prever razoavelmente estes fenómenos. As célebres pedras de Stonehenge (este conjunto arqueológico data de há mais de 4000 anos atrás) terão sido mesmo dispostas de modo a permitirem predizer a ocorrência de eclipses lunares.

Os antigos astrónomos geralmente procuravam descobrir ciclos e regularidades de forma a poderem antecipar futuros eclipses. Os antigos Babilónios, por exemplo, tinham um dos mais famosos ciclos, o saros, o intervalo de 18 anos e 11,3 dias em que os eclipses se repetiam. Os Maias, o povo que habitava o planalto do Iucatão na Meso–América, descobriram - após séculos de refinadas observações que foram milimetricamente registadas (no famoso código de Dresde dos Maias há várias páginas que são exclusivamente dedicadas aos eclipses solares) - igualmente um ciclo alternado de 177 dias (cinco vezes) e 148 dias (uma vez).

Na mitologia hindu, a cabeça (de dragão) do demónio Rahu foi decepada por Vishnu e evadiu–se para os céus. Desde então a cabeça de dragão do demónio está fadada a deslocar–se eterna e sucessivamente entre o Sol e a Lua, devorando–os. Desta crença (e doutras com raízes semelhantes) provém o nome do ano do dragão que serve para designar o intervalo de tempo em que o Sol passa pelo mesmo nodo da órbita lunar (na Antiguidade os nodos tinham mesmo os sugestivos nomes de caput et cauda draconis - cabeça e cauda do dragão).

No eclipse solar do passado 24 de Outubro, que foi visível apenas na Ásia, as oferendas a Rahu multiplicaram–se e não será de estranhar que o preço das galinhas pretas usadas para sacrifícios tenha disparado, tal era a sua procura. No antigo templo Cambodjano de Angkor Wat os aldeões bateram furiosa e estridentemente todos os tachos e panelas que conseguiram arranjar de maneira a afugentar o demónio sorvedor de sóis. Mas como esta história há–de ter um final feliz, parece que conseguiram e, mais uma vez Surya, o deus do Sol, conseguiu escapar da impetuosidade devoradora de Rahu e voltou ao seu esplendor brilho celestial. E será que viveu feliz para sempre?!?!?

Alexandre Cartaxo



web trotter

Rui Ferreira (Ftr)

Guia de localização no Universo

Se tens mais de 18 anos e o teu sonho é forrar o quarto com mapas de Cassiopeia é este o site, se não és maior não importa porque os jovens tem direito a sonhar também. Encontram-se aqui fotos e mapas de tudo (Terra, Júpiter. Marte e tudo o resto) com uma actualidade fantástica. Fiquei claramente impressionado com a tempestade de areia em Marte e com a duna de Júpiter. Usem o scenes da Microsoft para criar um screen-saver com as imagens.

Http:\\www.eso.com

Sangue, terror e sangue

Este site é um bom ponto de partida para começar a ver psicopatas, serial-killers e outros marotos on-line. Na época alta conseguimos várias descrições detalhadas de crimes, nà época baixa temos sempre a recordação dos grandes mitos.

Http:\\www.softdisk.com/shrev/kayla/#latest

Speed, ... o site

Dizem que é o server mais rápido do mundo, eu acrescento que é mais rápido que muitos discos. Dispõe de um excelente apontador e faz óptimos "transportes públicos" nestas auto-estradas. Usem e abusem desta dádiva da Digital e viva o Alpha.

Http:\\altavista.digital.com

Software a preço justo, zero

Shareware, shareware e mais shareware para todas as plataformas (Win, Dos, Win95, Mac, Os2, ...) com as honrosas excepções da Sega e da Nintendo. Não tem lá tudo mas também não falta lá nada.

Http:\\www.shareware.com

Pkunzip *.zip c:\Jogos

São mais que os dálmatas e cada cachorro é um jogo. Neste site encontramos um dos melhores arquivos de jogos da net; shareware, demos e mesmo versões completas (não, não é pirataria, é um novo sistema de leasing), sempre actual e a visitar frequentemente.

Http:\\happypuppy.com/games/link/
N.B. - Ainda não tem o F1GP2 (eheh...)

Eu vi um sapo, um grande sapo

Os sapos, animais da classe dos batráquios dão-se bem na rede, mas este é o melhor. Um sapo inteirinho dissecado está aqui =:) , podem pôr e tirar orgãos e pele e tem instruções completas para cortar um a sério. Para a próxima talvez vos diga onde estão os olhos de vaca e um corpo humano (eheh ...).

Http:\\www-itg.lbl.gov/vfrog/portuguese/dissect.html

Blá, Blá, ... o talker

É frequente ouvir comentários menos favoráveis aos talkers e à sua utilidade mas, só lá estando se "vê" como é viciante, entusiasmante e outros "antes" até.

Apresento neste número um dos meus preferidos, o Esgoto, que recentemente sofreu várias remodelações que o dotam agora de ambientes alternativos ao tradicional esgoto (Enfermaria, Coimbra, ...). Dispõe também de muitos e variados jogos em linha o que o torna um útil instrumento de "trabalho". Façam .h general. Perguntem o que são os atmosféricos.

Telnet ciunix.uc.pt 5000

TO BE OR NOT TO BE
CAPÍTULO 3.11- A Microsoft

Ninguém é indiferente a esta "luta", qualquer newbie tem posição, Microsoft sim ou não.

1- A Homepage da Microsoft -há quem diga que é o maior site pirata do mundo e se calhar até é.

Http:\\www.microsoft.com

2- I hate Windoze, e detestam mesmo, tem links para todos os sítios da net onde se fala mal da Ms e do Bill Gates, não resisto a incluir 2 citações :
- Bill Gates compra 1995
- Microsoft compra Vaticano.

Http:\\www.tach.net/public/personal/scpayne/ihatewin/ihatewin.html

3- The official Microsoft Hate Page, e não é preciso mais comentários.

Http:\\www.oeh.uni-linz.ac.at:8001/~chris/Hate

4- No entanto, qualquer dúvida, perguntem ao Bill...

e-mail: billgates@microsoft.com

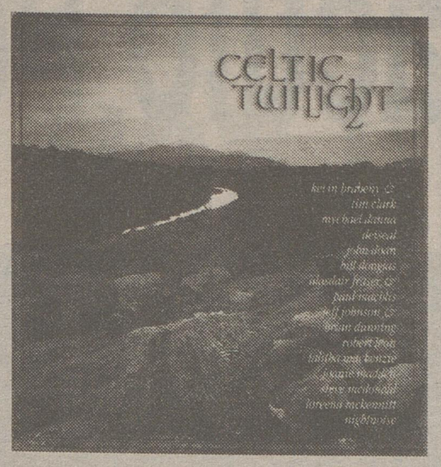
70 Gwen Party
Scorching the anti-christ

É sempre um prazer poder divulgar as "news" dos 70 Gwen Party. Desta vez, a aposta assenta no revivalismo da edição de um single à antiga, "Scorching the anti-christ" no lado A e no lado B "Dead art massacre".

Sediados em Hounslow (GB), os 70 Gwen Party tiveram de "construir" a sua própria editora (Snape Records) para assim se manterem com a independência pretendida. Esta ideia "independentista" tem sido, aliás, acarinhada por "Senhores" como Jonh Peel da Radio One, que continua a convidar, todos os anos, a banda para as suas famosas sessions.

A própria edição de um vínil, em pleno tempo de consumo digital, não é mais que uma forma de continuar a lutar contra o sistema e, igualmente, de continuar a sua identificação com a cultura underground.

O duo Victor Noip e Lurgin Pin acaba, neste trabalho, por apresentar uma elaborada maturidade nas suas falsas improvisações, jogando agora, de uma forma bem mais sábia, com os seus noises. "Scorching the anti-christ" está ao nível do melhor dos 70 Gwen Party, e lança a banda para caminhos mais identificados com o rock-noise de, por exemplo, uns Ministry.



Colectânea
Celtic Twilight 2

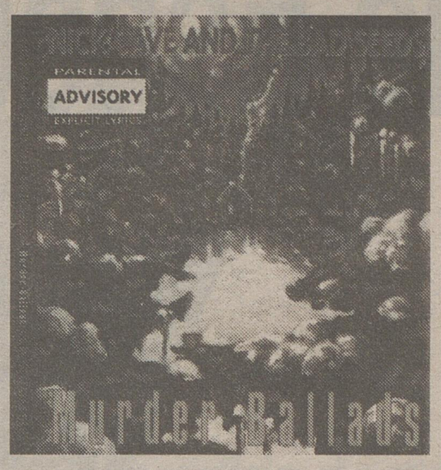
Já tivemos oportunidade de falar das novas tendências World Music da editora de Stephen Hill. Com o nome retirado dum livro de William Butler, Celtic Twilight 2 é mais um passo (idealizado por Al Evers) na junção da Spacemusic com a World Music.

A compilação conta com a genialidade dos habituées da Hearts of Space que, pela segunda vez, conjugam a música celta com as linhas electrónicas contemporâneas. A pretendida fidelidade ao espírito celta, lado a lado com a fuga a uma simples reposição electrónica, encontrou expoente máximo nos trabalhos de Eamonn, Bill Douglas, Steve Mcdonald e Mychael Danna.

Eamonn, de entre os quatro, é o mais fiel à tradicional sonoridade, pois tanto Douglas, com uma brilhante divagação electrónica, absorve quase por completo as bases celtas, como Danna consegue, por sua vez, impôr tal ritmo à gaita de foles que "Sons of Eisnech" acaba bem longe da simples reposição. Quanto a Mcdonald, a vocalização estragou algo que podería chegar bem mais longe...

Infelizmente (!?!) o resto ficou demasiado identificado com a World Music.

* Disponível nas lojas Strauss. Mais informações via internet: http//www.hos.com.

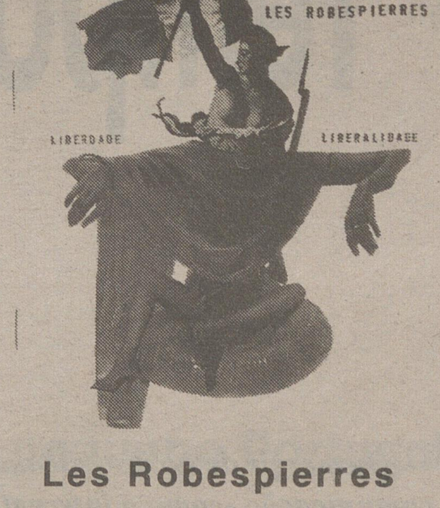


Nick Cave & Bad Seeds
Murder Ballads

A cólera do australiano Nick Cave está de volta. "Murder Ballads" é mais um álbum de amor, ódio e morte, que continua a transportar os demónios, menos radicais, de um tempo "Birthday Party". Hoje, o período dos Birthday Party (anterior banda de Nick Cave), ou mesmo a estreia com os Bad Seeds ("From her to eternity"-1984) parece, definitivamente, a léguas e onde outrora se assinava Punk, hoje já só se assina Folk.

Com os "permanentes" M. Harvey, B. Bargeld, C. Savage, M. Casey e T. Wydler e ainda, colaborações como as de P.J. Harvey, A. Lane, K.Minogue ou S. Macgowan, "Murder Ballads" tinha, no mínimo, a obrigação de não destoar da já longa discografia de Cave.

Era isso o exigido e foi isso que aconteceu. O álbum não é nenhuma obra prima. Temas como "Henry Lee" com P.J. Harvey, "Stagger Lee", "Song of joy" ou "Lovely creature" sobressaiem, apesar de nunca atingirem brilhantismos de outrora (olá "Henry´s dream"). Isto não quer dizer que se trate de um álbum mediocre. O que acontece é que ainda há não muito tempo,o "pupilo" Mick Harvey assinou um "Intoxicated man" de caracteristicas algo semelhantes, e que ficou alguns furos acima. E quando os pupilos começam a ultrapassar o mestre...



Les Robespierres
Liberdade/Liberalidade

A alemã Thorsten-Buback é uma editora essencialmente virada às referências dos anos 60. Les Robespierres, são uma banda com forte influência desse período, a que se deve juntar uma idolatração a Frank Black.

A história da banda é... no mínimo confusa. Começam em 1994 no México, nesse mesmo ano, passam a "sede" para a Grécia onde executam uma tournée de 3 meses e, por lá vão ficando. Em princípios de 95, a banda fica inoperante com a ida do teclista Serge J. para o Brasil. Em Julho de 95, voltam ao activo... agora em Hamburgo.

"Liberdade/Liberalidade" é o segundo CD da banda. São 29 minutos dentro de uma estranha mistura das filosofias marxista e neoclássica (Teoria económica que aponta as consequências negativas do capitalismo como sendo falta de capitalismo). Pelo caminho, ficam "hinos"!?! ao próprio exercito zapatista de libertação nacional, inesquecíveis temas como "Esse dia" e "Santa rosa", e versos como: "Na medida do amor que tiverdes / tereis o entendimento de os meus versos / uns nasceram outros foram cagados / muitos deles serão desempregados...".

Por saber, fica a razão da vocalização em português de Klaus Ramcke!?!

Ministry
Filth Pig

Em 1992, os Ministry atingem a obra prima com "Psalm 69". Depois de um álbum assim, e de 4 anos de jejum, tudo tinha de mudar, pois "Psalm 69" não deixou nada por fazer ...

Nestes 4 anos, o duo A. Jourgensen e P. Barker não deixou de ser manchete, quer por motivos relacionados com o consumo de drogas, quer pelo seu envolvimento noutros projectos (Lard, Pailhead, Revolting Cocks, etc).

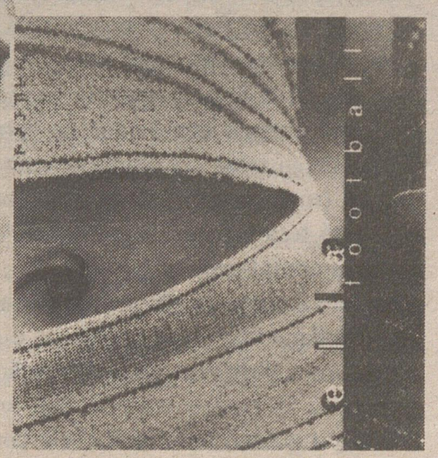
Em 1996 sai, finalmente, "Filth Pig". A força está a um terço do habitual. O álbum revela-se mais rock e tradicional. A. Jourgensen continua a "cuspir" as letras. mas agora a um volume bem inferior. Os Ministry ficaram mais lentos. É certo que qualquer coisa continua lá, mas... é uma pena que os Ministry estejam a aprender a tocar!...

O CD começa com um "reload", que simboliza tudo de bom que os Ministry sabem fazer. A partir daí tudo é diferente, como se fosse um primeiro álbum. Afinal, é a procura de uma "nova identidade".

À medida que o número de audições aumenta, o novo som, mais rock e metálico, começa a desvendar a génese da nova personalidade. É verdade que não deixa de ser uma queda, e que deixou de haver espaço para Al Jourgensen actuar com o seu boné das SS, mas é uma queda feliz...

"Welcome to the Fall "!

Vella
Football



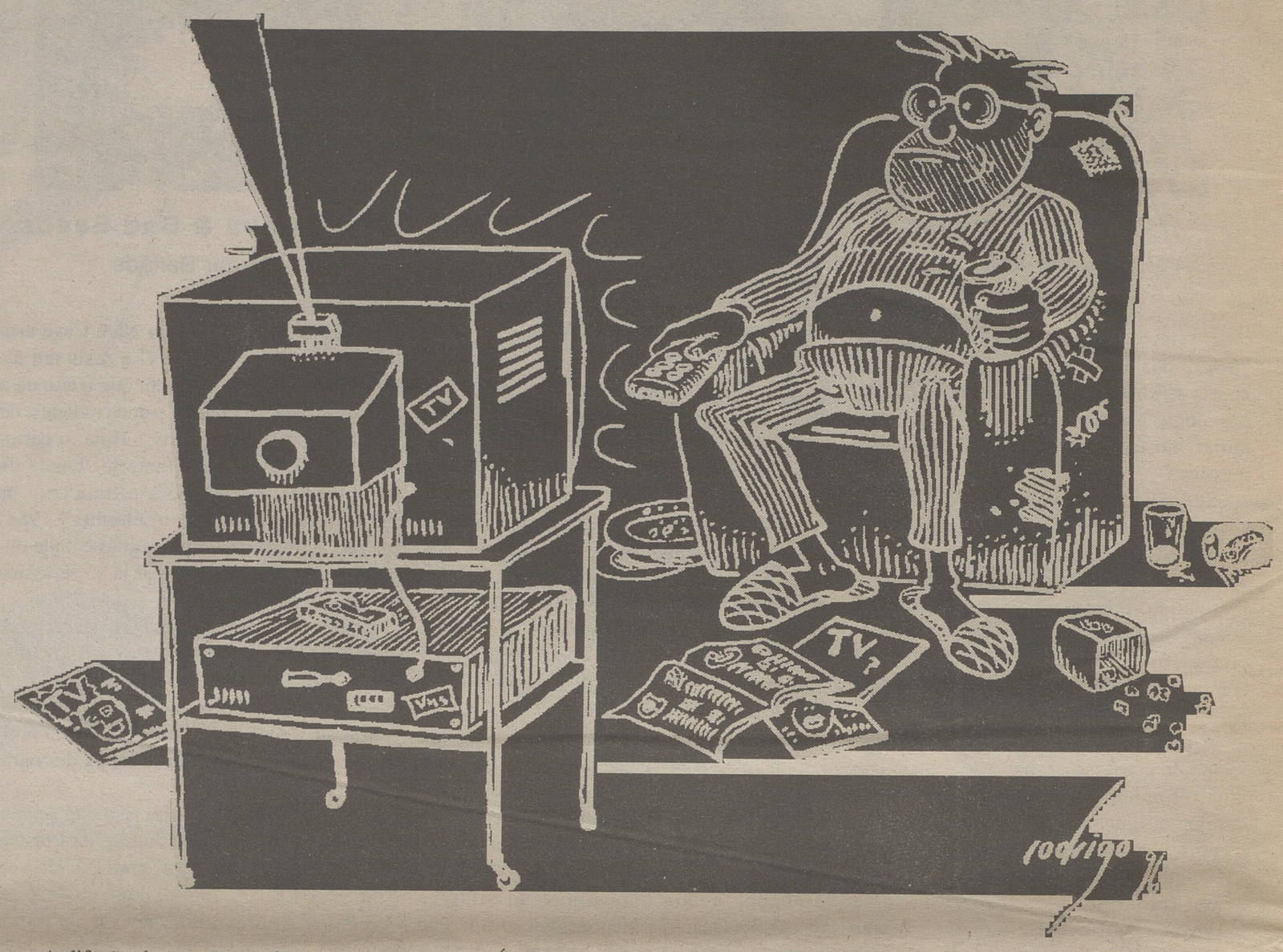
Paulo Antunes

Jean-Marc Vella é um compositor francês de quem Serge Lenoy, patrão da E.P.S.L. é fã incondicional. A Editora iniciou-se mesmo com um trabalho da sua autoria (Carolus Poppee) e, desde aí, Vella contrasta a sua modéstia com a originalidade e autenticidade do seu universo musical.

Vella é, aliás, um solitário criador de contrastes. O seu som, tantas vezes repetitivo, tem a sua génese centrada no encontro do Cubismo de Picasso com o Surrealismo de Max Ernst. O Cubismo musical (como Vella gosta de o intitular) resulta de simultâneos sonoros onde sobressaiem as estruturas minimais, sempre quebradas estrategicamente por uma virtual e mais experimental "Space-Music".

A sonoridade de Vella é agora comparável às de Kevin Braheny e Bill Douglas. "Football" revela-se um aglomerado de lugares capazes de tornar cada peça num lugar único. E as suas peças, por mais que atinjam valores desconcertantes e bizarros, não deixam de ser sempre familiarmente fascinantes.

Tempo de Espectáculo Permanente



O emergir de novos sistemas de comunicação -como a internet- leva–nos a reflectir sobre os usos que fazemos dos média

"O média é a mensagem." Com este postulado o canadiano Marshall Machluan celebrizava a sua teoria de comunicação que considerava todos os média -desde o carro e as armas ao computador- como extensões nervosas e mecânicas do homem, cada um deles com as suas próprias formas e linguagems que condicionam decisivamente a mensagem. Desde a década de 60, altura em que esta teoria foi formulada, os média intensificaram a sua importância como mediadores entre o homem e a sociedade. Alteraram as relações entre as pessoas e mudaram completamente a maneira de perceber a realidade.

A torrente de informação que provocam é intercruzada com publicidade e entertenimento sendo por vezes difícil discernir as fronteiras entre estes domínios. Isso nota–se muito nas nossas televisões, que importaram o conceito vigente na América de infotainment, (info/rmation & enter/tainment) segundo o qual a informação em prime-time tem de passar entremeada com entertenimento. Há mesmo quem tenha enunciado o TEP (tempo de espectáculo permanente), ou seja, um tempo contínuo dos média, na sua maior parte dedicado ao entertenimento.

Esta lógica de espectáculo e dispersão é hoje tema de trabalhos e reflexões por parte de estudiosos da comunicação. A título de exemplo aqui ficam algumas linhas do pensamento de dois deles, Umberto Eco e Neil Postmann.

A sobreinformação

Numa interessante entrevista dada ao "Nouvel Observateur" o famoso escritor italiano Umberto Eco refuta a vitória do écran sobre a escrita. Pelo contrário, ele pensa que o escrito triunfa hoje mais do que nunca, como está patente nos écrans de computador. Falar de guerras ou maniqueísmos entre o visual (mau, vazio) e o escrito (bom, cultura) está totalmente ultrapassado, já que os dois se complementam.

Para o autor do "Nome da Rosa" a questão fundamental deste problema é o que fazer com a vertigem de informação que caracteriza os nossos tempos. Em termos um tanto ou quanto enfatuados, ele considera o problema da sobreinformação como "uma tragédia". De facto é questionável que do acesso a uma bibliografia de 100 000 títulos, que se pode obter carregando num botão de computador, se retire mais conteúdo do que analisando apenas 20 livros. No primeiro caso seria impossível ter mais do que uma informação fragmentária, no segundo a retenção seria muito mais coesa e útil. Para Eco "a censura não se exerce pela retenção ou eliminação de informações mas pela sua profusão".

Trata–se de um paradoxo da nossa cultura. A difusão de mensagens fragmentárias e na maior parte das vezes inconsequentes não conduz ao conhecimento, mas sim ao esquecimento. A maior angústia de Eco reside na conservação dos livros, angústia comum a todos os escritores. Para ele "ler é uma necessidade biologica da espécie. Nenhum ecrã, nenhuma tecnologia suprimirá a falta da leitura tradicional".

O que não quer dizer que Eco se insurga contra o computador. Pelo contrário, ele enuncia os seus diversos usos, mostrando–se fascinado, afirmando mesmo que "o computador é masturbatório. A minha fascinação é tal que acontece–me escrever só pelo prazer de empregar a máquina". No entanto, afirma que é capaz de se desligar dessa máquina. Em relação aos "viciados", Eco é contundente: "Há idiotas do computador como há idiotas do walkman que vemos a pontapearem–se e a gritarem nos concertos de rock. Mas serão eles mais idiotas que as pessoas da Idade Média que se flagelavam? As formas de auto–destruição mudam com os tempos."

Para o escritor italiano existe o imbecil mas também existe o mutante, ou seja, aquele que é capaz de "viver de uma forma interessante a pluralidade das linguagens contemporâneas". Já que, para Eco, o que caracteriza a nossa era é "o poliglotismo do grito". O perigo está na afasia -perda total da função da palavra, tanto na sua expressão como na sua compreensão- que a "tagarelice" da modernidade pode provocar.

A única forma que encontra para combater a sobreinformação é a sua filtragem e a abertura de espaço para reflexão. O homem moderno deve ter a capacidade de selecção.

"Divertindo-nos até à morte"

"Todos nós construímos castelos de areia no céu. O mal é querermos viver neles." É assim que o americano Neil Postmann analisa o problema da sociedade espectáculo.

No seu livro "Amusing ourselves to death" de 1986, Postmann mostra–se céptico em relação à TV, no sentido em que ela alterou as formas de perceber a realidade duma forma que considera negativa. No livro, o autor tenta demonstrar como na era dos jornais o discurso na América se apresentava de forma diferente: "geralmente coerente, sério e racional, sob o governo da televisão tornou–se fragmentário e absurdo". No entanto, Postmann demarca–se de um certo academismo ao dizer que o seu estudo se centra na cognição, não na estética ou na crítica literária. Ele não levanta objecções ao "junk" televisivo, até diz que é o melhor da televisão. Uma cultura não se mede por trivialidades mas pelo que tem significado. Ora se a televisão é essencialmente fútil, "o perigo surge quando as suas aspirações são demasiado altas".

As formas de dizer a verdade (truth telling) variam de sociedade para sociedade. Por exemplo, numa cultura tribal sem suporte escrito os problemas eram resolvidos pelo chefe da tribo que, graças à rica tradição oral, os resolvia sentenciando provérbios tidos como verdades inquestionáveis. Na nossa cultura a palavra escrita assume muito mais valor do que a oral como é visível nos tribunais e nas universidades. Numa cultura escrita a memorização de um poema, ou de quase tudo o resto é meramente charmante. Postmann sublinha que a América dos séculos XVIII e XIX tinha uma cultura baseada na palavra escrita. No século XX "as ideias de verdade e inteligência mudaram como resultado da substituição do velho média pelo novo".

Mudando a estrutura do discurso e criando novas formas de dizer a verdade, a cognição gerada pela televisão "não só é inferior à escrita, mas é perigosa e absurda". Segundo o autor de "Amusing ourselves to death", a palavra escrita tornou–se periférica e residual enquanto forma de conhecimento. Para Postmann, o predomínio da imagem pode provocar a perda de clareza e seriedade no discurso mas também abre novas perspectivas. Todas as mudanças criam e destroem. Reflectindo sobre a passagem da oralidade à escrita, Postmann exemplifica: "a tipografia fez a ciência moderna possível mas transformou a sensibilidade religiosa em mera superstição."

Os desafios da modernidade

É fácil encontrar paralelos -e também diferenças- entre Eco e Postmann.

Em ambos os casos a ênfase é posta na cognição, ou seja, na forma como se apreende o real.

A automação liberta muitos homens do trabalho centrando–os noutros campos, situação que Marshall Machluan resumiu numa comparação brilhante: "como a máquina e o automóvel libertaram o cavalo e o projectaram para o plano do entertenimento assim o fez a automação com o homem." Talvez haja uma palavra adequada para caracterizar a idade eléctrica: o excesso. Existe uma sobrepopulação na qual é estruturada uma cultura de massas em que a sobreinformação e o TEP são inevitáveis.

Há uma alteração nos ritmos, na percepção do tempo e do espaço que, pelo conhecimento das tecnologias (o grito poliglota de que Eco falava), pode trazer muitos aspectos positivos. Por isso urge compreender que o espectáculo só pode ser concebido como tempo de excepção, para que não se caia no vaticínio do filósofo Gilles Deleuze, que diz: "o real não é impossível, é é cada vez mais artificial".

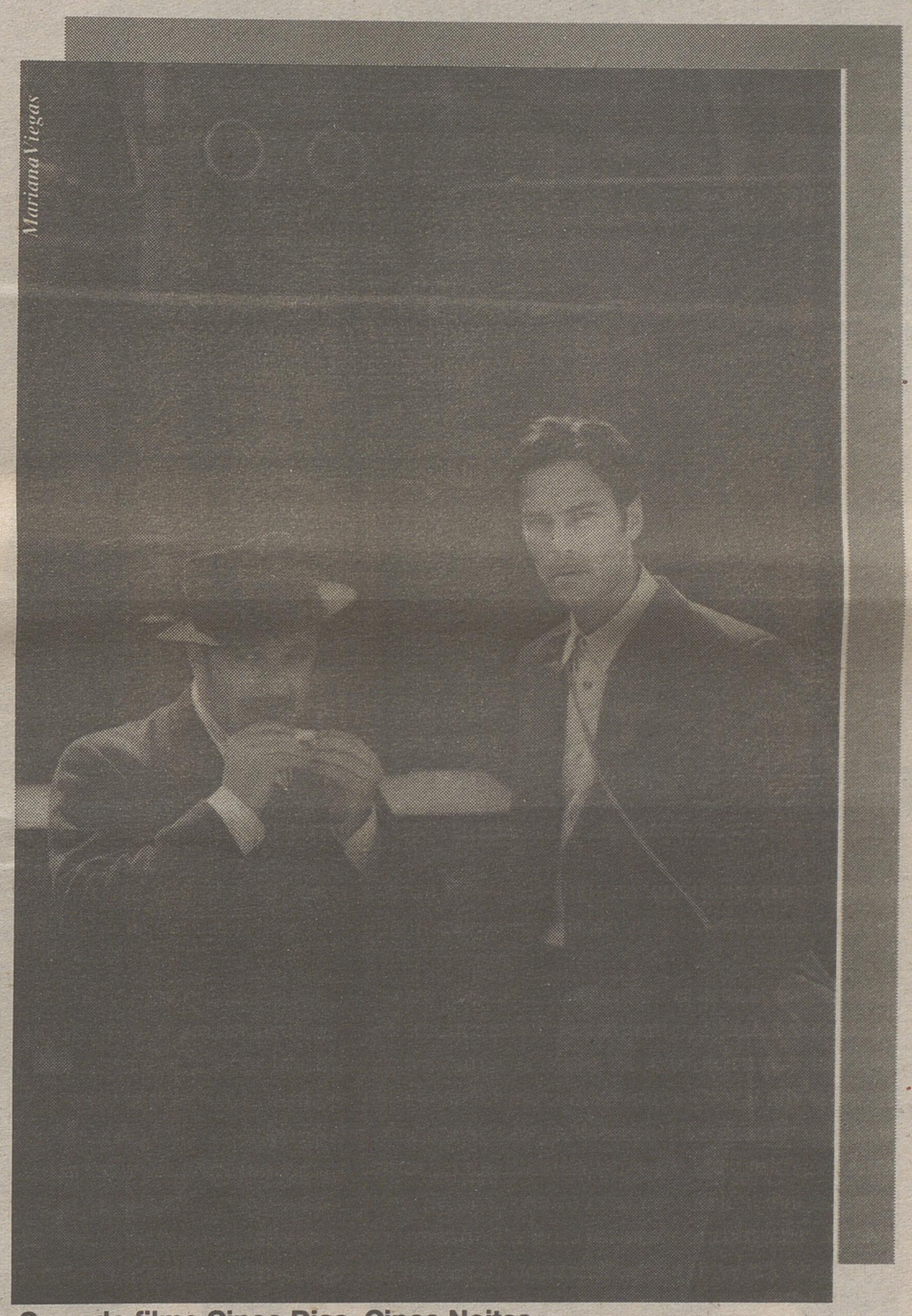
Paulo Jorge Barbosa

Era uma vez um País...

An Antonio Lérias Written Picture

Perguntas e poucas respostas para a grande causa perdida do nosso pequeno Portugal.

Agora que Oliveira já acabou de convencer os franceses, assim como alguns americanos; agora que Monteiro convenceu mais alguns italianos, assim como alguns cinéfilos, "intelectualóides" e afins da nossa praça; agora que Leitão convenceu a rapaziada das novelas a ir ao cinema (resta saber se não fez com que o pessoal do cinema fosse para casa ver novelas); e que Sapinho já se convenceu, nos convenceu e mostrou que o seu filme não é um caso neurótico, mas sim um caso sério; que falta ao Cinema Português para nos convencer que existe? Recapitulando. Agora que "A Comédia de Deus" fez a crítica fazer as pazes com o Cinema Português; agora que "Adão e Eva" fez (ou fizeram?) o público fazer as pazes com o Cinema Português; agora que "O Convento" fez a carreira internacional de Oliveira descolar além–mar; o que falta então? Experimento o método científico, faço pesquisa em enciclopédias conceituadas, telefono ao Zandiga, e nada! Agora que houve em cartaz nos últimos meses vários filmes portugueses, alguns bons outro maus, alguns surpreendentemente bons, outros surpreendentemente maus (o que já não devia ser possível), alguns que já esqueci, outros que nunca esquecerei, e sem esquecer é claro "Sinais de fogo" de Luís Filipe Rocha e "Pandora" de António Cunha Telles - um não passou por cá, o outro não passei eu por lá - o que falta? Independentemente do que se segue tenho é que deixar de fazer perguntas para as quais não tenho resposta: é confuso para o leitor; é prejudicial para a minha imagem; e acima de tudo faz mal ao colestrol.


Mariana Viegas

Cena do filme Cinco Dias, Cinco Noites

Há quem diga que a resposta é a televisão. A SIC fez o êxito de "Adão e Eva". A RTP foi atrás com "Corte de cabelo". Mas entre os dois canais existe um grande fosso, quer no nível de audiência quer em termos de mobilização. Claro que enquanto o primeiro tem a importância que tem enquanto folhetim pseudo–modernaço, o segundo é realmente um Filme. Um filme de geração, fruto de um cinema palpitante e actual, com o qual nos podemos identificar. Quanto à ideia dos globos de ouro, apesar do seu vazio temático parece ter resultado, é contudo pôr o carro à frente dos bois, tanto mais que esta primeira edição serviu unicamente para promover a prata da casa - faltou só o globo de latão para o "Paraíso perdido" de Alberto Seixa Santos para a festa ser de arromba. Passar cinema português na televisão parece–me à primeira vista entrar num ciclo vicioso, e se não foi solução para os outros não será de certeza para nós. Promover actrizes a estrelas seria benéfico, caso a televisão não queimasse tanto e tão depressa a imagem, raros são os actores que conseguiram a mudança com sucesso. Em que ficamos então? A televisão não é A resposta, mas a sua importância é enorme. Não podemos viver com ela, nem podemos viver sem ela. Não podem eles que eu posso.

Se a resposta não vem da televisão poderá vir dos jornais e das revistas?! Para essa causa já eu dei. Os primeiros sempre que podem crucificam os cineastas portugueses, e infelizmente razões não lhes faltam; quanto às revistas -a existir- atingem um público tão pequeno que qualquer comentário neste texto já é demasiado grande. A caravana passa...

O governo é o senhor que segue. A Secretaria de Estado da Cultura passou a Ministério. O IPACA já aumentou em 60% o apoio à produção cinematográfica e aposta em 10 filmes por ano. De boas intenções está o Inferno cheio. Políticas culturais e mudanças estruturais nada. Se é por aqui que a coisa muda vou ali e já venho. Salta de parágrafo.

Quanto aos novos filmes, as esperanças são as (os) do costume. José Fonseca e Costa poderá trazer alguma luz sobre este assunto. Para já, quem passar pelo avenida e pelo TAGV e observar o cartaz do seu novo filme pode reparar em duas curiosidades (uma explícita, outra implícita): estreia no dia 25 de Abril; e foi Zita Seabra quem assinou o cheque para pagar ao autor do livro do qual foi adaptado o argumento - Manuel Tiago (Álvaro Cunhal em russo). Mas não é por aí que o gato vai às filhoses. "Cinco dias, cinco noites" tem tudo para atrair público: um bom cast onde pontua um top–model todo catita (arghhh...); uma relação estável José Fonseca e Costa–Público apesar de uma ausência de cinco anos; e as belas paisagens de Trás–os–Montes captadas pelas ocular de Affonso Beato. Quem também já deve ter novos filmes quase a estrear são João Mário Grilo e o seu "Olhos da Ásia" e António Pedro Vasconcelos (onde andas Botelho?), cineastas de quem se tem ouvido falar mas não pelos seus filmes: Mário Grilo através da sua crónica frouxa na (igualmente frouxa) Visão, e através do seu muito interessante documentário para a televisão sobre Saramago; enquanto que Vasconcelos, para além das suas fabulosas crónicas sobre futebol n`O Independente (there`s more than meets the eye), tem sido mais falado pelas suas "relações (quase) perigosas" com o novo governo rosa, tendo chegado o seu nome a ser enunciado para presidir ao IPACA.

E por falar em IPACA, o júri para atribuição dos subsídios directos a longas–metragens já está concluído, e holofotes no nome do Prof. Doutor Abílio Hernandez. A Presidente também é nossa (de Coimbra, leia–se). Mas quem mais brilhou nos últimos tempos foi Carla Bolito, a nossa Jean Seberg (que Godard me perdoe). Coimbra tem mais encanto.

E entre -pretensiosismos artísticos; dinheiro ao bolso; o bilhete a 600$00; prémios cá e lá, mais lá do que cá; as estrelas do Expresso; a Maria e o Joaquim; sonhos desfeitos; o Oliveira, o Douro e os outros; projectos adiados; raios e coriscos; os suspeitos do costume; os programas MEDIA; os novos e os outros; curtas e longas; Lisboa e Portugal; argumentos literários; o Joaquim Pinto e o Paulo Branco; a glória efémera; os Cahiers; o erário público; e os resultados de sempre- até te esqueces...

P.S.: Baixinha e irrequieta, corte à Louise Brooks, e um palmo de cara laroca. Era assim Beatriz Costa. Menina maior da época de ouro da comédia portuguesa. Era mesmo assim. Eternamente jovem...

Ficha Técnica

Director: João L. Queirós; **Editores**: Ana Drago, André Correia, Carlos Loureiro, Paulo Antunes, Ricardo Rocha Diniz; **Redacção:** Alexandre Cartaxo, António Silva, César Marques, César Páris, Ismael Mateus, Joana Ribeiro, Magda Cerqueira, Maria Luís Marinho, Nádia Esteves, Nuno Brandão, Olga do Vale, Paulo Barbosa, Rosário Salvado, Rui Ferreira, Susana Flores, Teresa Cunha. **Colaboradores:** Ana Pisco, António Lérias, Carlos Picassinos, Patrick Mendes, Paulo Granja, Ricardo Murta Jorge, Tiago Magalhães. **Cartoonistas:** Miguel Oliveira, Óscar Coelho, Rodrigo **Fotografia**: Paulo Antunes, João Paulo Bichão. **Grafismo:** Ana Bernardes, Carlos Loureiro, Nuno Curado, Paulo Antunes, Ricardo Matos. **Revisão:** André Correia, João L. Queirós. **Impressão:** Beiras Texto SA **Tiragem**: 2000 exemplares. **Publicidade:** Nádia Esteves. **Administração:** Direcção da Secção de Jornalismo da AAC: **Presidente:** Rui Mendes. **Tesoureiro:** Susana Flores. **Secretário:** Nádia Esteves. **Vogais:** João L. Queirós, Ricardo Rocha Diniz. **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra. **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, DG/AAC, Serviços de Acção Social da UC, Secretaria Geral da UC.
Sede: Rua Padre António Viera. **Telefone:** (039)38934. **Fax:** (039) 23505 **E-mail:** cabra@cygnus.ci.uc.pt

DOM
MÚSICA AO VIVO * CINEMA * SERVIÇO DE BAR * SALA DE PIANO * GALERIA DE EXPOSIÇÕES

Esforça-te

A Cabra tem cinco inscrições à borla para o Rally Paper da Queima das Fitas.

Cinco inscrições à espera dos primeros cinco leitores que aparecerem na nossa redacção que saibam identificar o personagem mistério* da fotografia ao lado.**

e ganha.

* É Presidente, mas não é o Jorge...
** Os vencedores não poderão utilizar nenhuma publicidade nos seus veículos além da do jornal.
***** Prémio especial para a primeira rapariga que fizer uma serenata à janela d' A Cabra
**********Este Concurso não está autorizado pelo Governo Civil, porque nós somos Regionalistas (e taxistas*).
* sem carro

Cantinas

Cantina a funcionar nos dias 4 e 5, 11 e 12de Maio: Cantina do Hospital.

Semana Gastronómica Açoriana de 29/4 a 3/5 na Cantina A

Ementa semanal:

-2ª Feira: Creme de cenoura
Almoço: Febras de porco grelhadas com esparguete e legumes
Jantar: Solha "au Menier" com batata ensalsada e alface.
-3ª Feira: Sopa de legumes
Almoço: Frango assado com arroz de cenoura, batata frita e alface
Jantar: Lulas grelhadas com batata cozida e grelos salteados
-4ª Feira: Caldo verde
Almoço: Feijoada à Portuguesa
Jantar: Costeleta de porco "au sauté", com limão, batata assada
-5ª Feira: Sopa caseira
Almoço: Filetes de pescada com arroz de tomate e salada
Jantar: Hamburger com ovo estrelado, fiambre, batata frita
-6ª Feira: Sopa de nabiças
Almoço: Frango frito, arroz branco e salada mista
Jantar: Peixe espada grelhado com puré, cenoura torneada
-Sábado: Sopa Portuguesa
Almoço: Lombo com "champignons", arroz, batata frita
Jantar: Pargo mulato ("red fish") assado com batata corada
-Domingo: Canja de Galinha
Almoço: Costeleta de porco "au sauté" com arroz, batata frita
Jantar: Filetes de pescada com arroz de tomate, alface e cenoura

Horário: Das 12h às 14h15 para almoço. Das 19h às 21h15 para jantar.

-A cantina dos Grelhados e os Snacks não encerram durante a tarde.
-É de realçar que, durante a semana, e por trinta míseros escudos, podes tomar o teu consistente pequeno almoço na cantina A... até às 10h

Beber & dançar

E, para quem goste de curtir a noite coimbrã, estes são os locais aconselhados para este número:

Diligências Bar: Ambiente acolhedor, fado ao vivo, petiscos e uma Sangria Especial(issima) vivamente aconselhados.
Rua Nova, nº 30.
Sem consumo obrigatório. Fecha às 2h00.

Dixie: O bar ideal para uma conversa entre amigos, ao som de música agradável.
Rua Joaquim António Aguiar
Não tem consumo obrigatório

Califa Bar - Bar Galeria
-Rock Britânico e Americano, noites góticas às quintas-feiras e concertos semanais de bandas independentes
-Não tem consumo obrigatório, mas shots vários e sangria a bom preço
-Aberto ao domingo
-Rua da Matemática, nº 4

Sing-Sing: Mesmo ao lado das amarelas, uma alternativa paras as noites coimbrãs. Karaoke às terças-feiras e música ao vivo com frequência.
Rua Castro Matoso. Até às 2h.
Consumo mínimo: 500$00, 750$00 terça-feira (com bica aberta)

Boemia Bar
-Abre das 12h às 15h e das 18h às 2h
-Genero tradicional
-Grelhados, moelas, sandes e o muito conceituado "cachorrão", a preços asseciveis
-Rua do Cabido, nº 6 tel. 34547

Discotecas:

- States: The real "street lobotomy". Mosh, Dr. Martens e outros fumos...
Alameda Calouste Gulbenkian.
Consumo mínimo obrigatório de 700$00.

- Etc.: Música POP comercial que confere ambiente familiar à discoteca. Ideal para aquela buba.
Avenida Afonso Henriques
Consumo: 2ª F.- Bica Aberta- 1000$00 Fim de semana- 750$

Vendo colunas SONY SS-705 por 7000$00
Telefone: (052) 53996
Honorato Neto
Telefone-lhe, é nosso anunciante

Curso Teórico-prático de Astronomia e SETI
data: 15 de Maio, 9 sessões semanais
Inscrições pelo telefone 811040 (Alexandre Cartaxo),
E-Mail: apaseti@nautilus.fis.uc.pt

Pintura na Galeria Santa Clara

Até ao dia 3 de Maio, na Galeria Santa Clara, está uma exposição de pintura de Valdemar Peixoto. Pode ser vista todos os dias das 14h 30m às 20 horas. Valdemar Peixoto nasceu em Coimbra em 1934 e desde 1976 expõe regularmente. Grande parte do seu trabalho insere–se no âmbito da aguarela ou do desenho aguarelado.

Moral da História? Vais ter de investir numa PEDRA para lá chegar...

" A Pedra", revista "mázinha e terapêutica", foi relançada no mês de Março.Tendo por objectivo divertir as pessoas, esta publicação independente, apoiada pelo NEPCE, pretende difundir o gosto pela BD e estabelecer subtis críticas na revelação de novos valores.

A sua existência remonta há

dois anos. "Começou com a paixão pelos "bonequinhos" e pelas palavras. Assim continuou. Começou com o desejo férreo de cumprir as paixões". Publicada "quando há oportunidade", dispõe actualmente de três números. A sua referência no Diário de Notícias , no Combate e futuramente na Tranvia (revista germânica de actualidades política, social e cultural Ibéricas), concorre para o reconhecimento da qualidade e originalidade da revista.

O criador de " A Pedra", Alexandre Esgaio (Xana), encontra–se representado, enquanto autor de BD, no Salão de Banda Desenhada da Amadora, no livro "Indiferença", a ser lançado pela DG/AAC e em diversos suplementos de BD do Diário de Notícias (DN Jovem). Aliando–se a Marco Ramos, criaram a "Desmaio Produções", junto da qual qualquer interessado poderá adquirir "A Pedra" que, não tendo margem de lucro, é vendida pelo preço de 250$.

Perspectivas de futuro? A divulgação ao maior número de pessoas possível, um aperfeiçoamento do corpo da revista e, obviamente, a continuidade do espírito da mesma.

Nádia Esteves

Movimento Estudantil em Livro

No dia 29 de Abril pelas 18 horas foi feita a apresentação pública, no Centro Cultural D. Dinis, do livro "Movimento Estudantil e Crise do Estado Novo — Coimbra 1962". Esta obra, lançada pela Minerva Editora, é da autoria de Álvaro Garrido, historiador e docente na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Na sessão de lançamento referida estiveram presentes a actual Presidente da Direcção–Geral da Associação Académica, Zita Henriques e a pessoa que ocupou esse cargo em 1960/61, o Dr. Carlos Candal. A apresentação do livro esteve a cargo do Prof. Doutor Luís Reis Torgal, docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Fando e Lis - Humor, Amor e Ódio

A peça " Fando e Lis ", de Fernando Arrabal e apresentada pelo TEUC, terá inspirado ao público uma certa ambiguidade. Na minha óptica, trata–se de um fomentar da confusão do qual se poderão retirar as mais variadas elações e ideias, não de fácil interpretação. Um homem mau, uma mulher infeliz. Três homens e um caminho. Um ciclo percorrido por todos eles e um imensa vontade de encontrar uma saída.

" Fando e Lis " gira em torno dos conflitos pessoais em que a necessidade de precaução contradiz ou confirma os sentimentos turbulentos e confusos dos personagens. Foca a procura de orientação que se conjuga e confronta com o seguimento de um caminho desconhecido e cujo fim é impossível de alcançar. Há que descobrir o que é realmente importante e definir, por ordem decrescente, as prioridades, para com elas ter sempre uma saída, uma escapatória ao imprevisível. O desejo de induzir e prever está lado a lado com uma bússula que indica um caminho futuro não realizável.

Fando é sádico e mau revelando–se, no entanto, simpático e afável - em algumas situações homem triste, só e comunicativo, demonstrando gostar muito de Lis. É um personagem dúbio por excelência (como, aliás, todos são) e em certos momentos é positivo e humano, pois entre a sua loucura tem espaços de rendenção, aproximando–se do homem passível de ser compreendido.

Muito embora vítima, Lis é uma mulher a quem falta a iniciativa; triste e acabada, pouca força lhe resta para tentar uma vida melhor. Tem ainda um pouco de esperança e, talvez por isso, submete–se a Fando e aos seus devaneios sádicos , despertando angústia e dó.

A uma busca de segurança repleta de precauções e previsões vem aliar–se o desejo da omnisciência da curiosidade e do relato correcto e verdadeiro dos factos. Porém, a noção de verdade e falsidade mistura–se e perde o sentido neste enredo, uma vez que se afasta do sucedido e dos seus factos reais, de tal forma está carregada de sentimentos próprios de cada narrador.

Uma visão carnavalesca da vida de cada um, bem retrada nesta peça, conduz à reflexão sobre as incertezas, os devaneios, o medo e a capacidade de decisão das pessoas.

Por fim, uma perspectiva humorística vem unir–se ao desenrolar da história, tornando " Fando e Lis" uma obra digna de ser pensada por todos.

Susana Flores

As questões Humanitárias

Durante os dias 26, 27 e 28 do mês de Abril, os estudantes de Humanidades reuniram–se no Teatro Paulo Quintela para debater todos os problemas ligados à sua área de ensino.

Com a organização de oito associações de estudantes, de onde se destaca a Associação Académica de Coimbra pela parte logística e maior parte da restante organização, o Encontro Nacional de Estudantes de Humanidades decorreu sem grande polémica, mas com alguma disputa entre associações por protagonismo. De realçar que as conclusões que saíram deste encontro não têm qualquer poder deliberativo mas, segundo Filomena Oliveira, vice–presidente da AAC, "constituem, no entanto, uma súmula de ideias e propostas, com a finalidade de solucionar alguns dos problemas dos estudantes da áreas de Humanidades". Embora a impressão unânime tenha sido positiva, houve pontos negativos neste encontro, dos quais se lamenta Filomena Oliveira: "É de lamentar a colaboração nula dos elementos dos orgãos de gestão da FLUC a nível de participação e discussão dos temas que estavam em debate. É também lamentável a participação praticamente inexistente dos alunos da mesma faculdade, tendo sido alvo de críticas não só pelos colegas que ali estiveram a representar as faculdades de letras de outras universidades mas também pelos próprios docentes, que se mostraram interessados por estas questões, tendo sido enriquecedor a este encontro a atenção que mostraram."

Na mesa estavam pontos como os problemas dos estágios, as dificuldades de comunicação entre o Ensino Secundário e Ensino Superior e a problemática da investigação na área das Humanidades e o seu ponto mais quente, o financiamento. Como resposta a estes problemas foram apresentadas propostas por grande parte da associações presentes. Constando dessas propostas, entre outras, estão o fortalecimento da vertente prática na formação psico–pedagógica, a redução do número de alunos nos Ensinos Secundário e Superior, a criação de um estudo que quantifique a situação real das saídas profissionais no quadro das ciências sociais e humanas, o alargamento da escolaridade mínima obrigatória ao 12º ano e a cooperação com os países de língua oficial portuguesa como forma de solução de integração profissional.

RRD

Carlos Loureiro